

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ÁREA FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Marcio Fernandes da Silva

Educar para a submissão – o caso Opus Dei

São Paulo

2009

MARCIO FERNANDES DA SILVA

Educar para a submissão – o caso Opus Dei

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Filosofia e Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Jean Lauand.

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
- | | |
|----------------|---|
| 37.01 S586e | Silva, Marcio Fernandes da Educar para a submissão: o caso Opus Dei / Marcio Fernandes da Silva ; orientação Luiz Jean Lauand -- São Paulo: s.n., 2009. 154 p. ; apêndices ; anexos |
|----------------|---|
- Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e Educação)
– Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
1. Igreja Católica 2. Educação 3. Seitas religiosas
4. Ambigüidade 5. Virtude I. Lauand, Luiz Jean, orient
-

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcio Fernandes da Silva

Educar para a submissão – o caso Opus Dei

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Filosofia e Educação.

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

À minha mãe, a professora Vera Lourdes Gayego Fernandes da Silva, e ao meu pai, o geólogo Ricardo Fernandes da Silva (*in memoriam*).

“Nada estimo mais do que contrair uma aliança de amizade com homens que amem sinceramente a verdade.”

Espinosa

RESUMO

SILVA, Marcio Fernandes da. **Educar para a submissão – o caso Opus Dei**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

A **idéia central da dissertação** é explicitar a “filosofia da educação” subjacente às práticas do Opus Dei e discutir criticamente estas práticas. A **contribuição principal** do trabalho será a demonstração de que a concepção de educação do Opus Dei tem como objetivo a formação de indivíduos submissos em grau universal e irrestrito. Serão também explicitados os meios utilizados pela instituição para obter este objetivo. A **natureza do trabalho** é a de uma pesquisa teórica que – além da bibliografia usual – inclui o exame de diversos casos e testemunhos. O **objeto a ser pesquisado** se subdivide nos textos produzidos pelo Opus Dei (de autoria de seu fundador, o espanhol Josemaría Escrivá, e de seus seguidores) e no que podemos chamar de educação informal do Opus Dei, que são as atividades levadas a cabo nas casas da instituição. O **objetivo visado**, portanto, é trazer à luz uma análise científica sobre as práticas “educacionais” do Opus Dei e seus reflexos no indivíduo. O **referencial teórico** remete à obra de autores que se debruçaram sobre as temáticas da virtude da *prudentia*, linguagem e psico-sociologia: Tomás de Aquino, Karl Popper e Erich Fromm. Os **procedimentos metodológicos** consistem na pesquisa teórica e no exame de relatos. O **procedimento técnico-operacional** consiste em analisar os escritos do Opus Dei, sempre confrontados com os depoimentos de quem vivenciou as práticas da instituição, à luz dos referenciais teóricos apontados.

Palavras-chave: Opus Dei. Submissão. Seita. Manipulação. Ambigüidade. Prudência.

ABSTRACT

SILVA, Marcio Fernandes da. **Educate for submission – the case Opus Dei.** 2009. Dissertation (Master of science) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

The central idea of this work is to present the “educational philosophy” of Opus Dei’s practices and critically analyze those practices. The main contribution of this work shall be the demonstration that the Opus Dei’s concept of education has as primary goal the production of fully submitted individuals. The methods used by the institution to achieve this goal will also be presented. The work’s nature is theoretical, but also includes the analysis of many testimonies of real cases. The object of research is composed by Opus Dei’s texts (written by its founder, the spanish Josemaría Escrivá, and by some of his followers) and by the so called informal education of Opus Dei, witch are activities that usually take place inside the institution’s houses. The objective, therefore, is to present a scientific analysis of the Opus Dei’s “educational” practices and its consequences on the individual. The theoretic references are authors who have studied the fields of *prudentia*, language and psycho-sociology: Tomas de Aquino, Karl Popper and Erich Fromm. The methodological procedures consist on the theoretical research and on the analysis of testimonies. The technical-operational procedure consist on the analysis of Opus Dei’s texts and testimonies of ex-members.

Key-words: Opus Dei. Submission. Sect. Manipulation. Ambiguousness. Prudence.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Prólogo..... | 10 |
| Introdução..... | 18 |
| Capítulo 1 – Breve histórico do Opus Dei..... | 23 |
| Capítulo 2 – Estratégias de captação de membros..... | 38 |
| Capítulo 3 – Estratégias de programação e retenção de membros..... | 47 |
| Capítulo 4 – Conseqüências das estratégias adotadas..... | 65 |
| Capítulo 5 – O indivíduo e o grupo numa perspectiva psicológica..... | 101 |
| Conclusão..... | 109 |
| Referências..... | 111 |
| Apêndice A – Trechos de <i>Opus Dei - os Bastidores</i> | 114 |
| Apêndice B – Opus Dei e Herbalife: traços comuns..... | 129 |
| Anexo A – Como o Opus Dei argumenta cientificamente..... | 135 |
| Anexo B – Os supernumerários e a “direção espiritual” no Opus Dei – um exercício de ficção..... | 139 |
| Anexo C – Valoração crítica de <i>Pedagogia do Oprimido</i> de Paulo Freire..... | 152 |

PRÓLOGO

Desde a publicação do livro *Opus Dei – os Bastidores* (em co-autoria) passaram-se já três anos. Devido à notável repercussão desta obra, tivemos a oportunidade de participar de muitos debates, tanto públicos quanto em âmbito particular, sobre o tema Opus Dei. Estes debates, conversas e trocas de pontos-de-vista acabaram, naturalmente, por integrar a pesquisa de mestrado e permitiram também que, pouco a pouco, fôssemos refinando a nossa percepção do fenômeno.

Voltar a escrever sobre o Opus Dei significou um duplo desafio e – ao mesmo tempo – uma dupla oportunidade. Em primeiro lugar o desafio de submeter o tema ao método acadêmico, e em segundo lugar o desafio de preencher eventuais lacunas e aclarar eventuais obscuridades do livro *Opus Dei – os Bastidores*, colocando neste momento o foco nos mecanismos de dominação e manipulação dos quais se serve a prelazia.

Numa das disciplinas que cursamos na pós-graduação, na Faculdade de Educação da USP, explicava-nos o Prof. Elie Ghanem a diferença entre a importância prática e a relevância científica de uma pesquisa. Exemplificou com a pesquisa de Mendel sobre a reprodução de ervilhas. Pouca importância prática tinha o caso concreto da previsão do tipo de ervilha que nasceria do cruzamento de ervilhas do tipo X com ervilhas do tipo Y. Mas o experimento de Mendel teve imensa relevância científica, uma vez que, a partir dos experimentos com as ervilhas, conseguiu Mendel elaborar enunciados basilares da genética, válidos para todos os seres vivos.

Teria, então, a presente pesquisa alguma importância prática? Sim, pois os resultados da presente pesquisa podem, eventualmente, ajudar pessoas que, sem possuir ainda informação completa sobre o Opus Dei, dele acabaram se aproximando, através das inúmeras atividades que a instituição promove, com o principal objetivo (normalmente oculto) justamente de captar novos membros para a instituição. Os resultados da pesquisa poderiam, também, ajudar algum pai em sua escolha de escola para seus filhos, uma vez que existem escolas, também no Brasil, que adotam como princípios norteadores os princípios da educação do Opus Dei, em geral sob o rótulo *fomento de centros de enseñanza*.

É certo que, com a ampliação da difusão de informações mais completas sobre os bastidores da instituição, a mesma vem perdendo força, sobretudo a partir do início

da década atual. A popularização do uso da rede mundial de computadores (Internet) teve papel fundamental neste processo de difusão de informação mais completa sobre o Opus Dei. Em particular, é necessário mencionar a criação do site *opuslibros.org*, pela espanhola Agustina López de los Mozos Muñoz. É sem dúvida, na Internet, a fonte mais rica e completa de informações a respeito da prelazia. No ar desde dezembro de 2002, nestes 6 anos tem publicado uma média de cerca de dez correspondências diariamente, o que perfaz milhares e milhares de depoimentos, testemunhos e comentários de ex-membros (e também de membros da prelazia); mais de uma centena de *e-books* críticos ao Opus Dei, além de toda uma imensa quantidade de documentos internos. Com seu eficiente sistema de buscas, o site *opuslibros.org* fornece seguras e fartas fontes para documentos internos da prelazia, sentenças do fundador etc., das quais – explícita ou implicitamente – nos valem frequentemente neste trabalho.

Até as décadas de 1980 ou 1990, quando não havia informação completa e de fácil acesso sobre a instituição, pessoas com boa vontade e pertencentes a círculos intelectuais mais elitizados eram passíveis de sofrer o sutil processo de captação, sedução e doutrinação praticado pelo Opus Dei. Almas generosas estavam dispostas a fazer um sacrifício pessoal em favor do que acreditavam ser um bem maior: a sincera busca da santidade pessoal e a conseqüente melhoria do mundo em que vivemos. Hoje, devido à difusão de informações, a instituição não consegue, com a mesma facilidade, adquirir para seus quadros pessoas com maior preparo intelectual. Atualmente, são razões sobretudo de ordem emocional que levam indivíduos a ainda pedir admissão aos quadros da prelazia. Pode-se falar, então, numa espécie de “vacina social”: a própria sociedade, num processo de troca de experiências entre indivíduos, desenvolve auto-defesas. Indivíduos que um dia foram “infectados” por um agente externo, mas que a ele não sucumbiram, tornam-se como “anti-corpos” capazes de proteger outras células do tecido social.

Não conseguindo mais trazer para seus quadros pessoas com maior preparo intelectual significa dizer que, com o passar dos anos, integrarão a instituição indivíduos menos capazes de defendê-la e promovê-la, o que compromete o seu desenvolvimento e poder.

Naturalmente, mesmo dispondo de informações isentas mais completas sobre a instituição – dando conta de sua essência totalitária e fundamentalista – haverá quem se interesse em associar-se a ela. Neste caso, como se diz popularmente, “para quem gosta, é prato cheio”. Mas, sem dúvida, o fato de estas informações estarem disponíveis já é

um enorme avanço, pois estas informações evitam que pessoas tenham que amargar anos de experiências no seio da instituição para que seja possível formar um quadro intelectual satisfatório sobre a mesma.

Em todo caso, acreditando haver uma tendência inata no ser humano ao repúdio do totalitarismo e à busca de visões de mundo mais abertas e amplas que as visões fundamentalistas, e, mantendo-se este processo de livre difusão de informações sobre as práticas da instituição, é de se esperar que ocorra um definhamento da mesma. Desta forma, com o passar dos anos, pouca importância na sociedade ou mesmo na Igreja Católica passaria a ter a instituição. Neste sentido, definhando o grupo, pouca ou nenhuma importância prática teria, no futuro, o presente trabalho, exceto como referencial para análise crítica de instituições semelhantes, que, infelizmente, parecem sempre surgir.

É já possível colher observações sobre o grupo comprovando a aludida tendência ao definhamento. Por exemplo, até a década de 1990, o Centro Cultural Pinheiros, em São Paulo, funcionava como residência exclusiva de membros numerários do Opus Dei. Já na presente década, devido à disponibilidade de quartos (proporcionada pela falta de novas “vocações” de numerários), decidiu o governo regional da Obra por acolher nas dependências do Centro¹ estudantes sem vínculos com o Opus Dei. Tal iniciativa, além de proporcionar o ingresso das mensalidades dos estudantes, é também uma forma de aproximação bastante efetiva da vida destes jovens, o que em muito favorece o mandatário trabalho de proselitismo dos membros da prelazia.

Um ex-numerário espanhol realizou pesquisas sobre a situação da prelazia na Espanha, e chegou às seguintes conclusões:

Como España sigue siendo el país con más 'fieles' del Opus Dei (se dice alrededor de unos 34.000; el segundo país siendo México con unos 8.400), hoy voy a detallar más la situación en la 'primogénita', como se conoce a la región de España en la Obra.

Como ya dije, hay 10 delegaciones en España (Madrid-oeste, Madrid-este, Barcelona, Valencia, Granada, Sevilla, Galicia, Valladolid, Pamplona y Zaragoza). Lógicamente, cada dl (delegación) tiene un ce (centro de estudios). Sin embargo, ya hace tiempo que no es el caso y

¹ Há propaganda da disponibilidade de alojamento no *site* do centro: http://pinheiros.org/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=57, acessado em 19/01/2009.

acaban de decidir de reducir el número de ce a solo 5 para toda España a partir de septiembre del este año 2005: Madrid-este (Montalbán), Barcelona, Valencia, Pamplona y Granada. Es decir que Santillana (Madrid-oeste) se cierre (será un colegio mayor) y las dl de Sevilla, Valladolid, Zaragoza y Galicia ya no tendrán tampoco ce (algunas de ellas ya no lo tenían). Esos son datos ciertos de la sv (sección de varones), pero parece que pasa lo mismo en la sf (sección femenina) donde además de los ce de numerarias, tampoco hay muchos ce de numerarias auxiliares [nax] (parece más bien que, para las jóvenes, la figura de nax esta en vía de desaparición en España como en el resto de los países de Europa).

En los ce supervivientes (hablo tanto de la sv que de la sf), hay actualmente entre 13 y 30 alumn@s por ce. Se puede así estimar que en toda España hay unos 100-120 alumn@s de ce por sección (entre las dos promociones). Es decir que salen unos 50-60 numerari@s al año de los ce. Hay que compara estas cifras con las de hace solo 20 años cuando había entre 400 y 500 alumn@s en todos los ce de España (por sección); por lo que salían unos 200-300 jóvenes numerari@s al año para encargarse de la labor.²

Há os que advogam que a instituição poderia sofrer um processo de reforma, seja ele imposto por autoridades da Igreja Católica, seja por iniciativa interna. Neste processo, o grupo procuraria rever, dentre outros aspectos de sua prática, alguns de significativa importância: o “*compelle intrare*”³, ou seja, a ação orquestrada e cuidadosamente executada para impelir pessoas bastante jovens a assumir por toda a vida o compromisso de servir ao Opus Dei; a promiscuidade existente entre as tarefas de aconselhamento espiritual e governo da instituição (ambas andam juntas, notadamente na chamada “conversa fraterna”, que é um encontro semanal obrigatório que cada membro numerário tem, a portas fechadas, com seu superior); a blindagem ideológica a que os membros estão submetidos: proibição de leituras, cinema etc. Em suma, neste processo de reforma, o grupo procuraria rever todos os aspectos tendentes a limitar a liberdade de seus membros. Desta forma, o grupo procuraria direcionar a sua atuação

² Em <http://opuslibros.org/nuevaweb/modules.php?name=News&file=article&sid=4816>, acessado em 17/09/2008.

³ Alusão à parábola dos convidados, na qual o senhor irado diz aos servos – Lucas 14, 23 – que “obriguem a entrar” pessoas em sua ceia. Escrivá usava este versículo para legitimar o proselitismo audaz.

não para o crescimento incondicional da máquina, mas para a consecução dos objetivos apregoados em sua proposta de fachada, ou seja, difundir a mensagem do chamado universal à busca da santidade no meio do mundo – entendida como a prática de virtudes – e ajudar pessoas livremente interessadas neste ideal a aproximar-se dele em seu dia-a-dia.

Uma possível reforma do Opus Dei encontraria, de partida, dois obstáculos muito concretos. O primeiro são palavras do fundador, que dizia estar o espírito da Obra “esculpido”⁴, ou seja, pronto, definitivo, atemporal. É mais uma das pretensões do fundador, diga-se de passagem, digna de reparos. Vários autores já procuraram desnudar a personalidade do fundador (naturalmente, dispensando-se a farta literatura hagiográfica), e são unânimes ao descrever Escrivá como um homem irascível e com tendências megalomaniacas. Assim como a pretensão de “ter a mídia nas mãos”⁵, a pretensão de “esculpir” um Opus Dei – com minúcia de detalhes em seu regramento – para atravessar séculos é também um exemplo de manifestação das aludidas tendências megalomaniacas.

Pois bem, como compaginar um Opus Dei reformado com o zelo fundacional de Escrivá e de seus primeiros colaboradores, que deixaram vasta literatura interna contendo uma infinidade de normas e critérios que chegam ao nível do detalhe? O esculpido “espírito da Obra” traduz-se em diversos grossos volumes, acessíveis somente aos diretores, de *Vademecums*, *Catecismo*, *Práxis*, *Experiencias* etc., que regulam, sobretudo, cada detalhe⁶ da vida dos membros numerários. Como exemplo, veja-se “*Normas de Prudencia en las lecturas*”, um longo documento que orienta os membros a evitar os perigos da leitura de livros “nocivos”⁷.

⁴ Como dissemos, quando não explicitadas as fontes de citações do fundador e de documentos internos, elas podem ser encontradas no sistema de busca de *opuslibros.org*. No caso deste “esculpido”, por exemplo, há dezenas de indicações.

⁵ Carmen Tapia relata a explosão megalomaniaca de Escrivá, em seu momento de expulsão da prelazia (em http://www.opuslibros.org/libros/Tras_umbral/capitulo_8_II.htm, acessado em 19/01/2009): “Entonces, monseñor Escrivá empezó a caminar de un lado para otro, muy agitado, muy irritado, rojo, furioso, mientras decía:

-Y no hables de la Obra ni de Roma con nadie. No nos indispongas con tus padres, porque ¡¡¡si yo me entero que hablas algo peyorativo de la Obra con alguien, yo, José María Escrivá de Balaguer, que tengo la prensa mundial en mis manos -y decía esto mientras con un gesto confirmaba con sus manos esta idea- te deshonraré públicamente, y tu nombre saldría en la primera página de todos los periódicos, porque de eso me encargaría yo personalmente y sería tu deshonra ante los hombres y ante tu propia familia!!!”

⁶ É importante lembrar que cabe ao diretor de cada membro, em cada momento, indicar ao subordinado como será a interpretação e a aplicação concreta de determinada norma ou critério.

⁷ Documento disponível em http://www.opuslibros.org/libros/Normas_prudencia.htm, acessado em 19/01/2009.

O segundo obstáculo, a nosso ver, é de transposição mais difícil. Trata-se de uma mudança no *driving-force* em nível institucional, o que passa necessariamente por uma profunda mudança de mentalidade dos indivíduos que ocupam posições de governo. A força motriz, a norma fundamental do grupo teria que passar do afã de crescimento e aumento de poder para a prática – e também a difusão – de um cristianismo genuíno.

Cabe aqui uma explicação do que entendemos ser um cristianismo genuíno. Muito longe dos debates a respeito da historicidade da figura de Jesus Cristo e também dos acertos e desacertos da Igreja Católica ao longo dos séculos, interessa-nos, neste ponto, fazer uma muito breve caracterização do cristianismo, enquanto visão de mundo e do ser humano. Ser cristão é dar ao ser humano – não ao ser humano em abstrato, não ao construto “humanidade” – concreto, do aqui e agora, que interage conosco (este é o tão falado “próximo”), o mesmo *status*, a mesma dignidade, o mesmo valor, a mesma importância que damos a nós mesmos. Desta sentença decorre um corolário fundamental, que é o respeito ao livre arbítrio do outro.

Podemos acrescentar, ainda, o que entendemos não ser cristianismo. Não é ser cristão instrumentalizar o próximo, ainda que se pretenda, com esta instrumentalização, prestar um louvável benefício à “humanidade”, em abstrato. Ou seja, é inadmissível, para o cristão, que um ser humano seja meio para que se atinja uma finalidade vislumbrada por outro ser humano. Negar a liberdade ao próximo é reduzi-lo ao *status* de coisa.

Não é cristianismo, também, o apego à norma – o chamado legalismo. Dar maior importância à lei do que ao homem é reduzir o homem. Toda lei só tem sentido quando há, na sua interpretação teleológica, um benefício ao homem. Até mesmo o que os homens de fé chamam de “Lei de Deus”, só tem sentido quando a sua finalidade é proporcionar maior felicidade aos homens. Por isso, não é o homem para a lei, mas a lei para o homem. Assim, qualquer sistema que coloque como fundamento – por exemplo, uma suposta revelação divina – algo que acabe por se transformar num rígido conjunto de regras de comportamento, não pode ser considerado cristão, pois degrada o homem à condição de súdito da lei.

Ser cristão é respeitar a vida (em sentido amplo, e não somente a mera existência biológica), a grandeza e a liberdade do outro. É não impor-lhe nada, sob nenhum pretexto. É o que decorre da leitura serena do relato evangélico. No Opus Dei é freqüente que, se um membro, percebendo melhor a realidade dos bastidores, começar a

fazer críticas aos superiores, e, tornando-se a conversa mais acalorada, o superior acabe por pontificar: “Você não entendeu o Opus Dei.” Na realidade, este membro poderia, sem errar, responder: “Você não entendeu a essência dos evangelhos.” De fato, uma leitura atenta e serena dos evangelhos, com um pouco de perspectiva histórica, e sem levar em conta qualquer viés fundamentalista, nos permite concluir que se trata de um belíssimo – talvez até o mais belo – apelo à liberdade da história da literatura.

Claro que, dada a necessidade da vida em sociedade, a liberdade dos indivíduos pode trazer problemas. Mas acabaríamos por fugir muito do escopo deste trabalho se empreendêssemos uma análise aprofundada da idéia de liberdade. Discorrer sobre a liberdade é tarefa grandiosa, e os que a realizam com sucesso são merecedores dos mais altos méritos. Contentemo-nos por afirmá-la como valor inalienável do ser humano, lembrando ainda da magnífica forma com que o filósofo Julián Marias a defendeu: “*Yo creo que los males de la libertad se curan con más libertad y se curan ejerciéndola, todos.*”⁸

Voltemos, então, ao segundo obstáculo a uma possível reforma do Opus Dei. Dissemos que a mentalidade dos indivíduos que ocupam posições de governo teria que migrar do afã de crescimento e poder para a prática cristã genuína. Trata-se de uma tarefa de conversão interior, e sabemos que não é fácil mudar atitudes já bastante arraigadas. Se o nome do jogo mundano é poder, converter-se, em nível individual e institucional, a uma prática cristã autêntica significaria desistir de participar deste jogo. Não é fácil. Ainda mais quando se trata de um *player* de porte considerável, com toda uma estrutura já construída, com forte penetração na cúpula da Igreja Católica e com uma tremenda inércia financeira, esta catapultada pelos anos de franquismo, quando a instituição floresceu politicamente e no mundo dos negócios.

Mas um Opus Dei reformado já não seria o Opus Dei que é objeto desta dissertação. Por isso voltamos ao nosso trabalho de desnudar a instituição e identificar os mecanismos para a obtenção de controle e submissão, sobretudo através da análise dos depoimentos de pessoas que foram protagonistas do seu dia-a-dia.

Teria a presente pesquisa relevância? Poderia a presente pesquisa gerar conhecimento que se aplique não apenas ao caso do Opus Dei? Novamente, provavelmente sim. Existem, no mundo todo, além do Opus Dei, outras organizações com traços semelhantes. Se forem identificadas as características da educação do Opus

⁸ Entrevista publicada em http://www.cuentayrazon.org/revista/doc/026/Num026_007.doc acessado em 31/12/2008.

Dei que provocam a submissão irrestrita dos indivíduos, e, se estas características estiverem presentes em outras organizações, é de se concluir que (*mutatis mutandis*) as conclusões aplicáveis ao caso do Opus Dei sejam também aplicáveis a outras organizações semelhantes.

INTRODUÇÃO

Objeto e Justificativa

Muitos têm escrito sobre o Opus Dei: pró ou contra; com maior ou menor profundidade; sob este ou aquele aspecto etc. Para além das questões, por assim dizer, eclesiais, interessa-nos, neste trabalho, um aspecto de extrema importância para a Educação e para a Filosofia da Educação: como o *modus operandi* do Opus Dei produz uma atitude de submissão universal e irrestrita em seus membros.

Se essa “pedagogia” dirigida à submissão é comum a todas as seitas, no caso do Opus Dei ela se estende (especialmente no caso dos numerários – membros celibatários que assumem as obrigações de obediência total aos superiores e de entregar todo o seu patrimônio e renda à instituição, além de viverem em centros da Obra) a limites que superam qualquer similar. Considerando que se trata de uma instituição que conta com o respaldo da Igreja Católica e que goza de grande poder dentro dela, a análise desses complexos mecanismos torna-se, por um lado, uma necessidade urgente, e por outro, um tema fascinante.

Nosso objetivo, diríamos quase, nosso desafio, é o de desemaranhar o cipoal de camuflagens e encontrar de modo sistemático (na medida do possível) a “pedagogia” subjacente ao *modus operandi* do Opus Dei.

Em seu site oficial, o Opus Dei apresenta-se da seguinte forma:

O Opus Dei é uma instituição da Igreja Católica, fundada por São Josemaria Escrivá. Sua missão consiste em difundir a mensagem de que o trabalho e as circunstâncias do dia-a-dia são ocasião de encontro com Deus, de serviço aos outros e de melhora da sociedade. O Opus Dei colabora com as igrejas locais, oferecendo meios de formação cristã (palestras, retiros, atenção sacerdotal), dirigidos a pessoas que desejam renovar sua vida espiritual e seu apostolado. [...]

Todos os batizados são chamados a seguir Jesus Cristo, e a viver e dar a conhecer o Evangelho. A finalidade do Opus Dei é contribuir para essa missão evangelizadora da Igreja, promovendo, entre fiéis cristãos de todas as condições, uma vida plenamente coerente com a fé nas circunstâncias correntes da existência humana e especialmente por meio da santificação do trabalho. [...]

A formação é ministrada nas sedes dos centros da prelazia do Opus Dei e em outros lugares apropriados.⁹ (grifos nossos).

Em resumo: a finalidade do Opus Dei, segundo o próprio Opus Dei proclama, é contribuir para a missão evangelizadora da Igreja através de meios de formação espiritual e atendimento pastoral. Difundir mensagens, formar e evangelizar são atividades que têm como significado comum transferir a outros indivíduos um conjunto de idéias, conceitos e valores, o que, em última análise, significa *educar*, em sentido amplo.

Sabe-se que qualquer um que se proponha a educar possui – ainda que isto não seja algo consciente – como pressuposto uma visão do ser humano, da sociedade e do mundo, uma pedagogia e uma filosofia da educação. Portanto, há também por trás das práticas de formação do Opus Dei a sua particular pedagogia.

Cabe aqui uma ressalva importante, que é a de que não se pode em sentido estrito atribuir à ideologia do Opus Dei o caráter de filosofia, por uma razão simples: a filosofia, entendida como o exercício rigoroso da capacidade humana de fazer uso da razão, está sempre disposta a questionar os seus pressupostos e assim aperfeiçoar-se. Qualquer filosofia, portanto, para fazer jus ao uso do termo, é necessariamente um sistema aberto. Já a ideologia do Opus Dei, conforme repetido no processo de doutrinação de seus membros, é um sistema pronto, definitivo, acabado. “O espírito do Opus Dei foi esculpido”, é o que se afirma – a sentença é do próprio Escrivá – no processo de doutrinação. Desta forma, não permitindo questionamentos de qualquer ordem, muito menos de suas premissas fundamentais, o sistema da instituição é fechado, hermético, e portanto não pode enquadrar-se na categoria de filosofia. Foi por este motivo que utilizamos a expressão “filosofia da educação” e a palavra “pedagogia” entre aspas quando anteriormente nos referimos à ideologia e aos mecanismos de doutrinação do Opus Dei.

O objetivo do presente trabalho é investigar a “pedagogia” subjacente às práticas do Opus Dei, e demonstrar que esta tem como finalidade essencial a formação de indivíduos submissos em grau universal e irrestrito.

Aqui cabe uma observação importante, que é o fato de o Opus Dei ter em seus quadros duas classes principais de membros, quais sejam, a dos membros numerários e a dos membros supernumerários. De forma bastante simplificada, pode-se dizer que os

⁹ Em <http://www.opusdei.org.br> acessado em 05/02/2008.

numerários são os membros celibatários, e os supernumerários são os membros que podem se casar. No presente trabalho, embora algumas vezes haverá referências ao caso dos supernumerários, prevalecerá a análise para o caso dos numerários, visto serem estes os integrantes do “estado maior” da instituição (cf. *Caminho* No. 28), e plenamente expostos a seus métodos de doutrinação.

Utilizamos a expressão “submissos em grau universal e irrestrito” porque – conforme pretende-se explicitar com maior clareza e profundidade ao longo deste trabalho – o grau de submissão que um membro numerário do Opus Dei tem com relação à instituição é superlativo, impedindo que desenvolva a sua própria personalidade.

A vida em sociedade pressupõe, naturalmente, algum grau de submissão, sob pena de sua inviabilização face ao caos que se estabeleceria caso isto não ocorresse. Assim, submetem-se, ainda que minimamente: cidadãos em relação ao ordenamento jurídico estabelecido pelo Estado; um cônjuge em relação ao outro cônjuge; filhos em relação aos seus pais; alunos em relação a seus professores; condôminos em relação às regras estabelecidas pela convenção de condomínio e assim por diante. Ocorre que, nos exemplos citados, não se pretende que a submissão exigida impeça o livre desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo. Ao contrário, o pressuposto da submissão, em cada um dos exemplos citados, é justamente a criação de condições para que cada um possa desenvolver plenamente as suas potencialidades, sem que este seu direito seja tolhido, e sem que, ao exercer este direito, um indivíduo impeça o exercício do mesmo direito por outro indivíduo.

Já no caso do Opus Dei a submissão que se pretende de seus membros é uma submissão em grau totalizante, uma submissão que abrange todas as esferas da vida do indivíduo, impedindo-o de desenvolver a sua personalidade. A submissão que se pretende abrange todo o tempo do indivíduo, 24 horas por dia, 365 dias por ano. Absorve todas as suas energias. Esta pretensão está contida na seguinte máxima do discurso opusiano: “*fazer o Opus Dei, sendo tu mesmo Opus Dei*”. O fundador do Opus Dei esperava que os numerários tivessem uma vida longa, com muitos anos de serviço prestado à instituição, e que terminassem as suas vidas, conforme dizia, “espremidos como um limão”.

Dentre todos os modos de dominação possíveis, um dos mais efetivos consiste em fazer com que o dominado acredite que as manifestações de vontade do dominante

significam manifestações de vontade do próprio Deus. O Opus Dei consegue isto de seus súditos.

O presente trabalho se propõe, portanto, a examinar os mecanismos praticados pelo Opus Dei para que o grupo obtenha a submissão irrestrita de milhares de pessoas ao redor do mundo, por muitos anos ou durante toda a vida, fazendo com que estes indivíduos abdicuem da utilização de sua capacidade crítica, de sua vontade de auto-determinação e da correta interpretação ou conscientização de seus genuínos sentimentos.

Metodologia

Naturalmente, o único modo de atingir a realidade de uma instituição “imunizada” (no sentido que apresentaremos oportunamente) é o de confrontar os documentos internos com a interpretação e conseqüente implementação prática que se dá aos critérios “teóricos”. Em outras palavras, é uma premissa fundamental do presente trabalho a de que não se pode chegar a conhecer a realidade do fenômeno Opus Dei apenas através do discurso que a instituição faz sobre si mesma, quando apresenta seus propósitos oficiais, mas somente quando se realiza um esforço de observação da prática concreta, dos casos reais, de decisões de pessoas concretas no dia-a-dia da prelazia.

Sendo assim, nosso trabalho só se fez possível, por um lado, graças à publicação de inúmeros “documentos internos” do Opus Dei pelo site *opuslibros.org* e, por outro lado, pelo testemunho de ex-membros, inclusive do Brasil, país onde nos últimos três anos foram publicados seis livros por mais de uma dúzia de autores depoentes.

Além dos “documentos internos” do Opus Dei e das publicações realizadas por pessoas que pertenceram à instituição, são também fonte fundamental deste trabalho as mais de 50 entrevistas – conversas longas e informais – realizadas com ex-membros numerários, de ambas as seções da prelazia. A repetição de formas de conduta, por parte do Opus Dei, narradas nestas entrevistas, aliada aos depoimentos por escrito, nos permitiu chegar à conclusão de que existe uma prática institucional, reiterada, que se configura nos mecanismos de captação, programação e retenção de membros da prelazia.

Num primeiro momento, será realizada uma análise do discurso do Opus Dei, tanto do discurso oficial externo, como do discurso praticado *interna corporis*. Em

seguida, analisar-se-á a prática institucional do Opus Dei no que concerne às estratégias de captação, programação e retenção de membros. Em terceiro lugar, analisar-se-á o resultado da combinação do discurso e da prática apresentados, ou seja, analisar-se-á o que ocorre com os indivíduos que foram submetidos a este processo. Por fim, das análises do discurso, da prática e dos reflexos nos indivíduos apresentaremos as principais conclusões obtidas.

O trabalho será feito à luz de um referencial teórico que inclui diversas instâncias epistemológicas: da prudência em Tomás de Aquino (sob o ponto de vista epistemológico) às considerações de Popper sobre a imunização, passando por Erich Fromm e a necessidade do “*belonging*” ou apoio psíquico proveniente da participação em um grupo.

CAPÍTULO 1 – BREVE HISTÓRICO DO OPUS DEI

Antes de mais nada, apresentaremos um breve histórico do Opus Dei e de seu fundador. Tenha-se em conta que, no caso do Opus Dei, o “espírito” da instituição (o tão propalado “espírito da Obra”) e a mensagem de seu fundador são indissociáveis e praticamente idênticos.

Contam os membros do Opus Dei que no dia 02 de outubro de 1928 o sacerdote espanhol Josemaría Escrivá “viu” o que Deus esperava dele: que fundasse o Opus Dei. Não há muitas explicações a respeito deste momento, e dá-se a entender que se tratou de fenômeno de ordem sobrenatural. Mostraremos o peculiar caráter “divino” da “revelação” desse espírito ao fundador e como essa instância absoluta determina o particular *modus operandi* da prelazia. Se, para o catolicismo em geral, Deus, quando muito, **inspira** um homem (seja um fundador ou mesmo um autor sagrado), os membros do Opus Dei são levados a crer que Escrivá mais do que uma inspiração recebeu uma **revelação** “descida” dos céus, ao modo da *nazala* do profeta Maomé:

Para um cristão normal, os Evangelhos são inspirados por Deus, mas o evangelho de Lucas foi escrito por Lucas. Já a palavra árabe para revelação é *nazala*, descer: a revelação é literalmente a palavra de Allah que desceu (ditada pelo anjo Gabriel). Algo semelhante ocorre em grupos cristãos que consideram as falas de seu fundador como *nazala*, produzindo, assim, “o efeito Mancha”: uma surpreendente pesquisa (na verdade, não chega a surpreender) realizada na época mais quente das torcidas organizadas, indicava que 55% dos integrantes da Mancha Verde, declararam considerar mais importante a Mancha do que o próprio Palmeiras...¹⁰

À primeira vista tal detalhe poderia parecer de menor importância. Mas, quando, num segundo momento, analisa-se o modo concreto com que são levadas a cabo as pretensões do Opus Dei, fica claro que a forte crença que “a Obra é de Deus”, que foi revelada a “nosso santo fundador”, e que “os céus estão empenhados para que a Obra se

¹⁰ Lauand, Jean “Raízes Medievais da ‘Religião Insaciável’ (e seu antídoto: S. Tomás de Aquino)” <http://www.jeanlauand.com/confMarilia.doc> acessado em 05/02/2008.

realize” está entre os fatores principais que determinam o desprezo de noções de respeito à pessoa humana para que se siga construindo a instituição mundo afora.

Um exemplo da supremacia da figura e das palavras de Escrivá – mesmo frente a outras fontes tradicionais do catolicismo – pode ser encontrado no capítulo IX de *El hombre de Villa Tevere*, uma das mais importantes “biografias oficiais” de Escrivá que o Opus Dei apresenta. Falando da comunicação direta com Deus de Escrivá, Pilar Urbano escreve:

En otras ocasiones, son como aldabonazos que resuenen con fuerza en la bóveda de su conciencia. También leyendo el periódico, después de haber celebrado misa, mientras desayuna el 23 de agosto de 1971, en Caglio, un pueblecito del norte de Italia, Escrivá siente con nitidez una locución de Dios, con palabras muy precisas: «*Adeamus cum fiducia ad thronum gloriae ut misericordiam consequamur!*» «¡Vayamos con confianza al trono de la gloria, para conseguir misericordia!» Inmediatamente después de recibir en su interior - bajito, pero diáfano - ese hablar de Dios, Escrivá relata lo ocurrido a Álvaro del Portillo y a Javier Echevarría, que están pasando esos días de vacaciones con él, allí en Caglio. Les hace notar que esa frase «oída» no es idéntica a la de la Epístola a los Hebreos: el texto dice *ad thronum gratiae*, pero Escrivá ha «oído»: *ad thronum gloriae*. Sin la menor vacilación, y brillándole los ojos de alegría por el hallazgo - son tiempos de sufrimiento por la Iglesia, en los que Escrivá anda como en carne viva - , les aclara que *Thronum Gloriae* hay que tomarlo como referido a la Virgen, Trono de Dios, con idéntico sentido con que se la llama *Sedes Sapientiae*, Asiento de la Sabiduría.¹¹

O versículo citado (Hbr 4, 16) encontra-se num contexto em que a epístola está se referindo exclusiva e inequivocamente ao Sumo Sacerdócio de Cristo, e imediatamente antes e depois fala que esse Sacerdote é capaz de misericórdia para conosco (4, 15 e 5, 2 etc.). Mas, para os membros do Opus Dei, a partir desse momento prevalece a “locução divina” a Escrivá sobre o tradicional texto da Bíblia. No santuário de Torreciudad, construído e decorado sob a supervisão direta de Escrivá, a imagem de

¹¹ Em http://www.oracionesydevociones.info/02710009_novenocap.htm acessado em 05/02/2008.

Nossa Senhora é apresentada como trono da graça, como diz o próprio Prelado Javier Echevarría:

La imagen de la Virgen de Torreciudad representa a Nuestra Señora como trono del Verbo encarnado. Ella es Asiento de la sabiduría, el Trono de la gracia y de la gloria...

O Prelado continua, explicando a mudança, poderíamos dizer, a “correção” que Escrivá fez à Epístola aos Hebreus:

... *Adeamus cum fiducia ad thronum gratiae, ut misericordiam consequamur!* (Hbr 4, 16). Estas palabras, con una pequeña modificación, fueron motivo de meditación agradecida para el Beato Josemaría, que repetía de corazón: *adeamus cum fiducia ad thronum gloriae ut misericordiam consequamur!* Acudamos, pues, al Trono de la gracia, de la gloria, para alcanzar misericordia.¹²

A partir da “pequena modificação” o trono da graça já não é mais Cristo Sacerdote como quer a Bíblia, mas “la Virgen”, como quer Escrivá. Numa instituição com dois discursos – e na qual, frequentemente, o discurso interno não coincide com o externo – pode-se imaginar a força que as locuções divinas têm no discurso interno, para a formação de seus membros (se, neste caso, até mesmo no discurso externo, chegou-se ao extremo de ser realizada uma correção na Bíblia).

Por mais que no discurso externo se apregoe absoluta sintonia com o Papa, se necessário, corrige-se também o Papa ou, pelo menos, omitir-se-ão, na pregação interna, textos do Papa que são contrários aos de Escrivá. É o que ocorreu com o seguinte texto de João Paulo II:

Assim, faz parte do ensinamento e da prática mais antiga da Igreja a convicção de estar obrigada, por vocação — ela própria, os seus ministros e cada um dos seus membros — a aliviar a miséria dos que sofrem, próximos e distantes, não só com o “supérfluo”, mas também

¹² Em <http://64.233.169.104/search?q=cache:BXpqOIhpjNMJ:www.ee-iese.com/76/76pdf/reflexion.pdf+%22fiducia+ad+thronum+gloriae%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br> acessado em 05/02/2008.

com o “necesário”. Nos casos de necessidade, não se podem preferir os ornamentos supérfluos das igrejas e os objectos do culto divino preciosos; ao contrário, poderia ser obrigatório alienar estes bens para dar de comer, de beber, de vestir e casa a quem disso está carente.¹³

Este pensamento em muito difere do entendimento de Escrivá a respeito dos objetos de culto. Baste ler o clássico *Caminho*, Nº 527:

Aquela mulher que, em casa de Simão o leproso, em Betânia, unge com rico perfume a cabeça do Mestre, recorda-nos o dever de sermos magnânimos no culto de Deus.

- Todo o luxo, majestade e beleza me parecem pouco.

- E contra os que atacam a riqueza dos vasos sagrados, paramentos e retábulos, ouve-se o louvor de Jesus: *Opus enim bonum operata est in me* - uma boa obra fez para comigo.

O horror da Guerra Civil Espanhola é também um dos ingredientes da gênese do Opus Dei. Maria del Carmen Tápia, que viveu este período e tornou-se numerária do Opus Dei, faz a seguinte análise:

El Opus Dei es un fenómeno socio-religioso que tiene gran relación con la situación política de España, y específicamente con aquella de la posguerra. Al final de la guerra civil española, como es bien sabido, las esperanzas e ideales de la juventud superaron la animosidad y el odio de muchos adultos. Éramos una juventud llena de aspiraciones: personales, políticas, religiosas. Altruistas. Una juventud que había alcanzado la madurez a fuerza de golpes durante los años de la guerra civil. Personas de mi edad recordarán aquellos años: el hambre, los bombardeos y la pérdida en más de una ocasión de seres queridos. [...]

El hecho de haber tenido que madurar antes de tiempo nos convirtió en una juventud llena de ideales nobles, con deseos de ayudar a quien lo necesitara, y aun dispuestos a consagrar nuestra vida a otros. Deseábamos dedicarnos a ideales justos y humanitarios. Precisamente

¹³ João Paulo II - *Sollicitudo Rei Socialis* No. 31.

por la experiencia que tuvimos, no queríamos más guerras, ni riquezas, ni traiciones.¹⁴

A guerra é sempre uma atitude extrema de uma sociedade, que gera cicatrizes nos indivíduos. Não é difícil imaginar o que se passa no interior de um jovem que assistiu, por exemplo, à destruição de edificações, derramamento de sangue e morte de pessoas queridas. Diante de uma situação extrema, medidas extremas se impõem. Era preciso *fazer algo!* E este *algo*, para muitos jovens espanhóis daquele momento, significou fazer o Opus Dei. Lê-se no primeiro aforismo do livro *Caminho*:

Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rasto. Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor. Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levas no coração.

Era preciso iluminar, incendiar a Espanha, a Europa, enfim, o mundo todo, com um cristianismo “autêntico”, o cristianismo comandado por Escrivá e sua alta cúpula. Isto seria o remédio não só para as guerras, mas também para quaisquer outras mazelas sociais. Mas, como “*nenhum ideal se torna realidade sem sacrifício*” (refrão este contido no ponto 175 do livro *Caminho*: “Nenhum ideal se torna realidade sem sacrifício. - Nega-te a ti mesmo. - É tão belo ser vítima!”), o ideal do mundo recristianizado nos moldes opusianos impunha também uma enorme dose de renúncia, de abnegação. Não bastava doar, era preciso doar-se. A causa exigia entrega total, sacerdócio.

E quem pode abnegar-se, renunciar à própria vida para fazer o Opus Dei? A resposta estava na juventude. Os jovens têm, em maior ou menor grau, o seguinte conjunto de atributos, muito atrativos para a construção da instituição: 1) vontade de superação, de reconstrução da ordem social observada; 2) vontade de pautar sua vida de acordo com um ideal; 3) o fato de não terem assumido ainda grandes compromissos e obrigações, como o compromisso matrimonial e o sustento e educação de filhos.

O Opus Dei teve grande impulso durante o período franquista. Franco teve, ao longo de seu governo, diversos ministros que eram membros ou que, pelo menos,

¹⁴ TAPIA, María del Carmen. **Tras el Umbral. Una vida en el Opus Dei.**

mantinham relações de boa vizinhança com o Opus Dei. Uma pequena amostra do apreço de Escrivá pelo regime de Franco é a carta escrita pelo fundador do Opus Dei ao generalíssimo em 1958, por ocasião de seu vigésimo aniversário como ditador da Espanha:

Não posso deixar de me alegrar, como sacerdote e como espanhol, ao ver que a voz autorizada do Chefe de Estado proclame que ‘a Nação espanhola considera como sinal de honra o acatamento da Lei de Deus, segundo a doutrina da Santa Igreja Católica e Romana, única e verdadeira, e fé inseparável da consciência nacional que inspirará sua legislação’. Na fidelidade à tradição católica de nosso povo, encontrar-se-á sempre, junto com a benção divina das pessoas constituídas em autoridade, a melhor garantia de acerto nos atos de governo, e na segurança de uma paz justa e duradoura no seio da comunidade nacional. Peço a Deus Nosso Senhor que cumule V. Exa. de todo tipo de venturas e lhe confira graça abundante no desempenho da alta missão que tem confiada.¹⁵

O resultado dos “Principios del Movimiento Nacional”, a “fé inseparável da consciência nacional que inspirará sua legislação” pretendida por Escrivá foi a famigerada Concordata de 1953, que atrelou a Espanha a um tremendo clericalismo. Apresentamos um pequeno exemplo deste clericalismo exacerbado, recolhido das memórias da Dra. María de la Concepción P. Valverde¹⁶:

Um exemplo da situação concordatária era a obrigatoriedade do casamento religioso para os católicos batizados. Estes só poderiam recorrer ao casamento civil se declarassem que apostataavam da fé. Mas esta exigência era desumana para os espanhóis, ainda que não praticantes. Estes desejavam o casamento civil, mas não pretendiam fazer do ato um gesto de agressão contra a crença religiosa em que haviam sido criados. Falo deste exemplo, porque vivi, em minha família, a celeuma causada por um de meus irmãos, que declarando-se esquerdista, se dispôs a fazer a abjuração para ter direito ao casamento civil. Diante disso, os párocos das igrejas às quais pertenciam nosso

¹⁵ Texto na íntegra em: http://opuslibros.org/prensa/carta_escriva.htm, acessado em 19/01/2009.

¹⁶ Piñero Valverde (org.) *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem*. Ed. CEMOrOc-FEUSP. São Paulo, 2004, pp. 33-34.

bairro e o bairro da noiva de meu irmão tinham de emitir um certificado, atestando a abjuração de ambos. Nosso pároco entendeu a situação, mas seu colega recusou-se a emitir tal certificado, alegando que a noiva era filha de católicos fervorosos. Diante do impasse e da aflição de ambas as famílias, os noivos concordaram com uma discretíssima cerimônia religiosa, sendo previamente obrigados a assinar um documento em que se diziam conscientes da concordância com o casamento religioso.

Estando o Opus Dei na Espanha crescendo em número de membros e influência, preocupa-se Escrivá em conseguir uma solução jurídico-canônica para a instituição que preside. Com esta finalidade, após a Segunda Guerra Mundial o fundador transfere-se para Roma, para estar mais próximo da burocracia do Vaticano.

Em círculos mais reservados da instituição, comenta-se as imensas reservas que Escrivá tinha em relação à Cúria Romana¹⁷ e até para público externo se dão amostras dessa desconfiança. Ao afirmar que perdeu sua inocência em Roma, Escrivá indicava que as pessoas da Cúria eram burocratas sem amor à Igreja e ao Papa e que o ridicularizaram por seu amor ao Romano Pontífice:

Cuando, algún tiempo después, Escrivá le cuente a un viejo prelado de la curia que ha pasado en vela su primera noche romana «por devoción y amor al Papa», este hombre lo referirá a otros..., que a su vez comentarán el suceso entre bromas y burlas: «Muchos se rieron de mí. En un primer momento, esa murmuración me hizo sufrir; después, ha hecho surgir en mi corazón un amor al romano pontífice, menos *español* -que es un amor que brota del entusiasmo-, pero mucho más firme, porque nace de la reflexión: más teológico y, por tanto, más profundo. Desde entonces suelo decir que *en Roma he perdido la inocencia*, y esta anécdota ha sido de gran provecho para mi alma.»¹⁸

Ao rezar o Credo – conta Álvaro del Portillo –, ao chegar na parte que diz “Creio na Igreja”, Escrivá ajuntava: “apesar dos pesares” e uma vez comentou esse seu

¹⁷ Hoje em dia, o Opus Dei faz parte desta mesma cúpula. Interessante observar que, no momento em que escrevemos este parágrafo, encontra-se o atual papa Bento XVI repousando numa casa de retiros de propriedade da prelazia, na Austrália.

¹⁸ El hombre de Villa Tevere, em http://www.oracionesydevociones.info/02710003_tercercap.htm, acessado em 19/01/2009.

costume com um Cardeal, que lhe perguntou quais eram esses pesares. A resposta foi “os meus pecados e os seus”.

A presença do fundador em Roma surte efeito, e o Opus Dei, além de lá construir a sua sede mundial – um casarão com dezenas de oratórios – vai conseguindo sucessivas aprovações eclesiásticas.

Em 1975 falece Josemaría Escrivá, sucedendo-o o sacerdote Álvaro del Portillo, um de seus primeiros colaboradores. Muito da tarefa fundacional do Opus Dei deve ser creditado a Álvaro del Portillo. Com formação inicial em engenharia, mas dotado de imenso talento para a diplomacia eclesiástica, obteve grande trânsito nas altas esferas do Vaticano.

Em 1982, durante o papado de João Paulo II, o Opus Dei consegue da Santa Sé algo que ansiava havia um bom tempo: o *status* jurídico de prelazia pessoal. Esta configuração jurídica – que perdura até hoje na instituição – garante aos membros do Opus Dei total independência de suas atividades com relação aos bispos locais do mundo todo. Sendo uma prelazia pessoal, a atividade do Opus Dei submete-se apenas à autoridade do Papa.

O estatuto de prelazia pessoal foi concedido durante o papado de João Paulo II, o sacerdote polonês Karol Wojtila, fato que não surpreende, dadas as conhecidas estreitas relações que teve este papa com o Opus Dei. Aliás, não só com o Opus Dei, mas também com outras iniciativas ligadas à Igreja Católica que apresentassem um perfil de conservadorismo doutrinário além da promessa de absoluta sintonia com a autoridade do Vaticano.

Gordon Urquhart, em seu livro *A Armada do Papa*, faz uma brilhante análise das motivações para a aliança entre João Paulo II e os “novos movimentos eclesiais”:

Em sua primeira encíclica, a *Redemptor hominis*, o Papa proclamou seu programa para a Igreja. Este programa era espetacular – na realidade, apocalíptico: nada menos do que um ímpeto revolucionário para conseguir a unidade do mundo por volta do ano 2000. Na metade da década de 1980 ele dera a esta sua cruzada um nome: a ‘Nova Evangelização’. Mas enquanto ele elaborava sua idéia em discursos e encíclicas, sua visão dualística, Igreja *versus* Mundo, começou a vir à tona. A sociedade ocidental estava definida – ou antes ‘caricaturada’ – como a ‘civilização (ou cultura) da morte’: uma cultura que

estimulava o divórcio, o controle da natalidade, a homossexualidade, o aborto e a eutanásia, todas igualmente deploráveis a seus olhos. O Papa vinha do regime totalitário da Polônia. Nestas condições, ele não podia atribuir grande valor às conquistas democráticas alcançadas a duras penas pela sociedade ocidental do pós-guerra, tais como: tolerância, respeito pelas minorias, igualdade entre homens e mulheres, liberdade de pensamento e de imprensa, sentido de responsabilidade social e espírito de democracia. Sobre tudo isto, o Papa lançou uma espécie de condenação global. Ele estabelecia um contraste violento entre esta pintura negativa da realidade e a visão de uma ‘civilização (ou cultura) do amor’, na qual os valores cristãos seriam restaurados, tanto na vida privada quanto na vida pública.

À medida que a década ia passando e que João Paulo ia proclamando uma nova Europa unida ‘do Atlântico aos Urais’, a ‘civilização do amor’ foi se identificando cada vez mais com uma nova Cristandade, uma espécie de restauração do modelo medieval do continente.

O objetivo não podia ser conseguido por um trabalho isolado e solitário. Onde é que ele poderia encontrar, na Igreja contemporânea, uma massa de povo suficientemente vasta e fervorosa que compartilhasse sua visão em preto-e-branco da sociedade ocidental? Os papas do passado sempre tinham procurado usar as ordens religiosas para levar a termo seus planos; mas, além do fato de as ordens religiosas não serem mais tão complacentes como ele queria que elas fossem, João Paulo via muito bem que as áreas em que ele tinha os maiores interesses, como a política e os meios de comunicação de massa, estavam fora da competência das ordens religiosas.

Mas as forças necessárias para o cumprimento dos objetivos do pontífice estavam prontas, à sua porta, sob a forma de ‘novos movimentos eclesiais’.¹⁹

Não por acaso há atualmente, no Vaticano, um forte *lobby* por parte dos membros do Opus Dei no sentido de dar a maior velocidade possível ao processo de canonização de João Paulo II. Conseguir a canonização de Karol Wojtila significaria

¹⁹ URQUHART, Gordon. **A Armada do Papa**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 198-199.

mais uma vitória política da prelazia. A canonização de João Paulo II também significaria, para o mundo católico, mais um aval da Santa Sé para os movimentos como o Opus Dei e similares. No caso específico do Opus Dei valeria, também, a idéia do “mecanismo de porca e contra-porca”, uma vez que, como foi João Paulo II quem concedeu o *status* de prelazia pessoal para a instituição e, além disso, canonizou o seu fundador, canonizá-lo significaria, pelo menos para o católico comum, dizer que foi uma pessoa unida a Deus e teve, é de se esperar, inspirações divinas que favoreciam o acerto de suas decisões.

Vale a pena um parênteses, embora um pouco longo, sobre o modo como o Opus Dei se protege na esfera eclesiástica e na civil contra eventuais denúncias sobre seus procedimentos de seita.

Ante qualquer crítica a seus métodos de seita, os membros da prelazia respondem que o Opus Dei não pode enquadrar-se no conceito de seita, pois é parte da Igreja Católica e conta com a aprovação eclesiástica. Na verdade, a aprovação eclesiástica – e não esqueçamos que o Opus Dei, como Prelazia Pessoal, não presta contas aos bispos nem ao órgão regulador das Congregações Religiosas – incide sobre belos documentos genéricos, cuja concretização em *Vademecums*, *Práxis* etc. passa a quilômetros de distância de qualquer investigação vaticana, sobretudo se tivermos em conta a forte presença de membros da prelazia na Cúria Romana. Sendo assim aplica-se bem, neste caso, o adágio “ir queixar-se para o bispo”, que, na fraseologia popular significa: queixa inócua, que não vai dar em nada.

Seja como for, vale a pena registrar um caso ilustrativo do funcionamento da Cúria Romana, quando se trata de movimentos amigos, como é o caso dos Legionários de Cristo, talvez a instituição da Igreja mais semelhante ao Opus Dei. O caso – o processo contra *El Padre*, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários – é conhecido, mas seguiremos a análise de John Allen, tão simpático ao Opus Dei²⁰.

Em 19 de maio de 2006, com as atenções da mídia todas voltadas para as reações da Igreja à estréia mundial (no dia seguinte, dia 20) do filme *O Código da Vinci*, Bento XVI divulga sanções da Congregação para a Doutrina da Fé contra “El Padre”, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários de Cristo, acusado de haver abusado sexualmente de dezenas de seminaristas de sua congregação: o religioso fica proibido de

²⁰ “Vatican restricts ministry of Legionaries priest founder. Move seen as confirmation of sex abuse allegations against Maciel”, em <http://nationalcatholicreporter.org/update/bn051806.htm>, acessado em 19/01/2009.

celebrar missa publicamente, de dar conferências, entrevistas ou qualquer outra atividade pública e é convidado a retirar-se a uma vida de penitência. Mesmo um John Allen tem que reconhecer que tal ato “é visto como uma confirmação da veracidade das acusações contra Maciel”... Um cardeal da Congregação para a Doutrina da Fé declarou que, a seu ver, resta pouca dúvida quanto à validade das acusações, embora a Santa Sé declarasse que, em atenção à avançada idade do Pe. Maciel, não iria levar adiante o processo²¹, simplesmente impondo-lhe aquelas restrições.

Nove vítimas do Pe. Maciel decidiram romper o silêncio quando, numa viagem de João Paulo II, em 1993, este referiu-se ao Pe. Maciel como um “eficaz guia para os jovens”. João Paulo II, convencido de que as acusações se deviam somente à ortodoxia de Maciel e à sua lealdade ao Papa, recomendou ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o então Cardeal Ratzinger, que não levasse adiante o processo.

Temendo pela repercussão negativa do engavetamento do processo, o Cardeal Ratzinger reabre-o em 2004 (já próximo do final do Pontificado de João Paulo II e da eleição de um novo Papa), para, uma vez eleito Papa, dar essa “solução” em 2006.

Trata-se de um caso estarrecedor: abusar de dezenas de garotos, de 10 a 16 anos, sob o pretexto – ainda citando John Allen – de que dispunha de uma especial dispensa do Papa para “brincar” com eles, pois assim aliviaria suas terríveis dores de estômago...

Atualmente, diante do surgimento – em muitos países – de grande quantidade de publicações contendo críticas à prelazia, a mesma tem utilizado com maior frequência o expediente de valer-se da aprovação eclesiástica genérica de seus estatutos e do fato de pertencer formalmente à Igreja Católica. O Opus Dei procura, desta forma, identificar ataques ao grupo como ataques à Igreja Católica em geral. Classifica, assim, os seus críticos como apenas mais alguns dos incontáveis inimigos da Igreja Católica, que tantos ataques sofreu ao longo de sua história. Gabriel Perissé, em seu artigo *Opus Dei X Igreja Católica*, analisa com lucidez a atitude da prelazia com relação ao lançamento do filme *O Código da Vinci*, baseado no livro homônimo, de Dan Brown:

Em breve assistiremos ao filme baseado no livro *O Código Da Vinci*, de Dan Brown. O Opus Dei, entidade que aparece como vilã na trama do best-seller, tem procurado desmoralizar filme e livro, alegando que se trata de mero ataque à Igreja católica. Bela meia-verdade.

²¹ Em http://nationalcatholicreporter.org/update/maciel_communique.pdf, acessado em 19/01/2009.

Meia-verdade, porque ao Opus Dei pouco importam os ataques diretos ou indiretos feitos à Igreja. O Opus Dei está preocupado com sua própria imagem e “reputação”, isto sim. Se de fato estivesse atento ao que ocorre na literatura chamada “anticristã”, teria lançado campanhas semelhantes quando foram publicadas obras como *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, ou *O Evangelho segundo o Filho*, de Norman Mailer, ou *The Christ Clone Trilogy*, de James BeauSeigneur, ou o bizarro *Os astronautas de Yahev*, de J.J. Benítez, em que se relata a intervenção de extraterrestres em várias passagens do Antigo e do Novo Testamento, como a travessia do Mar Vermelho e a concepção virginal de Jesus.²²

Ainda dentro deste parênteses, vale lembrar que também em tribunais civis é sempre difícil processar o Opus Dei²³, pelo fato de suas atividades serem normalmente encobertas por entidades culturais, assistenciais etc., como se o Opus Dei só se encarregasse da “formação espiritual”.

Na esfera civil, as dificuldades agravar-se-ão se vier a ser aprovado pelo Congresso Nacional o *Acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao estatuto jurídico da Igreja Católica no Brasil*, assinado por Bento XVI e pelo Presidente Lula no Vaticano em 13/11/2008, com expressa proteção para a única Prelazia Pessoal da Igreja. O artigo 3º do referido documento dispõe:

²² Em <http://www2.correiocidadania.com.br/ed492/perisse.htm>, acessado em 19/01/2009.

²³ Recentemente (em 2008), houve, no Brasil, uma tentativa de ação penal relativa a possível divulgação de práticas discriminatórias em relação a negros, homossexuais e deficientes físicos pela Internet por indivíduos supostamente seguidores da prelazia Opus Dei. O site de notícias ultimainstancia.uol.com.br apresentou um breve resumo do processamento inicial do feito (em <http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/50752.shtml>, acessado em 19/01/2009), dando conta de que, num primeiro momento, tanto o Ministério Público Federal quanto o Ministério Público Estadual entenderam não estar em sua esfera de atribuições a condução deste caso:

“O procurador-geral da República, Antonio Fernando Souza, pediu ao STF (Supremo Tribunal Federal) a instauração do conflito negativo de atribuições entre o Ministério Público Federal no Rio de Janeiro e o Ministério Público Estadual.

O pedido refere-se a um procedimento instaurado pelo MP-RJ para apurar possível divulgação de práticas discriminatórias em relação a negros, homossexuais e deficientes físicos pela internet por indivíduos supostamente seguidores da prelazia religiosa Opus Dei. O endereço eletrônico noticiava suposto envolvimento do Centro Cultural Laranjeiras, local onde houve atividades sociais para adolescentes que teriam influenciado de modo negativo o comportamento deles.

O caso chegou à Promotoria da Infância e da Juventude que, por sua vez, remeteu ao MPF-RJ, alegando crime cometido pela internet, cuja competência seria da Justiça Federal. O MPF-RJ suscitou o conflito negativo de atribuições, porque a prática discriminatória teria ocorrido na internet.”

A República Federativa do Brasil reafirma a personalidade jurídica da Igreja Católica e de todas as Instituições Eclesiásticas que possuem tal personalidade em conformidade com o direito canônico, desde que não contrarie o sistema constitucional e as leis brasileiras, tais como: [...] Prelazias Pessoais [...] ²⁴

Felizmente o citado artigo contém a ressalva “desde que não contrarie o sistema constitucional e as leis brasileiras”.

Para encerrar este parêntese, vale lembrar um dos mais eficazes expedientes de camuflagem do Opus Dei. Ante a enxurrada de críticas sobre seus métodos secretos, o Opus Dei, recentemente, resolveu adotar uma linha de pseudo-transparência: os sites dos centros, após anunciarem diversas atividades para as crianças ou jovens (excursões, iniciação científica etc.) ajuntam a fórmula, como a do Centro Universitário da Tijuca: “Aos que desejarem é também oferecida formação católica que está confiada ao Opus Dei, prelazia pessoal da Igreja Católica”. ²⁵ O que não se diz é que os moradores daquele centro são numerários e que o centro está constituído para recrutamento de “vocações”, sendo que as atividades nele exercidas são meramente “meio” (ver também o Apêndice A, no qual recolhemos trechos a esse respeito de *Opus Dei – os Bastidores*).

O Opus Dei, apesar de parecer uma estrutura monolítica, acabada (afinal, conta-se que em 1928 Escrivá “viu” a Obra que Deus lhe pedia), nem sempre apresentou, ao longo de suas oito décadas de história, o mesmo perfil institucional preponderante. Ao longo das décadas, o grupo sofreu um processo de metamorfose. Tal ocorreu simplesmente por uma questão pragmática de atendimento à sua finalidade de fato, que é a busca do poder, o que significa obter o máximo de influência ou domínio em outras instituições do mundo, mentes e corpos.

Pode-se distinguir, então, para efeitos didáticos, quatro fases do Opus Dei. Numa primeira fase, ou seja, no início, predominava um certo apelo à intelectualidade. Buscava-se jovens que mostrassem ter, além de valores humanos, uma certa inclinação à esfera do pensamento crítico. Pensava-se no Opus Dei como um grupo que seria a aristocracia do pensamento católico.

Na segunda fase, tendo em vista as boas relações com o regime franquista na Espanha, imaginou-se o Opus Dei como o celeiro da elite da burocracia governamental

²⁴ Texto integral do acordo disponível em www.mre.gov.br/portugues/imprensa/nota_detalhe3.asp?ID_RELEASE=6031, acessado em 19/01/2009.

²⁵ Em http://br.geocities.com/poc_tijuca/oqe.html, acessado em 19/01/2009.

e do mundo dos negócios. O numerário em destaque seria, então, um exemplo de pragmatismo e eficiência para gerir os afazeres deste mundo. Seria um super-executivo. Não por acaso diversos ministros de Franco eram membros da instituição.

Com o declínio do regime de Franco, veio a fase seguinte, quando o Opus Dei passou então a investir em instituições de ensino como forma de obter maior penetração na sociedade e ter acesso a novos membros potenciais. A instituição abriu muitas escolas, desde os níveis mais elementares até universidades. Muitos numerários eram destacados para administrar estes estabelecimentos de ensino ou então tornavam-se professores.

Por fim, tendo alcançado os modelos anteriores a sua maturidade e o seu posterior declínio, e também tendo sido os bastidores da instituição objeto de muita polémica e crítica, chegamos à fase atual do Opus Dei. Nesta última fase a instituição passou a esmerar-se no relacionamento com os filhos de membros supernumerários, como fonte privilegiada para a obtenção de novos membros numerários. São os tradicionais clubinhos para garotos ou meninas, onde, a partir dos 7 anos de idade, estas crianças já são, pouco a pouco, expostas à visão de mundo opusdeística, em atividades de “formação” misturadas com atividades manuais ou brincadeiras apropriadas para a idade.

Alberto Moncada, quando nos concedeu entrevista em São Paulo, em 2006, explicou-nos este processo de transformação da atuação do Opus Dei:

Sea lo que sea lo que el Opus diga sobre sí mismo, el Opus es una organización. Y todas las organizaciones, para sobrevivir, tienen que adaptarse. Cuando fracasan en la creación de un modelo de intelectuales católicos, nace el modelo ejecutivo, que pone en marcha Antonio Pérez, para la creación de una política económica que ayude a los fines económicos de Escrivá. Antonio Pérez ha recibido el encargo de Escrivá de que hay que crecer con poder político y económico. Ese modelo también fracasa. Claro! Vienen otros grupos políticos, y también hay la dinámica del mundo económico... No les sale bien. Se termina el franquismo... Lo que ocurre es que, negando la idea primera de que “nunca tendremos colegios, sino excepcionalmente”, nació una red de colegios, que es *Fomento*, que, con una fórmula extraña de titularidad (nunca dicen que es del Opus, pero, en realidad, el control es del Opus)... Que se conviertan los numerarios en

maestros! El numerario ya no es más un intelectual católico, ya ni es un ejecutivo eficaz... Es un maestro.

CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE MEMBROS

A verdadeira finalidade do Opus Dei e a necessidade de crescimento

Muitos já disseram ou escreveram que a pergunta “o que é o Opus Dei?” é de difícil resposta. Dizer que “o Opus Dei é uma instituição aprovada pela hierarquia católica com o status jurídico-canônico de prelazia pessoal, presente em cerca de 60 países e com cerca de 85.000 membros ao redor do mundo” é uma resposta válida, porém muito vaga e superficial.

É Opus Dei o casal de supernumerários, que procura ter muitos filhos e educá-los de acordo com a fé católica. É Opus Dei o professor universitário que procura desenvolver virtudes durante seu trabalho de educador. É Opus Dei a numerária auxiliar que limpa o assoalho de uma residência do grupo com muito esmero. É Opus Dei o curso de gestão empresarial, criado com a verdadeira finalidade de fazer com que mais gente – gente selecionada – aproxime-se da instituição. Tudo isso também descreve a instituição, mas ainda não chegamos a uma idéia do que seja a essência do Opus Dei.

O Opus Dei é, essencialmente, uma organização que, apresentando uma fachada de instituição pertencente à Igreja Católica, é na realidade uma estrutura humana que visa o poder, servindo-se de estratégias comuns às seitas para captar e reter seus membros.

Carmen Tapia escreveu:

Puedo asegurar que, hoy día, los esfuerzos e intereses del Opus Dei, empezando por su Prelado y terminando por la última persona que pueda estar en contacto con ellos, no son el apostolado y mucho menos el apostolado con los pobres y los necesitados, ni los problemas serios de la humanidad en general. Su objetivo es manejar todos los instrumentos a su alcance del poder político, religioso y económico.²⁶

Sendo o exercício do poder a real finalidade do Opus Dei, daí decorre a necessidade de crescimento, da busca de mais e mais membros, porque mais poderoso

²⁶ TAPIA, María del Carmen. **Tras el Umbral. Una vida en el Opus Dei.**

será o grupo quanto maior o número de membros e quanto maior o seu grau de coesão interna, ou seja, de submissão ao comando dos líderes.

O crescimento da instituição depende, naturalmente, do uso de defesas contra eventuais críticas. Para um grupo imbuído da mentalidade de que “os céus estão empenhados em que a Obra se realize na terra”, qualquer ação que critique o Opus Dei é um obstáculo aos planos do próprio Deus e os membros não hesitam em valer-se de procedimentos questionáveis para fazer valer os “direitos de Deus”. Um exemplo: um jornalista expressa alguma crítica à Obra. O AOP (“apostolado da opinião pública”) – que é um dever de todo membro do Opus Dei e chega a ser “encargo apostólico” de diversos membros – rapidamente mobiliza-se: em vez da crítica pontual, honesta, limitam-se a fazer pressões genéricas com o objetivo de intimidar os repórteres e diretores das redações. Publique-se algo contra o Opus Dei e imediatamente, orquestradamente, muitas cartas são enviadas à redação pedindo a cabeça do repórter, ou então contendo ameaças de cancelamento de assinaturas. Nesse sentido, é emblemática a crônica de Janer Cristaldo “*Ad usum Delphini*”, da qual selecionamos alguns trechos:

Em minha última crônica, reproduzi trechos do livro *Memórias Sexuais da Opus Dei*, de Antonio Carlos Brolezzi, ex-numerário da organização. Tenho recebido não poucas mensagens de protesto, nas quais sou pichado ora como ateu, ora como herege, ora como infame. (...) Curiosamente, não li uma palavra sequer contra o depoimento de Brolezzi, o cerne de minha crônica. (...) Isto é o de menos. O que me espanta nessas mensagens todas é o desejo expresso de expulsar-me deste jornal (...). Meus fanáticos leitores (e vocês são legião): esse desejo de um jornal de pensamento único em nada difere do sonho de tiranos do século passado, desde Stalin a Mao, papor Envers Hodja, Pol Pot, Ceaucescu e Fidel Castro. Vocês caíram em país errado. Uniformidade de pensamento, hoje, só na Pravda, no Gramma, no Osservatore Romano.²⁷

David Fernandes, em seu livro *Opus Dei – a santa intransigência, a santa coação e a santa desvergonha*, relata também um exemplo de prática do AOP:

²⁷ Em <http://www.baguete.com.br/colunasDetalhes.php?id=2231>, acessado em 19/01/2009.

Esse texto retrata de modo figurado um episódio que ocorreu comigo quando morava num centro do Opus Dei, na cidade de São Paulo. O ambiente da narrativa é figurado, mas todos os fatos são reais.

Rodrigo é um numerário estudante de engenharia de uma renomada universidade pública. Ele chega ao centro, onde reside, depois das aulas da tarde e, como de costume, dirige-se ao oratório para cumprimentar o Santíssimo com uma cuidadosa genuflexão. Depois, sobe as escadas até a sala do diretor para informar que chegou.

O diretor pede para ele entrar, pois precisa lhe falar urgentemente. O diretor explica que naquele dia um importante jornal publicou uma entrevista com um ex-governador que, referindo-se a um supernumerário, criticou de passagem o Opus Dei. Devido a este fato, o diretor pede a Rodrigo que leia o artigo do jornal e uma minuta de uma carta-resposta ao jornal, elaborada pelo escritório do AOP (Apostolado da Opinião Pública). Pede também ao Rodrigo que, se concordar, assine a carta como sendo sua. Da carta, praticamente completa, já consta que ele é estudante de engenharia e outros detalhes sobre ele, além de uma argumentação sóbria e clara sobre a inserção legítima do Opus Dei na Igreja e da liberdade política de seus membros. O diretor também diz que se ele, Rodrigo, quiser mudar alguma coisa pequena pode mudar, desde que não altere o sentido nem a estrutura da carta. Recomenda-lhe também que não comente com nenhum outro residente ou com outra pessoa aquilo que conversaram. Como Rodrigo já sabe muito bem que é de “bom espírito” não interpretar uma solicitação e que convém aceitar até mesmo uma insinuação do diretor como a expressão viva da vontade de Deus, imediatamente se dispõe, antes de qualquer reflexão, a subscrever a carta e “dar a cara” pela Obra, que, afinal, é de Deus.

Rodrigo vai para o quarto. Lendo agora o artigo, discorda com sinceridade do ex-governador e, lendo a minuta da carta escrita pelo escritório do AOP, concorda com a resposta, mas... Começam a surgir alguns pensamentos, alguns “maus” pensamentos:

“Será correto eu assinar uma carta, mesmo que eu concorde com o conteúdo, mas uma carta que não foi preparada por mim?”

Parece, para Rodrigo, que é como pôr o nome num trabalho de alguma disciplina feito por outro colega.

“Por que o próprio escritório do AOP não envia a carta assinada por um dos seus responsáveis ou com a assinatura dos principais diretores do Opus Dei? Quem sabe seja uma estratégia em que várias outras pessoas da Obra e freqüentadores mostrarão ‘espontaneamente’ a sua discordância com o ex-governador.”²⁸

Ainda, como estão empenhados em realizar os planos de Deus para o mundo, os membros do Opus Dei podem por vezes prescindir de certos critérios de correção acadêmica. Afinal eles têm urgência em realizar a transformação da sociedade proclamada por Escrivá. Vale a pena ler o estudo de Dario Ferreira: “*Como o Opus Dei argumenta cientificamente*”, que recolhemos no Anexo A.

A captação de novos membros

Apesar de o papa Bento XVI ter afirmado que “a Igreja não faz proselitismo”²⁹, no Opus Dei o proselitismo é atividade mandatória. Existe, na realidade, uma verdadeira obsessão por crescimento na práxis opusiana. Semanalmente, em todos os círculos internos, são lidas perguntas de exame de consciência, entre as quais encontra-se: “Manifesto com fatos o meu espírito de proselitismo? (*Ostendo factis zelum meum lucrandi Operi Dei novos fideles?*)”³⁰. Crescer em número de membros, crescer em influência, crescer, crescer... Em 2003, Javier Echevarría, o atual prelado do Opus Dei, lançou uma campanha mundial: em cada região onde a instituição está presente deveria ser feito um esforço para que *apitassem* pelo menos 500 novas pessoas. *Apitar*, no jargão interno da prelazia, significa pedir admissão para os quadros do Opus Dei.

Há no livro *Caminho* um capítulo intitulado “Proselitismo”, que contém diversas máximas exortando os membros do Opus Dei a buscarem novos membros. Diz a máxima 803: “*Disseram-me que tens ‘graça’, ‘jeito’, para atrair almas ao teu caminho. Agradece a Deus esse dom: ser instrumento para procurar instrumentos!*” Máxima 805: “*Escuta: aí... não haverá um... ou dois, que nos entendam bem?*”

²⁸ FERNANDES, David. **Opus Dei – a santa intransigência, a santa coação e a santa desvergonha**. São Bernardo do Campo, SP: Alley, 2006, p. 98-99.

²⁹ Em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=84378>, acessado em 19/01/2009.

³⁰ Em <http://www.opuslibros.org/libros/ceremonial/Ceremonial.htm>, acessado em 19/01/2009.

Alberto Moncada, em entrevista a nós concedida em 2006, reafirmou o caráter de incessante busca do crescimento da instituição, que entende enquadrar-se no conceito de seita:

- Que considera Ud como tipicamente “moncadiano” con relación a las investigaciones sobre el Opus Dei?
- Creo que la única fue atreverme a decir que el Opus es un secta.
- Por qué considera el Opus una secta?
- Trata-se de una metodología sociológica, aplicada cuando estudiamos los grupos cerrados, como el Ejército. Cuando en un grupo tu tienes... Cuando dentro del grupo no tienes que pensar, porque ya hay alguien que piensa, hay un jefe máximo, que tiene un carisma y basta con que tu te identifiques con este carisma; toda tu vida esta centrada en eso, con tu plata, con tu vida sexual, entonces... es una secta! Cuya característica, en el caso del Opus, es que prácticamente no tienes una religión. La religión es como un cebo para atrapar a los sectarios. Una vez que están dentro, el negocio del Opus es simplemente crecer. Comprendes? Y manipular a los que están dentro, para que crezcan. Porque en vez de ser el fin del Opus la santificación del trabajo ordinario, en realidad el fin es vegetativo: crecer. Y no saben explicar el porque. Tu podrás decirme: no sería mejor que fueran buenos profesionales? En realidad ellos no quieren realmente eso. Ellos quieren crecer en numero, crecer en centros, y cuando les pregunta para qué, no saben contestar, como todos los mecanismos sectarios. Son fines en si mismos.

E como então conseguir novos membros? Aproximando-se de pessoas, envolvendo-as numa atmosfera cordial e amistosa e apresentando-lhes, pouco a pouco, a proposta de fachada do Opus Dei.

A proposta de fachada do Opus Dei é a idéia da busca da santidade pessoal no meio do mundo especialmente através da santificação do trabalho ordinário. É uma proposta, em termos teóricos, atraente para um católico comum. Procurar ser santo no meio do mundo, adquirir virtudes, gozar de paz de espírito, ter uma sensação de união profunda com o Criador etc. são atrativos em si mesmos construtivos e inofensivos. O problema ocorre quando, depois, tendo a pessoa se envolvido com o grupo, começa-se a

confundir e substituir esta idéia da busca da santidade pessoal pela obsessão de *fazer o Opus Dei* na terra.

Como afirmamos anteriormente, a busca por novos membros inicia-se, muitas vezes, através de instituições e atividades aparentemente desvinculadas da prelazia (cf. Apêndice A). Pode ser uma palestra sobre astronomia, uma competição de estudos, um programa de ajuda a pessoas carentes na zona rural, um evento relacionado à profissão de jornalista, um simples curso de culinária e assim por diante.

Desta forma, o Opus Dei utiliza-se de diversas instituições de fachada para a captação de pessoas. Em São Paulo, por exemplo, relacionam-se com o Opus Dei as seguintes instituições: Clube Náutilus, Clube Pinhal, Centro Cultural Vereda, Escola ELCA, Escola profissionalizante da Pedreira, Centro Cultural da Vila Mariana, dentre outras.

A respeito de propostas de fachada de instituições e do uso de “atividades meio” ou “iscas” para a captação de pessoas, é interessante o paralelo que pode ser realizado entre os métodos utilizados pelo Opus Dei e os métodos utilizados pela organização de negócios Herbalife. Apresentamos este paralelo no Apêndice B.

Atraído pela atividade “isca” da instituição de fachada, o potencial novo membro é envolvido numa atmosfera – programada, calculada – de extrema cordialidade e empatia, por parte dos numerários do local. A idéia é que a pessoa se sinta acolhida. Os numerários demonstram interesse pelas atividades do rapaz (o mesmo vale para a seção feminina, para as moças), pelos seus planos de estudos e profissionais. Enchem-no de perguntas. Fazem com que se sinta importante. Um membro específico do Opus Dei é destacado para acompanhar (o termo que se usa internamente é “tratar”) o rapaz.

Pouco a pouco, o numerário irá convidando o rapaz para participar de outras atividades do centro. Explicará o numerário que, além da atividade “profana” (o curso de astronomia, a competição de estudos etc.), o centro também oferece, “para quem quiser”, atividades de formação católica que estão a cargo de uma instituição pertencente à Igreja, o Opus Dei. Escrevemos “para quem quiser” entre aspas, porque, em realidade, ocorre aqui, por parte do numerário, um dos inúmeros casos do uso de reservas ou restrições mentais, de que habitualmente se servem os membros da prelazia, quando do trato com pessoas que têm pouca ou nenhuma informação sobre a instituição.

Fazer uso de reserva ou restrição mental significa ocultar parte significativa da verdade, com o intuito de induzir a outra parte a pensar numa linha que interessa ao

autor da reserva mental, mas que distancia-se da verdade completa aplicável à situação. No nosso exemplo, quando o numerário diz que há atividades de “formação” católica “para quem quiser”, conforme já dissemos, está ocultando ao seu interlocutor que trata-se da atividade fim daquele “centro cultural” e que o curso de astronomia, a competição de estudos etc. eram simples atividades meio, atividades “isca”, que possibilitaram a aproximação da pessoa para que participasse das atividades fim, de “formação”.

Um outro exemplo do uso de reserva mental é dizer que “a maioria dos membros do Opus Dei é constituída por pessoas casadas, que vivem com suas famílias”. Certo, mas faltou informar que os casados (supernumerários), no Opus Dei, constituem o escalão dos “soldados rasos” da instituição, não podendo ter acesso a nenhum cargo de governo dentro da mesma. Faltou informar que o cerne, a força motriz, o governo, a administração do dinheiro, a tomada de iniciativas, enfim, todas as ações de peso institucional mais significativo estão a cargo dos numerários, membros celibatários. Escrivá mesmo o diz no ponto 28 do livro *Caminho*:

O matrimônio é para os soldados e não para o estado-maior de Cristo. Ao passo que comer é uma exigência de cada indivíduo, procriar é apenas uma exigência da espécie, podendo dela desinteressar-se as pessoas individualmente. Ânasia de filhos...? Filhos, muitos filhos, e um rasto indelével de luz deixaremos, se sacrificarmos o egoísmo da carne.

Então, apesar da maioria numérica dos membros ser constituída por pessoas casadas, um retrato fiel da essência do Opus Dei, do seu modo de atuação, é obtido apenas através da análise da vida de seus numerários. Ao afirmar que “a maioria dos membros do Opus Dei é constituída por pessoas casadas” pretende-se deslocar o foco do peculiar modo de vida dos numerários para a idéia socialmente mais bem aceita do pai ou mãe de família, do profissional responsável etc.

Uma reserva mental especialmente perigosa é a de afirmar que os membros do Opus Dei são livres, libérrimos (como Escrivá gostava de repetir...), mas sem especificar que a única liberdade é a de adesão incondicional a um pacote de incontáveis regras e regrinhas que não podem sofrer a mínima contestação. Como diz *Caminho* no ponto 614: “*Nos trabalhos de apostolado, não há desobediência pequena.*” E no ponto 704: “*Uma visita ao famoso mosteiro. - Aquela senhora estrangeira sentiu apiedar-se o*

coração, ao considerar a pobreza do edifício: ‘Os senhores devem ter uma vida muito dura, não é?’ E o monge, satisfeito, limitou-se a responder: ‘Tú lo quisiste, fraile mostén; tú lo quisiste, tú te lo ten’. Isto, que com tanta alegria me dizia esse santo varão, tenho de o repetir a ti com pena, quando me contas que não és feliz.” E ainda, no ponto 941: *“Obedecer..., caminho seguro. - Obedecer cegamente ao superior..., caminho de santidade. - Obedecer no teu apostolado..., o único caminho, porque, numa obra de Deus, o espírito há de ser este: obedecer ou ir-se embora.”*

Um último exemplo do uso de reserva mental é afirmar que “de cem almas nos interessam as cem”. Faltou complementar que, devido a uma questão de pragmatismo e estratégia, a prelazia optou por atingir, num primeiro estágio, as camadas dirigentes da sociedade. Por isso, na verdade, o proselitismo do Opus Dei é seletivo. Os membros procuram aproximar-se de pessoas que tenham atrativos humanos, tais como inteligência, posição social diferenciada e mesmo beleza. Tais atrativos serão, posteriormente, utilizados para fortalecer o grupo e possibilitar o ingresso em novos círculos sociais, enfim, prosseguir com a espiral de captação de mentes e corpos. São coincidentes relatos de ex-membros dando conta de que diretores do grupo chegaram a descartar o assédio de um ou outro indivíduo porque “este tem cara de pobre...”

Prosseguindo com o processo de captação, o rapaz será convidado a participar das palestras semanais proferidas pelo sacerdote do centro. Depois será convidado para fazer um bate-papo semanal com o sacerdote, que procurará conquistar a sua confiança e fazer com que compartilhe as suas questões e conflitos daquele momento. Desta forma a instituição terá acesso a informações preciosas sobre a índole, a personalidade, os projetos, os gostos, a família do rapaz, sua sexualidade etc. A introdução do sentimento de culpa proveniente da prática de masturbação, por exemplo, será utilizada como moeda de troca para o estabelecimento de uma relação de dependência emocional, base para a posterior programação mental e manipulação das decisões do rapaz.

O rapaz é convidado a participar também de outras atividades de “formação”: círculo (que é uma palestra semanal proferida por um numerário leigo), recolhimento mensal e o retiro anual (dois ou três dias de doutrinação intensa, realizada numa casa de campo). O ponto culminante de todo este processo é a indução da chamada crise vocacional: numa ação orquestrada, o sacerdote, o diretor do centro e o numerário que “trata” o rapaz afirmam, com total convicção, que Deus concedeu a ele uma vocação específica para servi-lo no Opus Dei.

A realização de uma visita com o rapaz a uma favela das grandes metrópoles ou a uma enfermaria de doentes graves num hospital será também um argumento de que se valerá o Opus Dei neste momento: o rapaz, percebendo o contraste entre a situação dos favelados ou dos doentes e a sua situação de vida com bom nível de conforto material e saúde tende a considerar a generosidade do Criador e sentir-se devedor para com Ele.

Temendo não ser generoso com Deus, temendo perder a simpatia dos indivíduos do grupo que tão bem o acolheu, acreditando no ideal da busca da santidade e na construção de um mundo melhor, o rapaz acaba, então, por pedir admissão aos quadros do Opus Dei.

CAPÍTULO 3 – ESTRATÉGIAS DE PROGRAMAÇÃO E RETENÇÃO DE MEMBROS

Uma vez tendo o grupo conquistado a simpatia do indivíduo, inicia-se um lento e calculado processo de programação de sua mente. Há quem dê o nome de “lavagem cerebral” a este processo. Contudo, por tratar-se de expressão de uso popular e de significado pouco preciso em termos científicos, deixará de ser utilizada no presente trabalho. Utilizaremos as expressões “programação” ou “doutrinação”.

Interessante notar, neste ponto, a inevitável analogia que pode ser feita entre a mente humana (ou psique) e o computador. Naturalmente, foge ao escopo do presente trabalho discorrer sobre a essência, as potencialidades, as particularidades etc. da mente humana, mas contentemo-nos em afirmar que a mente humana é incomparavelmente mais complexa do que o computador. Um computador é simplesmente uma máquina (*hardware*) que recebe informações (*inputs*) e as processa de acordo com um programa (*software*), produzindo um resultado (*output*).

Ocorre que, cada um à sua maneira, tanto a mente humana como o computador podem ser programados. Quanto ao computador, isto é evidente. Já com relação à mente humana, é algo não tão imediato – e muitas vezes há forte resistência em admiti-lo, uma vez que pode significar uma diminuição na auto-estima – mas em algumas esferas, tais como a internalização de alguns conceitos abstratos, isto é igualmente verdadeiro.

Voltemos, então, ao indivíduo captado. Tendo suas naturais defesas intelectuais diminuídas – tanto devido à pouca idade, quanto devido ao apelo emocional do grupo – a instituição encontra terreno propício para obter êxito no processo de doutrinação. O indivíduo é, então, como um *hardware* onde pode ser instalado um novo sistema operacional, um novo *software*.

Se num computador o *software* deve ficar armazenado (ou gravado) em alguma das múltiplas possibilidades mecânicas do que se denomina genericamente de memória, também o ser humano pode armazenar em sua memória (ou alma, ou psique, ou “coração” etc.) o *software* proposto pelo Opus Dei.

Discos rígidos, por exemplo, são gravados por via magnética. Já a memória humana, na instalação do *software* do Opus Dei, é gravada através da exposição *ad nauseam* do indivíduo ao discurso da instituição, seja por forma oral (palestras,

meditações, círculos, recolhimentos, convívios, retiros, conversa fraterna), escrita (livros *Caminho*, *Sulco*, *Forja* e toda a literatura produzida pela instituição), áudio-visual (filmes do fundador) ou musical (canções internas).

Este *software* inclui a assimilação de alguns elementos centrais da proposta de fachada do Opus Dei: 1) a noção de que a sociedade em geral encontra-se sem rumo, perdendo-se no hedonismo, no relativismo ou em outro “ismo” qualquer, desde que condenado pela doutrina católica mais conservadora e dogmática; 2) a noção de que a busca da santidade pessoal, definida nos moldes do Opus Dei, além de ser a chave para a salvação pessoal, é também a melhor receita para a mudança da sociedade; 3) a noção de que a “formação” dispensada pelo Opus Dei é caminho seguro para aproximar-se do ideal de ser santo no meio do mundo; 4) a noção de que não se deve poupar esforços e sacrifícios pessoais na busca da santidade; 5) a noção de que a “Obra” é coisa de Deus e que os céus estão empenhados em que ela se realize na terra.

Tendo sido os conceitos ou premissas básicas internalizados pelo indivíduo, e, em consequência, tendo também o indivíduo aquiescido às instruções mais práticas ou de nível operacional do *software*, estará o seu agir (*output*) determinado. Ao longo deste trabalho tentaremos, aqui e acolá, explicitar como é este agir opusiano capaz de manter mentes humanas sob o domínio da instituição.

3.1. O discurso imunizado.

Muito tempo e energia dos numerários do Opus Dei é dedicado ao que se chama de “formação”, que, na realidade, é a programação ou doutrinação a que nos referíamos anteriormente. Na instituição, a formação não termina nunca. Mesmo membros antigos, com décadas de permanência na instituição, devem participar da mesma rotina de atividades de formação.

Durante as atividades de formação, são repetidos de forma cíclica os mesmos temas, tais como pureza, pobreza, obediência, ordem, presença de Deus, dentre outros. Nos eventos formativos é apresentado o discurso do Opus Dei. Antes de proceder-se a análise do discurso do Opus Dei, é conveniente recordar os postulados básicos da lógica das proposições.

Recordando a lógica das proposições

Suponhamos que de uma proposição qualquer (aqui designada por “P”) decorram, de maneira subordinada, uma ou mais proposições (aqui chamadas genericamente de “C”). Usando a simbologia matemática:

$$P \rightarrow C$$

Façamos agora algumas considerações sobre a veracidade ou a falsidade de P, bem como as conseqüências desta veracidade ou falsidade sobre C.

Se P é verdadeira, e se C decorre necessariamente de P, então C é necessariamente também uma proposição verdadeira. Por exemplo, suponhamos a proposição P como sendo “os seres humanos são mamíferos”. Suponhamos ainda que Caim seja um ser humano. Então decorre da proposição P a seguinte proposição C: “Caim é um mamífero”, que é também uma proposição verdadeira.

Podemos, então, ir construindo a chamada tabela Verdade, um quadro das situações de verdadeira (V) ou falsa (F) para as proposições P e C:

| P | C |
|----------|----------|
| V | V |

Não existe a possibilidade de uma proposição C decorrente de uma proposição verdadeira P ser uma proposição falsa.

Já no caso de uma proposição P ser falsa, ocorrem duas possibilidades para a proposição decorrente C. Tomemos o caso da proposição P “os números naturais são pares”. Podem decorrer proposições C verdadeiras, como, por exemplo: “2 é par”, “4 é par”, “12 é par”. Assim como há também proposições decorrentes falsas: “3 é par”, “5 é par”.

Então o nosso quadro-resumo das proposições fica da seguinte forma:

| P | C |
|----------|----------|
| V | V |
| F | V |
| F | F |

Surge então a mais importante questão de qualquer investigação científica, e que, no fundo, nos ajuda a entender os pressupostos do método científico: dada uma proposição qualquer P, como saber se é uma proposição verdadeira através da observação das conseqüências C?

O quadro apresentado nos permite observar que, se C é verdadeira, então P pode ser uma proposição verdadeira ou falsa, ou seja, impossível saber, através da análise de C, se a proposição P é verdadeira. Por outro lado, o quadro nos permite concluir que sempre que uma proposição conseqüente C for falsa, então necessariamente a proposição P, da qual decorre, será também falsa.

Isto nos permite concluir que uma proposição qualquer P nunca pode ser cabalmente confirmada como verdadeira, no âmbito da lógica formal, a partir da veracidade das C que ela implica. Significa dizer ainda que, dada uma proposição P, basta apenas uma observação de uma proposição conseqüente C falsa para concluir-se sobre a falsidade de P.

O discurso imunizado

O que fazer, então, para construir um discurso que “acerta sempre”? O que fazer para construir proposições P invulneráveis ao teste de verificação? Basta utilizar o artifício que Karl Popper chamou de “imunização”. Retomamos aqui idéias que já apresentamos em “O poder da linguagem manipuladora”, no livro *Opus Dei – os Bastidores*:

O filósofo Karl Popper estabelece critérios para distinguirmos “conhecimento” de “dogmatismo”. Enquanto o primeiro está aberto a rever suas hipóteses de trabalho à medida que confronta suas conclusões com a realidade dos fatos, o segundo é dotado de um

“sistema imunológico” capaz de incorporar as contradições que venham a surgir. Popper legou-nos uma análise da atitude dos dogmatismos e seus mecanismos de (auto) imunização (*immunization*). Explica ele que o repertório de idéias e preceitos de uma seita está montado com uma amplitude e ambigüidade tais que qualquer fato que ocorra (ou possa ocorrer) sempre poderá ser visto (e será visto pelos adeptos da seita) como uma confirmação dos seus dogmas e da clarividência de seu líder. Em conseqüência, qualquer crítica sempre é passível de ser descartada como fruto da “desinformação” ou da “má fé”. Amplitude, para que seja possível a convivência de idéias contraditórias, e ambigüidade, para que até mesmo a mais categórica afirmação tenha a necessária elasticidade para ajustar-se a fatos que a contradigam. Um exemplo do próprio Popper: “Uma vez que se adota essa atitude, todo o caso concebível se converterá em um exemplo verificador. Em 1919, illustrei isso com o seguinte exemplo de dois casos radicalmente opostos de conduta. Um homem empurra um menino na água com a intenção de afogá-lo, e outro sacrifica a sua vida com o objetivo de salvar o menino. Cada um desses dois exemplos de conduta pode ser explicado facilmente em termos freudianos e, certamente, também em termos adlerianos. Segundo Freud, o primeiro homem sofria de repressão (por exemplo de algum componente de seu complexo de Édipo), enquanto o segundo conseguiu sublimá-lo.”³¹

A imunização consiste em embutir, na proposição P, uma parcela alternativa, de tal forma que qualquer evento decorrente, seja X, seja o oposto de X, esteja compreendido e explicado pela proposição P amplificada. Trata-se da inclusão de um subterfúgio, ou, como se diz popularmente, de uma “carta na manga”, na proposição P, de forma que qualquer conseqüência C seja verdadeira. Se ocorreu X, então vale a proposição P na forma inicial, normalmente a forma que tem aplicação na maioria dos casos. Se ocorreu o oposto de X, então lança-se mão da parcela alternativa de P, da parcela imunizadora.

³¹ **Realismo y el Objetivo de la Ciencia**; post-scriptum a la lógica de la investigación científica. Madrid: Tecnos, 1985.

Esta parcela alternativa de P pode ser acrescentada quando, na construção de P, adota-se uma formulação sutilmente ambígua. Artifício utilizado com a mesma finalidade ocorre, por exemplo, na construção de discursos de propaganda comercial em forma escrita: o uso de letras com tamanho amplificado combinado com o uso de letras pequenas, quase ilegíveis.

O discurso interno do Opus Dei

A seguir apresentaremos diversas proposições do discurso oferecido aos membros do Opus Dei, contendo disposições relativas ao chamado “espírito da Obra”. O “espírito da Obra” teria sido, conforme pregam os dirigentes do Opus Dei, comunicado por Deus ao fundador da instituição e transmitido por este aos demais membros por forma escrita, oral e também consuetudinária.

O discurso do chamado “espírito da Obra” contém máximas – cunhadas por Escrivá – que, de partida, nos remetem ao esquema anteriormente apresentado de proposições imunizadas. As proposições enquadram-se no seguinte esquema:

| AFIRMAÇÃO | PORÉM... |
|---|--|
| Caso geral; explicação para os eventos tipo X | Partícula imunizadora; válvula de escape; explicação para os eventos do tipo não-X |

A “pobreza envergonhada”

A fórmula opusiana para a prática da virtude da pobreza é que na instituição vive-se uma “pobreza envergonhada”. O que isto significa em termos concretos? Significa que, em tese, os membros do Opus Dei devem procurar viver a virtude da pobreza evitando gastos supérfluos, vivendo uma vida sóbria em termos de confortos materiais. Está vedado, por exemplo, o uso de carro próprio para a maioria dos numerários, mesmo que estes, através de seu trabalho profissional, possam arcar

tranqüilamente com os custos deste conforto. Os numerários, regra geral, devem servir-se dos meios de transporte público para a sua locomoção.

Ocorre que certos numerários fazem uso habitual de automóveis, e em alguns casos, até de automóveis bastante luxuosos. Como explicar este fato que invalida a máxima da prática, pelos numerários, da virtude da pobreza? Lança-se mão, então, do recurso imunizador. A qualificadora “envergonhada” para a virtude da pobreza significa que, para que não se faça alarde da prática da virtude, para que certos numerários que transitam em ambientes mais sofisticados não fiquem deslocados perante seus pares, permite-se que utilizem, então, automóveis “compatíveis com a posição que ocupam”.

Estaria ainda praticando a virtude da pobreza o numerário que, no Brasil, dirige o seu automóvel luxuoso? Ainda que objetivamente isto em nada combine com o relato evangélico do Cristo despojado (“As aves do céu têm ninhos... Mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.” Mt 8, 20), no entender opusiano o referido numerário estaria, sim, praticando a virtude da pobreza, porque a pobreza, vivida de acordo com o “espírito do Opus Dei”, é uma “pobreza envergonhada”.

A “obediência inteligente”

Talvez a máxima opusiana que mais gera a necessidade da realização de verdadeiros contorcionismos intelectuais é a máxima que rege a prática da obediência na instituição. No Opus Dei, prega-se que a obediência é uma “obediência inteligente”. Além disso, repete-se à exaustão que “quem obedece nunca erra”.

O tema da obediência é de suma importância para a dinâmica da instituição. A força, o poder do Opus Dei reside justamente neste ponto. Mais forte e influente é uma instituição quanto maior for o número de seus membros e quanto maior for o grau de comprometimento dos membros com o comando unificado. É como num exército: fundamental é a obediência imediata e incontestada às ordens do superior hierárquico.

Pois bem, voltemos à máxima “obediência inteligente”. O que isto significa? Num primeiro momento poder-se-ia pensar numa espécie de obediência em que haveria espaço para o questionamento, para a participação do subordinado na construção do conteúdo das ordens. Afinal, “inteligente” pressupõe haver vida pensante naquele que obedece, ou seja, capacidade crítica, criatividade, uso da experiência pessoal necessariamente diferente daquele que manda. Mas não é o que o Opus Dei pretende de

seus membros, e deixa isto claro no processo de “formação”. No site *opuslibros.org* encontramos mais de 50 testemunhos de que essa “obediência inteligente” é uma farsa. Um deles é o que segue:

Recuerdo cuando de joven asistiendo a charlas, retiros, etc. oía lo de la "obediencia inteligente". Recuerdo, también, que me lo creí. Y me lo creí en el sentido más literal de la expresión, esto es: obedecer pensando, valorando, sin fanatismos. Me lo creí tanto que cuando ellos me "aconsejaron" que yo estudiara una carrera, me matriculé en otra porque mi inteligencia me decía que me iría mejor. ¡Menuda sorpresa les di! Yo sorprendido de que se sorprendieran. Claro, yo no adiviné que lo de "obediencia inteligente" significaba, en el argot interno, "obediencia fanática, acrítica, sectaria, ciega".

Y es que, claro, se inventan significados nuevos a las palabras, de tal manera que de cara a la galería, y hacia los novatos, el mensaje es atractivo pero de puertas adentro es justo lo contrario. ¿No es otra manera de mentir?³²

O que o Opus Dei pretende de seus membros é uma obediência imediata, sem questionamentos, sem a necessidade de explicação de motivos, exatamente fiel às instruções do superior.

Onde ficaria, então, a partícula qualificadora “inteligente”? Trata-se, na realidade, de uma partícula imunizadora. Como explicar algum resultado adverso quando se obedece a uma instrução de um superior? Nesta situação aplica-se a qualificadora “inteligente” para a obediência. Uma vez que “quem obedece nunca erra”, mas, constatado na prática um erro objetivo como resultado de uma ação de obediência exata a uma ordem superior, a explicação para o caso é a de que a obediência não foi inteligente, caso contrário não teria havido erro algum.

Ilustraremos o exposto acima com um fato ocorrido com um numerário³³ em São Paulo. O numerário em questão era pós-graduando do Instituto de Matemática e Estatística da USP, e, em função disso, tinha naturalmente compromissos acadêmicos. Num determinado mês ocorreu um conflito de agendas. A pós-graduação exigia do numerário o cumprimento de prazos; o programa de “formação” do Opus Dei exigia que

³² Em http://www.opuslibros.org/escritos/comentarios_medir.htm acessado em 05/02/2008.

³³ Hoje ex-membro do Opus Dei e brilhante professor da Universidade de São Paulo.

o numerário se retirasse a uma casa de campo, para participar de uma atividade de “formação”. O numerário expôs a situação a seu diretor espiritual que, aplicando a regra geral de que as obrigações relativas à “formação” antecedem outras, determinou, então, que o numerário participasse da atividade do Opus Dei, e que depois se entendesse com seu orientador no programa de pós-graduação. Tendo obedecido à determinação expressa de seu diretor, o numerário participou da atividade “formativa”, ausentando-se da cidade. Ao retornar para as atividades de pós-graduação, seu orientador comunicou-lhe que, devido à sua ausência, iria desligá-lo de sua orientação. O numerário, entristecido, comunicou o ocorrido a seu diretor espiritual. Neste momento, o diretor disse-lhe que a obediência no Opus Dei é uma obediência inteligente, e que, neste caso, ele não havia usado de sua inteligência para obedecer à ordem dada.

“Ser do mundo, mas não ser mundano”

É mais uma formulação ambígua da instituição. Aplica-se a qualquer evento, tanto X quanto não-X. Mais fácil é a compreensão desta máxima através de exemplos. Suponhamos que um determinado numerário, com o intuito de criar maiores vínculos de amizade com alguém, decida convidá-lo para assistir a um espetáculo musical. Segundo o procedimento habitual, deverá consultar o diretor, que avaliará a conveniência de sua idéia e permitirá ou não a sua concretização. Ora, a regra geral para os numerários é que a participação em espetáculos públicos (cinema, futebol, shows etc.) está proibida. O diretor poderia, então, dizer ao numerário para abandonar a idéia, complementando que os membros do Opus Dei devem “ser do mundo, mas não mundanos”, enfatizando, neste caso, o adjetivo “mundano”, e associando o ambiente dos espetáculos públicos a algo mundano. Mas como explicar que um numerário, em particular, possa assistir óperas? Certo numerário declara em um artigo ter ido assistir a diversas óperas.³⁴ Ora, trata-se de uma exceção que se justifica, paradoxalmente, pela mesma máxima: o Opus Dei é do mundo, e óperas fazem parte do mundo. Logo, interessa ao Opus Dei que transmita uma imagem de instituição que dialoga com as modernas formas de cultura, então alguns numerários receberão autorização especial para participar de espetáculos públicos.

³⁴ Em <http://www.stfm.org/fmhub/fm2005/January/Pablo18.pdf> acessado em 05/02/2008.

Cabe acrescentar que o numerário em questão vive habitualmente em regime de exceção. Para ele não se aplicam muitas das inúmeras regrinhas a que os numerários comuns se submetem. Tal exceção ocorre em razão de uma simples troca. Por prestar um serviço de especial relevância e interesse da instituição – qual seja, prestar atendimento médico a outros numerários que apresentam problemas de saúde psíquica – a mesma o premia eximindo-o da observância de algumas regras. Uma análise mais aprofundada deste tipo de exceção será apresentada quando tratarmos da tipologia dos numerários, no capítulo 4.

“Fraternidade, mas sem amizades particulares”

Durante o processo de “formação” repete-se constantemente que “no Opus Dei não há amizades particulares”. Eis aí uma máxima de difícil compreensão, num primeiro momento. Afinal, existiria alguma amizade que não fosse particular? Não seria a amizade justamente um vínculo entre duas pessoas, vínculo este por natureza “particular”? E o que dizer então do tipo de apostolado que o Opus Dei proclama fazer, que é o “apostolado de amizade e confiança”?

Na realidade, o que o Opus Dei quer dizer, quando afirma não haver “amizades particulares” em seu meio é que, entre os membros, não pode haver relações de maior profundidade, de comunicação mais sincera sobre assuntos de maior intimidade. Há quem entenda que a razão da proibição seria a de diminuir a chance de haver relacionamentos que incluíssem a prática de sexo homossexual. Até poderia ser uma das razões, mas, certamente, não é a razão principal. Esta reside na famosa estratégia de guerras e de disputas por poder: “dividir para conquistar”. Não interessa ao comando do Opus Dei que seus membros tenham “amizades particulares”, porque, quanto mais isolados estes estiverem entre si, menor será a sua resistência frente à voracidade de comando e controle dos superiores. Membros que porventura tenham vínculos que possibilitem uma comunicação mais profunda e íntima podem trocar livremente suas percepções sobre o sistema opusiano. Podem multiplicar o fluxo de informações, e assim unir mais facilmente as peças do quebra-cabeças que, inevitavelmente, vai se formando ao longo da vida como numerário. Membros com “amizades particulares” podem mais facilmente “murmurar”.

E o “apostolado de amizade e confiança”? Aí trata-se de outra esfera de relacionamentos, qual seja, a esfera dos relacionamentos entre membros e potenciais novos membros (ou seja, gente “de casa” com gente “de fora”). Antes de tudo há que se definir o que significa “apostolado” para o Opus Dei.

“Apostolado”, tradicionalmente, significa a ação praticada pelos Apóstolos, de acordo com o mandato de Jesus Cristo, relatado nos evangelhos: “ide pelo mundo inteiro, pregai o evangelho” (Mc 16,15). De acordo com a tradição cristã, fazer apostolado é difundir a mensagem dos evangelhos. Mas, no Opus Dei, o substantivo adquire um significado muito mais específico. Fazer apostolado, no Opus Dei, significa aproximar-se de pessoas que tenham predicados valorosos para que possam também tornar-se membros da instituição. Ou seja, fazer apostolado, no Opus Dei, significa fazer proselitismo, angariar novos membros.

E qual é o método utilizado pelos membros do Opus Dei para fazer “apostolado”? É o método do trato pessoal, de amizade e confiança. Nesta esfera admite-se, então, a existência de amizades. Mas claro está que não se trata de amizade autêntica, e sim de uma instrumentalização da amizade.

Foge ao escopo deste trabalho um aprofundamento sobre o tema da amizade. Mas não é demais lembrar que a amizade, quando autêntica, é um fim em si mesma. Quando a amizade é um meio para se atingir outro objetivo, então trata-se de interesse, de simples comércio de favores, trata-se da instrumentalização da amizade.

E é isto o que infelizmente ocorre nas ações de “apostolado” dos membros do Opus Dei. A questão é que o membro do Opus Dei sabe exatamente o que está fazendo, sabe o que pretende com aquela “amizade”. Já o não-membro pensa tratar-se de um vínculo usual de amizade, ou seja, natural, destituído de maiores interesses e de uma ação orquestrada.

Costuma ser bastante frustrante para o membro neófito quando, uma vez tendo pedido admissão para o Opus Dei, descobre que na instituição não pode haver “amizades particulares”. Agora a relação entre o membro antigo e o novo não será mais de amizade, e sim a relação da morna “fraternidade”, que descreveremos a seguir. É a mesma frustração que ocorre quando o neófito é informado, depois que pede admissão aos quadros do Opus Dei, que não mais fará conversas periódicas com o sacerdote do centro, mas sim com o diretor leigo.

O resultado da combinação “viver a fraternidade” com “sem amizades particulares” é o desenvolvimento de um clima ambíguo nas relações entre os

numerários. Por um lado, deve-se viver a fraternidade. Então procura-se perguntar, durante as tertúlias e refeições, o que um ou outro tem feito, quais têm sido seus estudos, seu trabalho, seus encargos... Mas, por outro lado, não se pode passar muito dessa atitude um tanto quanto asséptica, não se pode demonstrar de alguma forma um pouco mais de proximidade.

Viver o dulcíssimo preceito mas sem “familiose”

No discurso opusiano, o quarto mandamento do decálogo de Moisés (honrar pai e mãe) é chamado de “dulcíssimo preceito”. O Opus Dei dá a entender, então, que tem em muita conta o dever de honrar os pais.

Mais uma vez, estamos diante de um conflito. Por um lado, está presente a idéia de cuidar bem dos pais, tratá-los bem, visitá-los. Mas, por outro lado, há que se lembrar que, uma vez pedida a admissão aos quadros do Opus Dei, a pessoa passa a integrar uma nova família, a grande família do Opus Dei. Segundo o discurso opusiano, a família do Opus Dei é uma família de laços mais fortes do que os laços da família humana, a família biológica, porque os laços que unem os membros do Opus Dei são de natureza sobrenatural. A família humana, biológica, passa, então, a ser simplesmente denominada de “família de sangue”.

Pobre “dulcíssimo preceito”! De partida a família biológica já sofre um *capitis diminutio*. Se a família humana sofre já uma depreciação no plano qualificativo, que será, então, no plano da relação concreta do membro numerário com seus pais e possíveis irmãos “de sangue”? Há neste campo um emaranhado de regrinhas restritivas. Enumeremos apenas algumas. Caberá, como sempre, ao diretor, estabelecer quais regras se aplicarão a determinado membro numerário em concreto.

O contato com os pais deve ser restrito. Uma ou duas visitas por mês à casa dos pais já é o suficiente. Isto, é claro, se o membro reside na mesma cidade que os pais. Muitas vezes, isto não ocorre, então, como consequência, as visitas aos pais ficarão muito mais restritas. O membro agora tem outra família, e é a esta nova família que devem se voltar as suas energias e o seu tempo. Uma costumeira exceção a esta regra é o caso de os pais também serem membros do Opus Dei (supernumerários). Aí, como os pais “de sangue” também fazem parte da “grande família sobrenatural”, as visitas aos pais podem ser mais freqüentes. Mesmo porque, sendo os pais membros

supernumerários do Opus Dei, haverá no ambiente familiar muito menos conflito com o tipo de visão de mundo que o numerário encontra nas casas da instituição, e, portanto, menos risco do surgimento de dúvidas no filho com relação à sua opção de vida.

Outra regra: fotos da “família de sangue” estão proibidas nos aposentos dos numerários. Claro, fotos dos pais remeterão necessariamente os pensamentos do numerário para o ambiente de sua família humana, o que é perigoso para a perseverança do membro no Opus Dei. Associações são fenômenos inevitáveis na psique humana. É o que afirmam décadas de conhecimento da ciência psicanalítica. Comparações, sejam elas pertinentes ou não, são também inevitáveis. Assim, a presença de fotos de pais, irmãos, sobrinhos etc. nos aposentos de um numerário pode levar sua imaginação para tempos pretéritos, invariavelmente mais felizes do que os que o membro atravessa em sua situação de muitas restrições.

Há uma exceção à restrição das fotos dos pais. É o caso das fotos dos pais de Josemaría Escrivá, o fundador. Neste caso, havia fotos de José e Dolores Escrivá não só na residência do fundador, como até hoje há fotos deles em todas as residências do Opus Dei! Fomenta-se, entre os membros, uma atitude de particular carinho pelos pais do fundador. Chamam-lhes carinhosamente de “abuelos”. Claro está, segundo o pensamento opusdeístico, que os “abuelos” também fazem parte da família sobrenatural do Opus Dei.

Outro assunto detalhadamente regulamentado, no Opus Dei, relativo aos pais dos membros numerários é a questão da eventual necessidade daqueles de obterem ajuda financeira de seus filhos. Há que recordar que mesmo os numerários que trabalham “fora” – ou seja, que exercem atividade profissional remunerada não diretamente relacionada ao governo ou administração das iniciativas do Opus Dei – não têm a liberdade de dispor de seus salários ou rendimentos. Todo o dinheiro recebido deve ser entregue aos cofres do Opus Dei que, num segundo momento, entregará ao numerário apenas o suficiente para o provimento de pequenas despesas como transporte urbano ou refeições fora das casas da instituição. De forma que, se um pai ou mãe de um numerário necessitar de ajuda financeira, deverá o numerário, mesmo que trabalhe “fora”, solicitar aos diretores da Obra autorização para que a ajuda seja concretizada.

A solicitação será analisada. Para tanto, deverá ser preenchido um minucioso questionário, onde deve constar, até mesmo, se o numerário tem irmãos não pertencentes ao Opus Dei, e, mais importante, se os irmãos estão ou não dando ajuda financeira aos pais...

O trabalho como eixo da vocação, mas sem “profissionalite”

Encontra-se aqui mais uma formulação imunizada. A regra geral para os numerários é que procurem obter destaque em sua vida profissional. Afinal, se a grande mensagem da instituição é a santificação através do trabalho ordinário, como poderiam os membros do Opus Dei trabalhar mal? Além disso, diz também a “formação” que o prestígio profissional é como o “anzol de pescador”, nesta grande pescaria de corpos e mentes que é a atividade essencial do Opus Dei.

Mas, como sempre, existe um “porém”, que acaba deixando a situação em cada caso concreto ao arbítrio do superior. Este “porém” – que é a partícula imunizadora do discurso – é a vedação do que se entende por *profissionalite*.

A *profissionalite* consiste numa das “doenças” que podem afligir os membros numerários do Opus Dei na sua entrega à instituição. Padece de *profissionalite*, sempre a ser diagnosticada pelo superior de cada membro, aquele que num determinado momento opõe óbices às ordens ditadas invocando imperativos relativos à sua atividade profissional. Em resumo, tem *profissionalite* quem opõe resistência à obediência incondicional porque alguma ordem recebida entra em conflito com a atividade profissional a que se dedica.

3.2. A “conversa fraterna”

A “conversa fraterna” é uma obrigação semanal dos numerários. Trata-se de uma conversa que pode durar cerca de 30 minutos a uma hora, feita a portas fechadas com o chamado “diretor espiritual”. É, sem dúvida, a atividade de “formação” mais eficaz para que a instituição obtenha controle sobre o indivíduo: na conversa o numerário deve contar ao diretor tudo o que se passa em sua vida, com a chamada “sinceridade selvagem”, e receber ordens do mesmo. É instrumento poderoso de manipulação de vontades e de convencimento tendente ao abandono de percepções individuais em prol da interpretação da realidade de acordo com os interesses da instituição.

Em se tratando de uma atividade de formação individual, na conversa fraterna cada membro recebe instruções de forma individual e circunstanciada de acordo com as suas características pessoais de personalidade, nível intelectual, tempo “de casa”, adaptação maior ou menor ao *modus operandi* da instituição, habilidades etc. Tendo em vista os diferentes tipos humanos que compõem os quadros da instituição, e sobretudo tendo em vista o que a prelazia espera como contribuição de cada membro, o que o diretor fala a cada um que atende na conversa fraterna pode variar muito. Esta flexibilidade é possível graças às fórmulas duais do discurso imunizado do Opus Dei. Por exemplo, se numa determinada região os diretores da prelazia entendem ser interessante que haja um numerário com muito destaque no mundo acadêmico, os diretores que atenderão um membro com grande potencial para obter este destaque permitirão que o mesmo dedique-se com afinco a seu aprofundamento em seu campo de estudos. Então este determinado numerário poderá estudar durante mais horas do que os demais, será menos incomodado com a execução de encargos materiais e será incentivado pelos diretores que o lembrarão de que “o trabalho profissional é o eixo da vocação”. Já um outro numerário, que também tenha muito gosto pelos estudos e que pretenda dedicar-se a eles também com muito afinco, mas que não tenha sido “eleito” pelos diretores para obter uma posição de destaque no mundo intelectual, certamente será impedido de dedicar-se tão prioritariamente aos estudos, pois receberá uma grande carga de outras atribuições. E, se ainda assim, insistir com seu diretor na conversa fraterna que gostaria de fazer tal curso, ou dedicar-se ao aprendizado de tal objeto, poderá receber uma censura de que está com a “doença” da “profissionalite”, ou que é vaidoso.

Muitas outras situações e esferas podem ser objeto de comandos opostos, como o exemplo citado no parágrafo anterior. Esta maneabilidade do comando nos permite concluir que, de acordo com a natureza de cada indivíduo e do que se espera dele, será apresentado um Opus Dei diferente. Não é por outra razão que há tantas visões opostas sobre a instituição e tanta polêmica. Aí reside também a dificuldade de compreensão, num primeiro momento, do *que é* a prelazia: o Opus Dei pode ser adaptado “ao gosto do freguês”. Satur, um ex-numerário espanhol muito sagaz e muito bem-humorado, escreveu um livro cujo título é muito eloquente: “*Alguien sabe qué es el Opus Dei?*”³⁵

³⁵ Em <http://www.opuslibros.org/nuevaweb/modules.php?name=News&file=article&sid=405>, acessado em 05/02/2008.

Muito se tem escrito a respeito da confusão que se faz no Opus Dei entre direção espiritual e governo. De fato, no Opus Dei, a conversa fraterna tem esta dupla finalidade. Desta forma, a idéia a princípio sadia de aconselhamento espiritual fica prejudicada na conversa fraterna, pois as necessidades intrínsecas à realidade da instituição (crescimento, busca de poder) acabam por prevalecer, no caso de eventuais conflitos com necessidades espirituais do indivíduo. Assim, na realidade, transforma-se a conversa fraterna no mais poderoso e efetivo meio de manipulação e controle do indivíduo.

Uma outra importante característica da natureza da conversa fraterna é a total assimetria no fluxo de informações grupo-indivíduo, sobre a qual discorreremos a seguir.

Ao final do Apêndice A, apresentamos um *sketch* ficcional de uma conversa fraterna de numerário. O Anexo B contém outro *sketch* ficcional, retratando uma conversa de supernumerária.

Para o grupo o discurso é abstrato, para o indivíduo é concreto

Uma das formas de assimetria de forças grupo *versus* indivíduo que é fator de hipossuficiência para o indivíduo é a diferença entre o tratamento que se dá ao grupo Opus Dei e o tratamento que se dá ao indivíduo com relação à concretude do que se fala. Para o grupo, o discurso permanece no plano abstrato. Por exemplo, o Opus Dei admite, abstratamente, que pode equivocar-se, porém, no plano concreto, nunca admitiu um só erro praticado. O mesmo vale para o canonizado fundador. Escrivá nunca admitiu que tivesse cometido um erro concreto.

Mas a instituição não admite o genérico no súdito. Na conversa fraterna, a sinceridade deve ser “selvagem”: o comportamento (e também o pensamento) deve ser relatado no nível de detalhe. Impensável o numerário que dissesse ao seu diretor apenas: “tive problemas com a virtude da pureza”, e ponto final. O diretor, ato contínuo, perguntaria – e o numerário, sob o imperativo de ser “fiel à sua vocação” e de viver a “sinceridade selvagem” se veria obrigado a responder – onde, quando, com quem, como...

A Obra, em termos abstratos, é perfeita, porque a Obra é de Deus. Deus transmitiu ao seu fundador, Escrivá, um “espírito” perfeito para a instituição. Já o

membro, o indivíduo, este sim, erra no concreto. Deve sentir-se “a lata do lixo”, como diz o ponto 592 do livro *Caminho*.

E se o membro é crítico, e começa a enxergar e a apontar erros reiterados, erros institucionais na prática do Opus Dei, então, normalmente, recebe o que podemos chamar de censura “curinga”, porque é aplicável a qualquer crítica à instituição: “és um soberbo e tens falta de visão sobrenatural”.

3.3. Mortificação corporal

Quando, a partir da publicação do best-seller *O Código Da Vinci*, de autoria de Dan Brown, o Opus Dei passou a ter mais exposição na mídia, o aspecto da instituição mais abordado pelos jornalistas foi a prática da mortificação corporal (cilício e disciplinas) pelos membros numerários.

Em verdade, trata-se de aspecto de importância secundária quando se tem em conta a realidade de total submissão e de impedimento do desenvolvimento de sua personalidade em que se encontram os numerários. A dor psíquica é maior do que a dor física. Desta forma, o realce dado à prática da mortificação corporal pelos jornalistas faz parte de estratégia chamativa, de apresentação de espetáculo para o grande público.

Mesmo tendo em mente tratar-se de aspecto de importância secundária, há um efeito importante a ser analisado, referente às práticas de mortificação corporal. Trata-se do poderoso efeito psicológico simbólico da negação do corpo, e, por consequência, do próprio eu, o que favorece a submissão do indivíduo à instituição.

A integração entre corpo e alma (ou mente, ou psique etc.) é ainda campo sujeito a muitas especulações, mas há já conhecimento científico suficiente para que possamos afirmar que corpo e alma não são realidades estanques. A admissão do surgimento de doenças de fundo emocional – as chamadas manifestações psicossomáticas – corrobora a idéia da imbricação corpo-alma.

Não é difícil, portanto, estender e entender uma agressão ao corpo como uma agressão ao todo do indivíduo. O mesmo raciocínio vale para uma auto-agressão do corpo, que é o que se passa quando da aplicação do cilício ou das disciplinas. Esta auto-provocação de sofrimento está alinhada com a idéia de aniquilação do indivíduo, de negação do eu (como um todo), o que, obviamente, favorece a afirmação do externo, no

caso, da máquina Opus Dei, cuja vontade é manifestada através das indicações dos superiores.

Há também quem entenda a prática das mortificações corporais como possível via substitutiva de satisfação (ainda que desviante e precária) do instintivo impulso sexual. Não é um entendimento absurdo, quando se leva em conta que há, de fato, pessoas que praticam sexo de forma sado-masoquista, ou seja, misturam sexo com agressão e dor, sentindo, paradoxalmente, prazer misturado com dor. Aliás, conforme pretendemos explicitar no capítulo 5, pode-se entender a relação toda do membro com a instituição como relação de cunho sado-masoquista. Fernando Quiroz, escritor colombiano e também ex-numerário do Opus Dei, autor do sucesso *Justos por Pecadores*, em entrevista, expôs o seu ponto de vista acerca das práticas de mortificação corporal:

O tema do cilício é um tema sobre o qual também mente o Opus Dei. Os membros numerários do Opus Dei usam o cilício [...] E sempre nos diziam que isto era para pedir perdão pelos pecados próprios e pelos pecados do mundo. Muitos anos depois vim a saber, na realidade, que o que estão tratando, é passar-nos um pouco do princípio do sado-masoquismo, substituir o prazer sexual por um pouco de dor. Como não se permite aos membros numerários ter relações sexuais, nem falar com as mulheres; os alienam completamente do mundo, não podem ir a espetáculos públicos, fecham todos os canais normais de expressão da sexualidade, então trata-se de substituí-la por um pouco de dor.³⁶

³⁶ Em <http://www.youtube.com/watch?v=sDM679StDBc> acessado em 02/01/2009.

CAPÍTULO 4 – CONSEQÜÊNCIAS DAS ESTRATÉGIAS ADOTADAS

O indivíduo submetido ao processo de “formação” procura, naturalmente, assimilar os conceitos opusianos. Com o tempo, passa a saber de cor todas as máximas da organização e inúmeras citações de palavras do fundador.

É natural que o indivíduo vá tentando, mesmo que não tenha consciência disto, fazer uma síntese própria logicamente válida de todo este cipoal de máximas, critérios, normas e recomendações. Será uma tentativa frustrada, devido ao já apresentado sistema de discurso imunizado do Opus Dei. A síntese logicamente válida cairá por terra todas as vezes que sobrevierem novas indicações dos diretores, muitas vezes contraditórias em relação a indicações anteriores. O indivíduo aprende, então, que o único dispositivo comportamental que é universalmente válido no Opus Dei é proceder rigorosamente de acordo com as instruções do diretor, em cada momento.

É como aquela piada do fiscal do governo de Franco, que recolhemos em *Opus Dei - os Bastidores* (p. 112):

Era uma vez o dono de alguns porcos que recebeu a indesejável visita de um fiscal de Franco. O fiscal lhe pergunta: “Como você alimenta os porcos?”. O dono responde: “Ora, eu dou a eles o que sobra da comida: restos de batatas, cascas de laranjas...”. O fiscal fica furioso: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? Alimentar com lixo os porcos que vão alimentar o heróico povo espanhol, vencedor do comunismo? Você está multado por ser um mau patriota!”. No ano seguinte, o criador de porcos recebe de novo a visita do fiscal, que faz a mesma pergunta: “Como você alimenta os porcos?”. Com medo de levar outra multa, o dono dos porcos responde: “Ah, eu os alimento com milho graúdo, cevada, pães fresquinhos...”. E o fiscal sobe nas tamancas: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? O povo espanhol passando fome neste pós-guerra, e você alimentando os porcos com o que falta na mesa dos nossos compatriotas?”. E tasca-lhe outra multa. No ano seguinte, mais uma vez aparece o fiscal, que volta com a mesma e fatídica pergunta. Dessa feita, o pobre dono olha para o chiqueiro, olha para a cara do fiscal e, sem saber o que dizer,

responde: “Senhor fiscal, eu dou vinte pesetas para cada porco e cada um deles que almoce onde bem entender!”.

Todo o cipoal de máximas, critérios, normas e recomendações gera uma extrema confusão, cansaço e decepções de julgamento. O resultado é o indivíduo passar a atuar com medo de broncas e com total submissão ao diretor. Submetendo-se milimetricamente aos comandos do diretor o indivíduo abre mão de sua liberdade e da possibilidade de decidir de acordo com a sua observação das circunstâncias da realidade concreta que o cerca e com a sua experiência anteriormente acumulada. É exatamente neste contexto que fica suprimida a possibilidade de o indivíduo desenvolver a virtude da *prudentia*, entendida de acordo com o referencial de Tomás de Aquino. Jean Lauand explica com clareza o significado da *prudentia* em Tomás:

Se hoje a palavra prudência tornou-se aquela egoísta cautelosa da indecisão (em cima do muro), em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto: é a arte de decidir corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na realidade, em virtude do límpido conhecimento do ser [...] *Prudentia* é ver a realidade e, com base nela, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: “sem a prudentia, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam”.³⁷

Fica claro que, em não havendo virtude moral sem a *prudentia*, e, como ocorre no Opus Dei, suprimida a possibilidade da prática da *genitrix virtutum*, cai por terra completamente a pretensão da busca da santidade pessoal, pois a prática de qualquer outra virtude está maculada por vício irreparável, eis que foi delegado a outra instância o peso das decisões.

Os parágrafos com que Lauand encerra seu estudo introdutório à *prudentia* de Tomás parecem feitos sob medida para o caso de uma instituição que suprime a possibilidade da prática desta virtude:

³⁷ AQUINO, Tomás de. **A Prudência**; tradução, introdução e notas de Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. IX.

E é que também no que se refere à *prudentia*, estão, como pano de fundo, os dois elementos-chave de Tomás: mistério e liberdade. Afirmar a *prudentia* é afirmar que cada pessoa é a protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar os meios de atingir seu fim: a sua realização. Esses meios não são determináveis "a priori"; pertencem, pelo contrário, ao âmbito do contingente, do particular, do incerto do futuro e, necessariamente, a *prudentia* se faz acompanhar da insegurança, da necessária insegurança que acompanha toda vida autenticamente humana. Afinal, para Tomás, o que o conceito de pessoa acrescenta à essência humana é precisamente a individualidade concreta: "alma, carne e osso, são configuradores do homem (*sunt de ratione hominis*); mas esta alma, esta carne e estes ossos são configuradores deste homem (*sunt de ratione huius hominis*) e assim 'pessoa' acrescenta à configuração da essência os princípios individuais".

Qualquer atentado contra a *prudentia* tem como pressuposto a despersonalização, a falta de confiança na pessoa, considerada sempre "menor de idade" e incapaz de decidir e, portanto, devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a igreja, o estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso...³⁸

Entre tantas outras instâncias dessa supressão da *prudentia*, ou, o que é o mesmo, da pedagogia da submissão, um tema particularmente importante é o do controle das leituras. Embora o Opus Dei afirme em seu discurso externo que se trata de mera orientação "para quem livremente pedir", na realidade trata-se de algo estabelecido pelo fundador como *graviter onerata conscientia*.

O Opus Dei criou uma lista, um *Index* que classifica os livros com os números de 1 a 6, desde a permissão sem restrições (nível 1) até a proibição de leitura (níveis 5 e 6), passando por diversas interdições parciais (níveis 2 a 4). O site *opuslibros.org* disponibiliza o banco de dados deste *Index*. Há no banco de dados de 2003 considerações sobre mais de 60.000 obras: de literatura, filosofia, ciências humanas, religião etc. Neste banco de dados há também centenas de "resumos substitutos" para contornar o "problema" da leitura direta dos autores condenados, quando é exigida por professores de instituições não controladas pelo Opus Dei.

³⁸ AQUINO, Tomás de. **A Prudência**; tradução, introdução e notas de Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. XXIII.

Somente a título de exemplo, no Index do Opus Dei de 2003, as obras de Paulo Freire – *La importancia de leer y el proceso de liberación*, *Alfabetización de adultos y concientización*, *Educação como prática da liberdade*, *El mensaje de Paulo Freire*, *La pedagogía del oprimido*, *Teología negra*, *teología de la liberación* – encontram-se qualificadas como 6, ou seja “proibição moral geral” e constitui um grave pecado lê-las (nesses casos, a proibição estende-se implicitamente a todas as demais obras do autor). Dada a sua importância, três dessas obras – *Educação como prática da liberdade*, *El mensaje de Paulo Freire* e *La pedagogía del oprimido* – foram objeto de longas resenhas críticas, que acompanham capítulo a capítulo a obra e permitem ao aluno do Opus Dei substituir a leitura direta. A título de curiosidade, no Anexo C recolhemos a conclusão da resenha a *La pedagogía del oprimido*.

A supressão da capacidade de decidir por conta própria, o medo das broncas dos superiores, as diversas limitações impostas à vida dos numerários, a proibição de acesso a outras visões de mundo (proibição ou acesso censurado a leituras, TV, jornais, cinema e demais espetáculos públicos) e toda a carga de doutrinação a que o numerário está submetido trazem como consequência um processo de adaptação dos indivíduos, na busca da sobrevivência dentro da instituição. Esta adaptação terá nuances diferentes, naturalmente, de acordo com as características e inclinações pré-existentes em cada indivíduo. No livro *Opus Dei – os Bastidores*, apresentamos uma tipologia mostrando o resultado deste processo de adaptação dos indivíduos à realidade concreta da instituição. Naturalmente, trata-se da apresentação de tipos puros, inexistentes na realidade, mas que têm o mérito de possibilitar uma análise bastante precisa da multiplicidade de resultados possíveis deste processo de adaptação dos indivíduos. O que ocorre, na realidade, é que cada indivíduo torna-se o resultado de uma mistura, em diferentes proporções, dos tipos puros apresentados. E ainda, ao longo do tempo, estas proporções podem variar, num mesmo indivíduo, ou seja, um indivíduo que era predominantemente do tipo X pode tornar-se predominantemente do tipo Y, e assim por diante.

À luz desta nova pesquisa, é oportuno retomarmos esta tipologia, acrescentando, aqui e acolá, observações que julgamos cabíveis.

Tipo 1 - Os intocáveis

Por mais que o Opus Dei afirme a igualdade entre seus membros, há, claramente, uma “elite interna” e, reciprocamente, um “proletariado” interno. É pela elite que começaremos a nossa tipologia.

O Opus Dei apregoa ser uma sociedade de iguais, mas, tal como no livro *Revolução dos Bichos*, de Orwell, há uns poucos privilegiados, que são “mais iguais” do que os outros... São numerários que, por prestarem serviços essenciais à vida da instituição, são subtraídos às inúmeras limitações impostas, gozando de privilégios inacessíveis aos demais. São “intocáveis”, estão acima do cipoal de normas que atingem o numerário comum. Trata-se sempre de um acordo tácito, de uma ameaça velada (“se eu não puder dispor de liberdade, então torna-se impossível exercer o serviço essencial para a Obra. Não que eu queira privilégios – longe de mim! –, mas trata-se somente de poder servir a nossa ‘bela mãe’, *madre guapa*, a Obra...”). Para não ficarmos em abstrações, passamos a indicar alguns dos “serviços” essenciais que garantem a existência dessa classe privilegiada.

Em primeiro lugar, o dinheiro. Um numerário que seja um empresário bem-sucedido vai entregar muito dinheiro para a Obra e, por isso mesmo, não terá dificuldades (as imensas dificuldades que os demais têm) para realizar viagens internacionais (nas quais evita ficar hospedado num centro da Obra, dispensa impensável para um outro numerário qualquer, digamos, um professor), poderá dispor de cartões de crédito (os demais não podem sequer ter um telefone celular), comprar bons carros etc. Se os outros profissionais menos abastados que vivam em São Paulo, por exemplo, dependem de consultas infinitamente burocráticas para poder participar durante dois dias de um congresso, vamos supor, no Rio de Janeiro, o numerário “rico” pode passar dois meses em Madri ou em Nova York, bastando simplesmente comunicar ao diretor: “Estarei a serviço!”. Naturalmente, essa liberdade é creditada à empresa: como “pessoa física”, o numerário “rico” afirma viver uma pobreza radical, mas como “pessoa jurídica” gasta o que bem entende, à margem do controle da Obra.

Outro tipo de privilégio decorre do trabalho no chamado “apostolado da opinião pública”, leia-se: manter a imprensa quieta, sem motivos para criticar a Obra. É natural que uma instituição como o Opus Dei, que age de forma silenciosa e a portas fechadas, desperte a curiosidade da imprensa. Afinal, o que ocorre no interior das casas do Opus Dei? A curiosidade se amplifica quando alguns membros da instituição alcançam projeção social, seja na política, seja no mundo dos negócios e, por desventura, acabam por envolver-se em escândalos financeiros. E, no ápice deste processo de exposição do

grupo (totalmente indesejado pelo mesmo), surge ainda um *best seller* internacional, *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, novela que coloca a prelazia na condição de vilão, expondo também as incompreendidas práticas de mortificação corporal.

O que fazer para evitar uma enxurrada de críticas da mídia? Simplesmente associar-se a ela, infiltrar-se nela ou, melhor ainda, se possível, **ser** a mídia. É esta a nobre tarefa de alguns numerários que, por desempenharem função de tamanha importância à sobrevivência da instituição, gozam dos privilégios da já aludida “intocabilidade”.

Outra atividade essencial à manutenção e desenvolvimento das atividades da prelazia é o serviço de assistência médico-psiquiátrica prestada aos inúmeros casos de numerários que apresentam distúrbios mentais.

Aqui cabe uma observação sobre como o Opus Dei habitualmente lida com os casos de numerários com sintomas de doenças psíquicas. Dentre as opções que se apresentam tradicionalmente a uma pessoa que se encontra nesta situação estão o tratamento farmacológico e as diversas escolas de tratamento psicoterápico. O Opus Dei, mais uma vez demonstrando o seu pragmatismo, de olho na máquina (no grupo) em detrimento do indivíduo, opta pelo tratamento farmacológico. O tratamento químico é mais barato, costuma produzir resultados num prazo mais curto e, sobretudo, impede que o indivíduo tenha a oportunidade de fazer um questionamento mais amplo de sua vida, algo que seria natural num processo psicanalítico, e que certamente colocaria em risco a disposição do membro em continuar fiel ao que acreditava ser uma “vocação divina”. Sendo assim, a tarefa essencial prestada por este médico numerário será receitar medicamentos psiquiátricos a seus irmãos que apresentam distúrbios desta ordem.

Um dos ex-membros entrevistados nos contava que, na condição de numerário e com cerca de 23 anos de idade, começou a apresentar sintomas claros de depressão. Seu diretor, um numerário que ocupava um alto cargo na hierarquia do Opus Dei no Brasil, disse-lhe, com espontaneidade: “Ora, mas você ainda é muito jovem para ‘quebrar’... Isto costuma ocorrer, normalmente, quando o numerário está perto dos 40 anos...” É muito interessante que um dos altos líderes da instituição admita que os numerários costumam “quebrar”. É uma demonstração de que a cúpula da prelazia, que tem visão de conjunto e que tem mais condições de saber o que está fazendo, está consciente de que o modo de vida imposto aos numerários em geral é, no mínimo, muito exigente e normalmente ultrapassa a capacidade psíquica dos indivíduos para suportar o sofrimento.

Um último exemplo de tarefa essencial ao funcionamento da instituição, e que também garante ingresso no grupo de intocáveis, é a administração da boa vizinhança com a alta hierarquia da Igreja Católica. Bispos e cardeais, apesar de juridicamente não terem competência para interferir nas atividades do Opus Dei (devido a *status* jurídico-canônico de prelazia pessoal adquirido pela instituição), gozam de um natural poder de fato como pastores de almas da Igreja Católica, e seria grande o prejuízo da prelazia caso esta viesse a cair em desgraça perante aquelas autoridades. Sendo assim, o Opus Dei destaca sacerdotes para desenvolver contatos com o clero regular da Igreja, e procurar passar uma boa impressão sobre o grupo. Alguns sacerdotes numerários, devido ao contato mais próximo desenvolvido com autoridades eclesiásticas acabam, também, sendo promovidos na hierarquia da Igreja. O Opus Dei tem, em seus quadros, alguns bispos e também cardeais.

Mas todas essas atividades têm um preço: a liberdade, o ficar a salvo de todas as picuinhas e mazelas internas que afligem seus irmãos numerários na forma de regras e regrinhas que amarram uma pessoa e a impedem de tomar iniciativas pessoais.

Enquanto os demais numerários não podem sair à noite – nem para jantar com um amigo ou parente – sem autorização expressa dos diretores, os numerários privilegiados que executam essas tarefas têm total liberdade de horários e programas. E, no que diz respeito aos gastos, enquanto os outros numerários anotam minuciosamente na conta de gastos (que deve ser entregue todo final do mês aos diretores e submetida à avaliação e críticas) todas as suas despesas, mesmo que sejam os trocados no bandeirão da universidade, os “intocáveis” podem participar de jantares (de caráter profissional, é claro) à altura dos seus refinamentos gastronômicos e do refinamento de seus eventuais interlocutores.

Essa intocabilidade dos intocáveis pressupõe um requisito fundamental: a discrição, o não alardear. Em termos práticos, graças à liberdade de tempo e financeira, estes numerários acabam por ter uma vida dupla. Frente a seus irmãos aparentam levar uma vida de numerário comum: participam das atividades de “formação”, cumprem as normas do “plano de vida” e participam da “vida em família”. Quando ausentes das casas do Opus Dei, acabam por dar vazão a um segundo “eu”, dotado de alguma personalidade própria, buscando realizar alguns desejos pessoais...

Pela liberdade de que gozam, graças à excelente imagem que transmitem de uma Obra em que um numerário pode ser feliz... Eles se tornam, na verdade, os únicos intocáveis – e de fato estão muito satisfeitos com a Obra, pois não sofrem as incríveis

pressões de que são vítimas os moradores da “senzala”. São também os garotos-propaganda do Opus Dei, porque, naturalmente, a Obra aproveita para exibí-los como modelos de numerários bem-sucedidos na vitrine das suas relações públicas.

Tipo 2 - Os chefões

“No Opus Dei”, dizia o fundador, “os cargos não são cargos, são cargas...”. Na prática, a sentença poderia ser completada com “...sobre os ombros dos outros”.

Os chefões, por exercerem funções de governo, em termos práticos acabam por ficar enclausurados nas casas da prelazia, distanciando-se das realidades do mundo. Pontificam sobre as questões de governo da instituição e sobre questões de consciência dos súditos. Afastados do apostolado direto e da vida corrente, ignoram o que é a vida real: o trabalho numa empresa, numa universidade, o custo de vida, as relações sociais. Têm pouquíssima sensibilidade para os problemas alheios e consideram tudo o que cheira a “psicologia” como falta de sentido sobrenatural. Decorre daí também a opção pelo tratamento farmacológico para os casos de doenças psíquicas.

Detentores do poder, estão ocupados com tarefas de domínio da liberdade alheia e passam o dia inventando leis para os que vivem na “senzala”. Teoricamente, as dezenas de notas e observações que enviam semanalmente sobre os menores detalhes da vida nos centros e da vida dos membros da Obra são criadas para promover a “santificação” no meio do mundo: não pode comprar roupa sozinho, não pode cumprimentar mulher com beijinho, não pode sair à noite, não pode ter celular, não pode ter talão de cheque (e, se tem, fica sempre retido com o secretário do centro), não pode viajar, não pode ler isso, não pode fazer aquilo, agora não pode tal coisa... Os resultados são, entre outros, as doenças mentais, de que ainda falaremos.

Por terem acesso pormenorizado às situações de consciência de todos os numerários que estão sob seu comando, os chefões *sabem* muito bem como a máquina Opus Dei funciona. Possuem acesso a dados empíricos colhidos ao longo de décadas de atuação do grupo, no trato com indivíduos (que na imensa maioria dos casos não fazem idéia do que se passa, não fazem idéia de que participam de um jogo com um fluxo enormemente assimétrico de informações).

No manejo do “gado humano”, os chefões sabem o que normalmente costuma funcionar e o que não costuma funcionar. Sabem quais são os procedimentos que mais

funcionam para induzir a chamada “crise vocacional” num indivíduo que apresenta condições mínimas para “apitar”. Sabem como “domar” numerários com problemas adaptativos ao modo de vida imposto pela prelazia. Sabem que recursos podem ser utilizados para “quebrar” emocionalmente indivíduos críticos, e assim obter deles maior submissão. Sabem como conduzir o trato com cada um, de acordo com seus traços de personalidade, e assim extrair o máximo possível de contribuição de cada súdito. Sabem que no mínimo 80% dos numerários deixarão a Obra ao longo de sua vida. Sabem o que dizer aos numerários que estão querendo deixar a instituição, obtendo deles um postergamento da saída.

Uma tentativa de análise mais aprofundada sobre a mentalidade dos chefões será apresentada no capítulo 5.

Tipo 3 - Os sargentos triunfalistas

A ação dos chefões só é possível graças à interface com a tropa, realizada pelos sargentos. São os diretores dos centros, que se encarregam de transmitir e zelar, no dia-a-dia, pela pureza do espírito da Obra. Como são os mais fanáticos (e, por vezes, violentos, reproduzindo no ouvido dos numerários da senzala os berros que já ouviram dos chefões), são eles os que transmitem a mentalidade “vale-tudo”, “guerra é guerra”, para cumprir as metas estabelecidas pelos chefões. Um exemplo entre muitos do “vale tudo”, apoiado moralmente pelos sargentos: no Instituto de Matemática da USP, a imagem do Opus Dei ficou muito comprometida na década de 1980, quando vários numerários conseguiram bolsas de agências financiadoras para a realização de pesquisas, mas, como priorizassem seus encargos internos (era já a época em que o Opus Dei estava abdicando da universidade e apostando nos clubinhos de garotos), não davam conta de suas obrigações acadêmicas. Os diretores estavam cientes desta situação, mas continuavam determinando que seus súditos priorizassem as atividades internas do Opus Dei, em detrimento das obrigações acadêmicas.

Os sargentos triunfalistas costumeiramente têm inteligência mediana, sem grandes brilhos intelectuais. São, porém, gente de total confiança dos chefões. Eles são capazes de levar adiante as ordens mais absurdas, com mão de ferro. Adotam a truculência, quando necessário. E sentem-se felizes por cumprir o seu papel de comando intermediário.

Tipo 4 - Os sargentos polidos

São tão sargentos quanto os triunfalistas do grupo anterior, mas muito mais perigosos, na medida em que aparentam uma (falsa) capacidade de diálogo, de bom humor, bons modos, dignidade e tolerância. São pessoas que no passado eram realmente doces e sensíveis, qualidades que acabaram minguando após anos de Opus Dei, deixando apenas uma sombra e a habilidade técnica de simulá-las.

O sargento polido não apenas “bate” – como essencialmente fazem os sargentos triunfalistas – mas sobretudo “assopram”, afagando, colocando panos quentes, dourando bem a pílula do domínio opusdeístico para que seja mais tragável pelas vítimas.

Os sargentos polidos têm fala mansa, olhar cândido, e muitas vezes são, como na famosa foto de um oficial da Plaza de Mayo (torturador oferecendo o ombro à mãe do torturado), quase que um modelo de doçura. Um sargento polido poderá, por exemplo, acompanhar um numerário em crise, prestes a sair da prelazia, e deixar em sua mente a falsa impressão de que, se a Obra é um lugar infernal, pelo menos lá ainda sobram algumas grandes almas.

Tipo 5 – Os médiocres arrogantes

Em seu desconhecimento do “mundo real”, a burocracia da Obra vai criando atividades internas e preenchendo estes cargos com gente fiel do segundo escalão. Assim, são nomeados como grandes professores “internos”, em obras corporativas, gente que não tem outra formação além da que se recebe da própria Obra, e isso lhes basta. A pretendida grandiosidade do Opus Dei leva a uma auto-suficiência que acaba por dispensar, na formação de seus quadros, a legitimação de reconhecidas instituições do mundo voltadas ao conhecimento.

Especialmente na área de ciências humanas, o Opus Dei não supera uma minguada mediocridade. São coincidentes os relatos de ex-membros terem testemunhado, nos centros para jovens, uma clara predileção por estudos mais técnicos e aplicados, tais como engenharia ou medicina, por exemplo, em detrimento dos estudos de ciências humanas. A idéia de voltar-se a estudos tais como ciências sociais,

psicologia ou filosofia não era vista com bons olhos pelos diretores. Afinal, dentro da ideosfera opusdeística já estava tudo pensado. O que é o homem, como deve comportar-se, a ética, a moral, os erros da sociedade e como seria uma a sociedade ideal... Para tudo a instituição tinha uma visão já pronta, definitiva. Pensar? Para quê? O que a instituição precisava era de simples executores, e, neste sentido, nada melhor do que o senso prático para atingir determinados objetivos, normalmente estimulado num curso de engenharia, por exemplo.

A mediocridade de que são protagonistas não parece impedir que os representantes deste grupo dêem palestras para universitários que se aproximam da Obra, iludidos muitas vezes com a idéia de que os numerários são aristocratas da inteligência.

Usufruindo do seu poder de influência enquanto grupo fortemente coeso, a instituição, quando entende conveniente, promove algum membro à condição de grande especialista em determinado assunto. Se há, no momento, um debate público, digamos, sobre questões de ética em biomedicina, por exemplo, o grupo, querendo mostrar presença – de forma sutil, indireta – no debate, tratará de promover alguém à condição de autoridade no assunto. A pessoa promovida ganha, em poucos dias ou semanas, um *status* de grande conhecedor, tanto *interna corporis* quanto nos meios em que há influência do Opus Dei. Em troca, o membro procurará difundir publicamente os posicionamentos que interessam à prelazia e ficará dela mais dependente, pois sabe que seu “sucesso” deveu-se a uma ação orquestrada da instituição.

Tipo 6 - Os “moitas”

Especialmente nos centros de “mais velhos”, cada um está na sua e *se las arregla* (“dá um jeito”), vai sobrevivendo como pode num mundo já destituído das ilusões da juventude. Tal como, inexplicavelmente, aparecem nos presídios, “do nada”, estiletos, cachaça, droga etc., assim também os numerários deste grupo vão conseguindo livros, quadras de tênis para um jogo no final de semana, caronas, passeios, um filme na casa de um amigo, e assim por diante. Vão levando a vida nessa toada, pois, afinal, tudo acaba em apostolado...

O Opus Dei, mais do que escola de santidade, acaba como escola de egoísmo. Gente que entrou para a Obra movida talvez por uma imensa generosidade, acaba, com

os anos, desiludida e vivendo segundo a máxima: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Na moita, disputam palmo a palmo um lugar à sombra dentro do centro, uma poltrona, um bife mais gordo, um esquema de excursão mensal, enfim, “já que a Obra me usou bastante e estou meio que esquecido agora, vou aproveitar a vida no que for possível, no que me deixarem”.

Como é de se esperar, o “moita” procura ser muito discreto. Se, por um lado, não mostra muito serviço para a instituição, por outro lado evita fazer barulho sobre suas atividades. A estratégia é passar despercebido, não fazer alarde, para, assim, evitar possíveis cobranças, críticas, correções fraternas etc. Se falasse, o “moita” diria, por exemplo: “me deixem em paz, pois, se não ajudo muito, pelo menos não atrapalho em nada”.

Tipo 7 - Os emudecidos

Variante do tipo anterior: desiludidos, não têm a consciência suficientemente elástica para *se las arreglar*. Escrupulosos, procuram cumprir as inúmeras regras comportamentais contidas no discurso do grupo.

Ante a absoluta impossibilidade de criticar a instituição ou corrigir algo e depois de terem assistido, impotentes, a todo o tipo de arbitrariedades e absurdos dentro da prelazia, entregam-se a um emudecimento estóico, esperando que, como sempre se diz nas murmurações dentro da Obra: “É, algum dia as coisas mudam...”. Cumprem o seu papel, por vezes chegam a ocupar o cargo de sargentos, mas não são triunfalistas nem polidos. São apenas cumpridores do dever.

Na realidade, ainda acreditam que estão fazendo a Obra e que o essencial não está perdido. Nada mais a dizer...

Tipo 8 - Os desiludidos úteis

Alguns, com o passar dos anos, desiludem-se de vez: não acreditam mais na utopia de que as coisas vão mudar; de que com o próximo prelado haverá mais liberdade; de que a próxima comissão de serviço vai ouvir as reclamações; de que

escrever ao prelado atual pode adiantar; de que, depois de não sei o quê, as coisas podem ganhar um novo rumo... Não, não há mais nada a fazer. Tudo apenas piora...

Contudo, os numerários deste grupo, porque são pessoas retas e dignas, ainda acreditam que, de algum modo sobrenaturalíssimo, se a Obra não é de Deus, pelo menos ainda pertence à Igreja Católica, e a Igreja é de Deus. Talvez daqui a uns cem anos a Obra reencontre seu caminho, quem sabe? Alguns, com um olhar meio que messiânico, rezam para que venha um santo reformador...

Explícita ou implicitamente, esses numerários, por vergonha de fazer proselitismo (só daqui a cem anos...) e porque vêem uma enorme hipocrisia na pregação dos “meios de formação”, são também identificados pela instituição como pessoas com as quais não se pode contar, porque já não compactuam como antes. Ao mesmo tempo, sua grandeza moral continua sendo, de certa forma, de interesse para a instituição, na medida em que eles têm seus admiradores, e esses admiradores se tornarão cooperadores... ou chegarão a apitar como supernumerários, pensando que a Obra é de Deus e que foi Deus quem lhes deu a conhecer um “thomas morus” em carne e osso.

Tipo 9 - Os “alpistados”

É um dos possíveis desaguadouros dos tipos 7 e 8: a doença mental. O numerário que não compactua com o sistema “vale-tudo”, nem consegue acomodar-se egoistamente, nem possui dinheiro suficiente ou influência externa para obter alforria interna, nem faz parte da elite dos chefões, por mais nobre que seja a sua alma e incorruptível a sua dignidade, corre o sério risco de sofrer um distúrbio mental.

Tudo pode começar com um estresse e terminar na dependência de antidepressivos... mesmo que depressão não seja exatamente o melhor diagnóstico para a sua situação. Houve um numerário que começou a sentir dores de cabeça terríveis, chegou a ser tratado na clínica de Navarra (controlada pelo Opus Dei), na Espanha, e acabou absolutamente imprestável para viver na Obra, que o devolveu “caridosamente” para os pais supernumerários. Outro começou com sintomas de depressão, foi mal diagnosticado, mal medicado e chegou a ter alucinações. Também foi devolvido para a casa dos pais, que, por conta desse acontecimento, deixaram de ser supernumerários.

Outro ainda, depois de largar, aos cinqüenta anos, um bom cargo numa empresa multinacional, dedica-se hoje a assistir aulas de filosofia como ouvinte e a divulgar o

pensamento do filósofo Leonardo Pólo, do Opus Dei. Outro “alpisto”, porque uma das poucas atividades que hoje consegue realizar (brilhante professor de biologia e o único verdadeiro pedagogo dos quadros da Obra no Brasil) é dar alpiste para os seus passarinhos. Daí o neologismo *alpistar*, surgido nos bate-papos entre os membros que se atrevem a comentar – reservadamente – esses assuntos tabus... São histórias e mais histórias de pessoas que se tornaram desajustadas vivendo no ambiente rarefeito da Obra. Talvez se trate de uma defesa desesperada da psique para que o sujeito sobreviva ao ambiente opressor e doentio em que entrou inadvertidamente e do qual não pôde sair, temendo ofender a Deus, trair a “chamada divina” etc.

Existe de fato uma relação causal entre estar submetido à condição de numerário no Opus Dei e o desenvolvimento de doenças psíquicas? É fato que uma infinidade de numerários desenvolvem doenças psíquicas. Contudo, acreditamos não ser correto estabelecer a aludida correlação causal de forma unívoca e direta, primeiro, porque nem todos os numerários são acometidos por doenças psíquicas e, segundo, porque estas são fenômenos ainda não explicados pela ciência de forma definitiva e universalmente aceita. Ainda assim, buscando um aprofundamento nesta questão, apresentaremos agora um breve resumo a respeito do que se entende por doença psíquica e quais seriam suas possíveis causas.

São doenças psíquicas as chamadas neuroses e psicoses. Neuroses são perdas de conexão do indivíduo consigo mesmo, falhas na conscientização de fatos ou de emoções, que acabam por resultar em problemas comportamentais. São exemplos de neuroses: depressão (tida como a mais comum das neuroses, e geralmente a primeira e menos grave manifestação neurótica de um indivíduo), transtorno maníaco-depressivo, fobias diversas, transtorno obsessivo-compulsivo, síndrome do pânico etc.

Já as psicoses significam uma falha de conexão entre o indivíduo e a realidade externa. Por se tratar de uma percepção falsa da realidade, as psicoses são doenças mais graves do que as neuroses. São exemplos de psicoses as alucinações auditivas e visuais.

Vale à pena apresentar aqui o que já foi apontado como causa das neuroses e psicoses.

Para Sigmund Freud a causa das doenças mentais é a repressão de desejos, notadamente de desejos sexuais, sendo o desejo sexual primário o de união com o progenitor de sexo oposto.

Ora, entendendo-se que qualquer ser humano que tenha pelo menos uma razoável condição de saúde corporal e que tenha ultrapassado a idade da puberdade

possui desejos de natureza sexual e, como é sabido, tendo os numerários abraçado a condição de celibatários, encontramos, evidentemente, uma situação de desejos não satisfeitos.

Simplificando aqui a teoria desenvolvida por Freud, podemos afirmar que há basicamente dois destinos possíveis para o caso de desejos ou pulsões (*Triebe*) não satisfeitos. Um destino é a chamada sublimação. Trata-se de um destino – que idealmente ocorreria com relação aos desejos sexuais dos numerários – sadio, onde a satisfação do desejo primitivo é substituída pelo exercício de uma atividade causadora de maior benefício psíquico para o indivíduo, por este considerá-la de alguma forma superior. Como exemplo apropriado, estaria o celibatário sincero que, internamente alegre e orgulhoso de seu trabalho de ajuda a outras pessoas como pastor de almas, acaba por conseguir conter os seus ímpetos de satisfação de desejos sexuais em sentido estrito.

O segundo destino dos desejos não satisfeitos, ainda valendo-nos da teoria desenvolvida por Freud, é o chamado recalque ou repressão (*Verdrängung*). Este é o destino que vem a causar as doenças mentais. O indivíduo não realiza os desejos, que não mais aparecem na consciência, mas continuam presentes no chamado inconsciente. Ocorre que o inconsciente tem forças no comando da psique do indivíduo contra as quais algumas vezes o nível consciente não pode competir. É neste ponto que surgem as neuroses ou psicoses: são manifestações na atividade psíquica fruto de desejos recalcados que encontram-se no nível inconsciente de uma pessoa.

Para o pesquisador inglês D. W. Winnicott, o que determina o surgimento de doenças mentais é a ocorrência de falhas na relação mãe-filho durante a infância, ou, mais especificamente, a incapacidade da mãe de proporcionar uma satisfação das necessidades emocionais básicas da criança, num processo que denominou de “holding”. Uma mãe capaz de suprir estas necessidades foi denominada por Winnicott como “mãe suficientemente boa”. Assim, os indivíduos que em sua infância não tiveram uma “mãe suficientemente boa” desenvolverão sintomas neuróticos ou psicóticos.

Já Erich Fromm inclui também como fatores causadores de neuroses elementos sociológicos, entendendo que a condição humana impõe, além da satisfação das necessidades fisiológicas, a satisfação das seguintes necessidades: relacionar-se com seu semelhante; superar a condição de criatura passiva e ser capaz de criar; separar-se dos laços de sangue e do solo; ter um sentido de identidade independente de uma tribo,

classe ou família. A falta de satisfação destas necessidades determinará, então, o surgimento de neuroses ou psicoses.

Poderíamos ampliar a relação dos pensadores que se debruçaram sobre a questão da origem das doenças psíquicas. Mas contentemo-nos com o apresentado anteriormente e também com a constatação de que há, na doutrina do pensamento psicanalítico ocidental, uma confluência (naturalmente, não absoluta) no sentido de que a origem das doenças mentais encontra-se nos acontecimentos dos primeiros anos de vida de uma pessoa – infância – incluindo, até mesmo, os meses em que se encontrava no útero de sua mãe. Utilizamos aqui o termo “acontecimentos”, mas, em verdade, trata-se das percepções e sobretudo das emoções – e sua correspondente elaboração – que a criança (ou o feto) teve neste período.

Bastaria adotar a premissa de que a causa básica das doenças psíquicas são acontecimentos da infância do indivíduo para descartar, então, a hipótese de que a condição de numerário determina o surgimento de doenças mentais. Mas uma outra consideração importante se impõe. É a idéia de que a manifestação sintomática das doenças mentais pode ser favorecida ou precipitada de acordo com o nível de sofrimento (sobretudo o sofrimento moral, seja consciente ou inconsciente: perdas, frustrações, isolamento, desesperança etc.) a que um indivíduo está exposto. Assim, o ser humano teria um limite, um limiar de suportabilidade do sofrimento, maior ou menor, de acordo com uma espécie de reserva psíquica, adquirida às custas de uma melhor ou pior elaboração das emoções da infância.

Daí que as condições adversas da vida de um numerário podem fazer com que sintomas neuróticos ou psicóticos afluam, sintomas estes que não afluariam em circunstâncias de vida mais arejadas.

Neste ponto a teoria de Erich Fromm, da satisfação das necessidades da condição humana, parece bem explicar o surgimento de doenças mentais entre os numerários. Fromm fala sobre a necessidade de “relacionar-se com seu semelhante”. Ora, os numerários, entre si, estão proibidos de relacionar-se em nível humanamente mais rico, pois no Opus Dei, estão proibidas as “amizades particulares”. As relações dos numerários com seus superiores são relações de dominação. E também, as relações permitidas pela instituição entre os numerários e não-numerários são relações marcadas

pelo pragmatismo da obtenção de vantagens para o grupo³⁹, portanto, destituídas das idéias de franqueza, espontaneidade e de “abertura de coração”, que são pressupostos de uma relação humana rica e sadia.

Fromm fala também em “superar a condição de criatura passiva e ser capaz de criar”. A não ser talvez um ou outro arquiteto que projetou casas do Opus Dei, é difícil criar algo estando na condição de numerário. “*Nunca te esqueças de que és apenas um executor*”, diz o ponto 619 do livro *Caminho*.

Fromm fala ainda da necessidade de “ter um sentido de identidade independente de uma tribo, classe ou família”. Toda a avalanche doutrinadora da “formação” vitalícia dos numerários concorre para a destruição de qualquer sentido de identidade independente do grupo.

Nossa conclusão é a de que o surgimento de doenças mentais entre os numerários explica-se tanto pela idéia de que o sofrimento (sobretudo moral: isolamento, frustração de desejos de diversas ordens) a que estão expostos ultrapassou sua capacidade de suportá-lo (capacidade esta adquirida no processo de elaboração de emoções da infância), como, também, devido à falta de satisfação das necessidades humanas de relacionar-se com seu semelhante, de ser capaz de criar e de ter um sentido de identidade independente de uma tribo, classe ou família (da teoria de Erich Fromm).

Tipo 10 - Escravos na senzala

Pertence a este tipo a imensa massa dos numerários que ainda não percorreram o caminho completo, ainda não se “encaixaram” plenamente em um ou em alguns dos tipos acima. Foram cooptados sem saber que de escravidão se tratava. Aos poucos foram descobrindo (porque só aos poucos a revelação da Obra se faz) o verdadeiro “pacote” que haviam “comprado”. Mas aí pode ser muito difícil voltar. Os numerários que vivem na senzala são “pau para toda a obra”. Ficam na portaria dos centros, atendem o telefone para os intocáveis, lavam os carros dos chefões, obedecem cegamente às ordens dos sargentos, ouvem com respeito as aulas e preleções dos medíocres... e cumprem todas as normas do plano de vida, fiados nas palavras do santo

³⁹ Uma mulher, simpatizante do Opus Dei, em programa ao vivo da entrevistadora Olga Bongiovanni, confessou que foi desencorajada por uma superiora da instituição a convidar uma amiga, paciente terminal de câncer, para participar das atividades da prelaia.

fundador. E ainda têm fôlego para comemorar as “festas A e B” (assim denominadas internamente), como os negros no Brasil que, à noite, na noite escrava dos séculos passados, nas senzalas, cantavam e dançavam para afogar a tristeza.

Mais cedo ou mais tarde chegará para o numerário que ingressou na Obra o momento em que seu destino será decidido. Poderá ingressar no mundo dos chefões ou dos intocáveis, ou, pelo menos, talvez chegue a ser um sargento. Mas, em qualquer dos três casos, terá de se imbuir do pragmatismo opusdeístico e mostrar serviço. No Centro de Estudos (durante dois anos, o neófito passa por uma verdadeira doutrinação intelectual e psicológica, um treinamento diuturno, divisor de águas na vida de um numerário), os numerários passam pelas provas decisivas e praticamente se revela qual será o seu trajeto futuro dentro da Obra.

Há aqueles numerários que passarão a vida carregando pedras, abnegados, suando a camisa, vivendo privações e que, paradoxalmente, se sentem beneficiados por poderem servir a Obra sendo os últimos dos últimos. Agüentam humilhações, não se queixam, não murmuram. A sua chance de libertação talvez seja “alpistar”.

Há aqueles numerários que têm o dom de comandar sem contemplos e serão treinados para assumir cargos de direção. Começarão como secretários de um centro e possivelmente serão subdiretores ou diretores durante o resto da vida. Há aqueles numerários simpáticos, temperamentos naturalmente afáveis, usados como aperitivos e iscas na grande armadilha. Quando a Obra começa a trabalhar numa cidade diferente, é bom poder contar com gente assim, “alma pura”, de bem com a vida, que transmite confiança total aos novos freqüentadores... Há aqueles numerários, por fim, que se revoltarão, consciente ou inconscientemente, contra o esquema, contra a mentira, contra as reservas mentais. Mais cedo ou mais tarde, ainda que seja muito tarde, ainda que tenham experimentado o gosto do poder que proporciona a função de sargento, sentirão uma saudável indignação misturada com o medo de mudar e assumir para si mesmos que entraram numa armadilha. Confusamente, pensarão que, apesar de tantas missas e palestras moralizantes, algo não está certo. E acabarão por sair da Obra e, não raramente, pensando até que possuem alguma culpa, que foram eles, ao menos em parte, que não souberam lá viver a entrega, as exigências da “vocação”, ou não tiveram fôlego moral para separar o joio do trigo e difundir o trigo lá dentro.

Escravos serão expulsos, ou fugirão na calada da noite, ou receberão uma dispensa por parte dos chefões, que querem se ver livres de alguns escravos problemáticos que aprenderam a pensar por conta própria e começam a sair do controle.

São escravos que amam a liberdade e não servem para os objetivos inconfessáveis da prelazia. Esta, por sua vez, quer que eles saiam da Obra estigmatizados, acreditando que ela é essencialmente boa e que eles é que não foram santos o bastante. A Obra poderá dizer, então, que esses ex-escravos até guardam “um grande carinho pela instituição”.

Os ex-membros – uma tipologia

Nossa análise ficaria incompleta sem a consideração da tipologia dos ex-membros. Naturalmente, o Opus Dei procura não divulgar estatísticas sobre seus membros, e menos ainda estatísticas sobre os que deixam a instituição. Não é de seu interesse. Mas é sabido que no mínimo 80% das pessoas que ingressaram na instituição na condição de numerário deixarão a mesma antes do término de suas vidas, ou seja, “não perseverarão”, como se diz no jargão interno.

O alto comando da instituição está muito consciente desta estatística, mas pouco se importa. Mesmo considerando todas as maldições que pesam sobre “os que foram infiéis à sua vocação”, tanto com relação à vida presente, quanto com relação à vida após a morte. O fundador tinha palavras muito duras para os que deixam a Obra. Dizia ele:

Si alguien se descaminara, le quedaría un remordimiento tremendo: sería un desgraciado. Hasta esas cosas que dan a la gente una relativa felicidad, en una persona que abandona su vocación se hacen amargas como la hiel, agrias como el vinagre, repugnantes como el rejalgar.⁴⁰

Pela lógica do discurso do Opus Dei, muito triste seria o resultado do “balanço salvífico” das almas que em vida passaram pela condição de numerário: no mínimo, de cada 5 almas, 4 arderiam no fogo do inferno. E apenas uma destas 5, talvez, seria bem-aventurada e ganharia um *ticket* para participar de uma eterna *tertúlia* com a Santíssima Trindade, Nossa Senhora, São Josemaria Escrivá, Dom Álvaro del Portillo etc., pois o fundador “garantia o céu” para os que fossem fiéis à prática das normas de piedade prescritas pela prelazia durante toda a sua vida.

⁴⁰ ESCRIVÁ, Meditaciones III, pg. 389.

O que interessa para o grupo é que, antes de deixar a instituição, essas pessoas tenham feito, durante alguns anos, com que a máquina opusiana girasse: defenderam o grupo publicamente, deixaram seus salários nos cofres da instituição, levaram adiante atividades-isca para a captação de novos membros, cuidaram da manutenção das casas do Opus Dei e ainda convenceram outros indivíduos a tornarem-se membros que, por sua vez, atravessarão o mesmo ciclo.

“Guerra é guerra”, e toda guerra tem as suas vítimas. Então, dentro da lógica pragmática de um grupo que participa da guerra pelo poder na Terra, não é pertinente gastar tempo ou ter simpatia (do grego *sym pathia*, que significa “sofrer junto”) pelas vítimas que ficaram no caminho.

Faz-se necessário comentar o tratamento que a prelazia dispensa aos indivíduos que decidiram deixar a instituição. No caso de haver ainda esperanças, por parte do grupo, de que o indivíduo, após um período de afastamento, retorne aos quadros da prelazia, então haverá um trato cuidadoso, chegando a ser até compreensivo, uma espécie de “ceder, sem conceder, para ao final vencer”, tudo na tentativa de amenizar os conflitos e trazer de volta a “ovelha desgarrada”.

Mas, quando os diretores percebem que se tratou já de uma partida sem volta, então o tratamento muda. Há os casos em que, impiedosamente, e numa espécie de proteção da honra da “madre guapa”, o grupo destaca um numerário fanático, muito provavelmente do tipo “sargento triunfalista” para, na medida do possível, procurar “quebrar” emocionalmente o egresso. Como se o membro em saída já não estivesse emocionalmente em frangalhos. Antonio Carlos Brolezzi narra, com riqueza de detalhes, o que ocorreu em seu processo de saída, quando um diretor fora destacado para dirigir-lhe as últimas maldições de infelicidade nesta vida e possivelmente na vida pós-morte. Escreveu Brolezzi sobre as admoestações de seu diretor naquele momento:

Prosseguiu destilando seu veneno, desfiando os vários problemas que eu iria enfrentar “lá fora”. Utilizou informações confidenciais sobre minha pessoa, que ele manipulava para me fazer sentir um verme. Conseguiu quebrar minhas pernas. O chocante não eram as maldições em si. O problema era a forma como ele, meu diretor naquele momento, com quem eu tinha convivido por anos e anos, chegar a me tratar assim, fazer essa cara de demônio. Fernando tinha desistido de mim. Não ele, que nunca fazia as coisas por iniciativa pessoal, mas a

própria Obra, sua alta direção, que deve ter dito: “Quebra ele e jogue-o em algum canto, que não nos interessa mais”.⁴¹

Não é fácil sair do Opus Dei, não é nada fácil deixar a condição de numerário. Primeiro, é preciso buscar internamente um argumento forte o bastante para competir com a idéia do chamado divino, da vocação para fazer o Opus Dei. Uma das alternativas é simplesmente negar o chamado. Deus me chamou? Deus falou comigo? Quando? De que forma? Quais eram as circunstâncias da minha vida? “Senti em meu coração” é algo muito frágil. Outra alternativa é, ainda que se aceite a idéia de uma vocação divina, constatar, na prática, a impossibilidade, dadas as contradições encontradas no dia-a-dia, de viver o que o Opus Dei apresenta como conseqüências da vocação de um numerário.

É preciso também conseguir lidar com uma situação de inevitável sentimento de frustração. Objetivamente, o indivíduo investiu ali tempo de sua vida e energia nada desprezíveis. E o resultado foi abandonar a empreitada antes do previsto (o previsto era somente com a chegada da morte, naturalmente).

É necessário também haver uma perspectiva realista quanto ao equacionamento da dimensão financeira da existência. Especialmente no caso de numerários mais velhos (depois dos 40 ou 50 anos de idade) e que se dedicaram durante vários anos a trabalhos internos (governo do grupo ou administração de casas, escolas e outras iniciativas do Opus Dei), este quesito pode ser de satisfação pouco viável, dada a dificuldade implícita a um retorno tardio ao competitivo mercado de trabalho. Quase desnecessário dizer que, como regra geral, não há auxílio financeiro por parte da instituição aos que a deixam.

Também é necessário não ter medo do desconhecido. Para muitas pessoas, uma situação desconfortável, porém conhecida, acaba prevalecendo diante de uma alternativa não muito bem conhecida.

É preciso diferenciar a forma, o momento da vida e as circunstâncias dos que deixam a condição de numerário. Em primeiro lugar, há que se fazer uma dicotomia básica, que é entre os que são expulsos ou “convidados a se retirar” e os que decidem abandonar o grupo por iniciativa própria.

A Obra tem basicamente três motivos para ter interesse em excluir um membro de seus quadros. Primeiro, quando o membro é acometido por alguma doença grave, seja corporal ou psíquica. Neste caso, a exclusão do membro fica muito facilitada se a família do numerário em questão é simpática ao Opus Dei, sendo os pais, por exemplo,

⁴¹ BROLEZZI, Antonio Carlos. **Memórias Sexuais no Opus Dei**. São Paulo: Panda Books, 2006, p. 166

supernumerários. Uma simples conversa com o pai do numerário explicando que, “na realidade, fulano não tinha vocação...” e estará tudo resolvido, sendo o ex-numerário “devolvido” para a casa dos pais.

O segundo motivo é alguma prática do membro que possa gerar escândalo. Por exemplo, o caso de numerários que têm amantes que engravidam.

O terceiro motivo é uma atitude crítica (e lembremos que no Opus Dei não se admite a menor sombra de crítica) de um “escravo da senzala”. Este membro, até mesmo fazendo uso de algumas das inúmeras regras, regrinhas e critérios do grupo, apontará aos diretores o que entende ser “desvios do espírito da Obra”. Certamente será advertido a não querer cuidar do que não lhe compete. O próprio fundador já advertia, no ponto 53 de *Caminho*:

Esse espírito crítico (concedo-te que não é murmuração), não o debes exercer no teu apostolado, nem com teus irmãos. Esse espírito crítico é, para o vosso empreendimento sobrenatural (perdoas-me que o diga?), um grande estorvo, porque, enquanto examinas – embora com elevada finalidade, acredito – o trabalho dos outros, sem teres nada a ver com isso, não fazes nenhuma obra positiva, e dificultas, com o teu exemplo de passividade, o bom andamento de todos.

Insistindo o membro em querer consertar o que, usando a sua reta razão e o que aprendeu no próprio discurso do Opus Dei – que, como vimos, é ambíguo e imunizado –, entende não estar correto, acabará por criar inúmeros desgastes e antipatias. Algum numerário mais influente, cansado com a situação, ou mesmo temendo uma perda de sua posição para o crítico – que costumeiramente tem mais brilho intelectual – tratará de cuidar para que a ameaça seja descartada.

Mas voltemos ao caso que mais prevalece, que é o do membro que toma a iniciativa de deixar a instituição. Neste caso pode ser feita ainda uma diferenciação quanto ao *timing* da saída do membro.

Há os que saem fisicamente do Opus Dei **antes** de formar um quadro intelectual satisfatório sobre o mesmo. Didaticamente, podemos dizer que “o corpo sai antes da cabeça”. Estes membros percebem as contradições das práticas opusianas. Percebem o quão desonestas e anti-cristãs (no sentido filosófico de cristianismo anteriormente apresentado) são algumas dessas práticas. Intuem que é impossível a prática das

virtudes e do amor sem que haja liberdade. Mas, ou por não terem experiência de vida suficiente, ou por não terem tido acesso a estudos e depoimentos de gente de fora do Opus Dei sobre o mesmo, ainda não puderam formar um quadro nítido do que de fato ocorre sob seus olhos.

E há os que saem fisicamente do Opus Dei **depois** de formar um quadro intelectual satisfatório sobre o mesmo. Utilizando-se de uma certa flexibilidade de consciência, desprezaram as regras de bloqueio à informação (censura de livros, censura de conteúdo da Internet etc.) e foram, pouco a pouco, juntando as peças do quebra-cabeças e construindo um quadro intelectual nítido do que se passa. Estes fazem seu processo de digestão intelectual enquanto ainda residem nas casas do Opus Dei e participam normalmente dos meios de “formação” e da chamada vida em família. Estando este processo razoavelmente concluído, é natural que a cabeça deste indivíduo esteja já distante do mundo opusiano. O mesmo encontra-se na Obra apenas “de corpo presente”, e aguarda o momento oportuno de deixar a instituição.

Apresentemos, então, uma tipologia dos ex-membros, novamente com a ressalva de que trata-se de um esboço de tipos puros, inexistentes na realidade (idealizados pelo sociólogo Max Weber), construídos apenas a título didático, com a finalidade de facilitar a compreensão da realidade da vida dos que, durante alguns anos, estiveram submetidos ao processo de doutrinação do Opus Dei.

Tipo 1 – Os culpados

Este tipo ideal é especialmente válido para o ex-membro que saiu fisicamente do Opus Dei antes de formar um quadro intelectual satisfatório sobre o mesmo. Neste caso, será normalmente o primeiro dos tipos que melhor descreve a situação do indivíduo que há pouco tempo deixou a prelazia.

É natural se esperar que, depois de quebrar o compromisso de entrega da vida à instituição, decidindo abandoná-la, o indivíduo se sinta culpado. “Não perseverei”, pode pensar, usando a terminologia adquirida na “formação” do Opus Dei. Ou ainda “não fui fiel à minha vocação”.

O culpado procura, então, de alguma forma, “compensar” a sua falha. Deixou de ser numerário, mas nem por isso deixou de ser católico nos moldes opusianos. Preocupa-se com a salvação de sua alma e, se não é mais numerário, pelo menos está

decidido a ser um católico exemplar. Por isso, procura não só cumprir os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, mas também mantém a prática das normas do plano de vida que aprendeu no Opus Dei. Vai à missa todos os domingos, e também em alguns outros dias da semana. Confessa-se.⁴² Faz um período de oração mental. Lê ainda livros espirituais de editoras controladas por membros da prelazia. Reza o terço.

Com o passar do tempo, naturalmente, a tendência é haver uma diminuição da culpa e também diminuir a inércia do modo de vida opusiano. Assim, o ex-membro vai pouco a pouco se cobrando menos, e vai diminuindo a auto-exigência com relação à prática das normas do plano de vida. O ex-membro passa, então, a realizar com menor frequência as chamadas “práticas de piedade” que aprendeu no grupo. Ficam, porém, intactas as exigências cabíveis – conforme aprendeu no Opus Dei – aos católicos em geral.

Normalmente os culpados, pouco tempo depois de deixar o Opus Dei, procuram aproximar-se de algum outro grupo pertencente à Igreja Católica, talvez como uma espécie de segunda chance para ter uma atuação dentro da mesma religião, e com a companhia de gente que, supostamente, tem os mesmos valores e ideais. No Brasil, nas décadas de 1990 e na atual, eram frequentes os ex-numerários que, durante algum tempo, participavam de atividades ligadas à Renovação Carismática Católica. Outros ex-numerários buscaram acolhida entre os beneditinos.

Esta participação em outros grupos católicos costuma, porém, ser algo temporário. Podem ocorrer discrepâncias de estilo significativas, com relação ao que o ex-membro estava acostumado no Opus Dei. Estas discrepâncias podem acabar por irritar o ex-membro e fazer com que haja também um abandono deste outro grupo da Igreja Católica. Além disso, é possível também que o ex-membro detecte, rapidamente, alguns dos mesmos problemas que já detectou na prelazia. O resultado, então, é que o ex-membro passe a ser simplesmente um católico, sem associar-se a algum grupo.

O ex-membro culpado pode manter ainda algum contato esporádico com membros da prelazia. Durante um bom tempo (estamos falando em anos), entretanto, o ex-membro está proibido de se fazer presente em casas do Opus Dei. Considerando o afã de crescimento e manutenção do poder do grupo, não é nada interessante que os que

⁴² Com relação à confissão de ex-membros, podem ocorrer situações onde o sacerdote confessor, não pertencendo à prelazia, tem visões diferentes acerca do que pode ser considerado um pecado. São frequentes as tranqüilizações de consciência por parte de confessores de mentalidade mais arejada, que enxergam o pecado não como uma violação de algum dispositivo de um rígido código de conduta, mas sim como a prática de um ato que causa mal a alguém ou mesmo ao próprio agente.

ainda nele permanecem vejam o “mau exemplo” do ex-membro. Desta forma, o Opus Dei concede, então, a oportunidade do ex-membro fazer a sua confissão com um sacerdote da prelazia, porém em alguma igreja pública, e não em alguma casa da Obra.

Outra forma de contato esporádico com gente do Opus Dei são visitas de membros na residência do ex-membro. Na realidade, a primeira motivação destas visitas é o pedido de contribuições em dinheiro para atividades da prelazia ou a venda de livros publicados por editoras ligadas à prelazia. Movidos ainda pela culpa, são freqüentes as contribuições financeiras de ex-membros para a prelazia.

O culpado geralmente despreza o material crítico disponível a respeito da instituição a que pertenceu. O grau de adestramento de mentes que o processo de “formação” do Opus Dei pode atingir é tão alto que, em alguns casos e durante algum período, o ex-membro recusa-se a admitir que possa haver algum fundo de razão em afirmações críticas a respeito da prelazia. Desta forma, a tendência é o ex-membro desprezar essas afirmações com base no que ouviu na instituição: “é coisa de gente rancorosa e ressentida”. Ou: “o Opus Dei sempre sofreu perseguições”. Ou ainda: “Fulano [autor das críticas] não entendeu o Opus Dei”.

Tipo 2 – Os ainda alpinistas

Há os que saíram do Opus Dei, libertando-se da atmosfera de dominação e controle, mas que ainda sofrem com limitações impostas por doenças psíquicas. Além dos fatores da vida pregressa que possivelmente determinaram o surgimento destas doenças, o indivíduo precisa lidar também com a adequada “cicatrização” do drama de sua passagem pela prelazia.

Uma ex-numerária afirmava ter sido vítima da implantação de um *chip* em sua cabeça, durante sua permanência no Opus Dei. Através deste suposto *chip*, hoje em dia as superiores seriam capazes de monitorar as suas conversas, a sua localização...

Um ex-numerário apresentava manias de perseguição. Passou a acreditar em uma teoria conspiratória de acordo com a qual a maioria das estruturas de poder do mundo ocidental (governos, judiciário, mídia, bancos, grandes corporações etc.) está sob o controle do Opus Dei e que, portanto, perderia o seu emprego de funcionário público caso se atrevesse a fazer alguma observação crítica sobre a prelazia.

Outro ex-numerário entregou-se ao alcoolismo.

É quase uma unanimidade entre os ex-membros os relatos de que, por muitos anos após terem deixado a instituição, tiveram pesadelos contendo cenas em que figuravam ainda na condição de numerários: tertúlias, conversas com diretores, diálogos com outros membros etc. O pesadelo é seguido, naturalmente, de um alívio, quando o indivíduo acorda e recorda-se de que não é mais membro da instituição.

Os sonhos (incluindo-se os pesadelos) são pequenas amostras da dinâmica do chamado inconsciente. Conforme afirmamos anteriormente, de acordo com a quase-unanimidade das escolas psicanalíticas, são os processos inconscientes que determinam o surgimento das doenças psíquicas. Estamos, então, diante de mais um indício de que a permanência no Opus Dei na condição de numerário é fator, no mínimo, ansiolítico (pois trata-se de pesadelos), contribuindo com a queda de resistência psíquica, com o conseqüente eventual afloramento dos sintomas de doenças mentais. De acordo com a teoria psicanalítica predominante, os elementos constitutivos das cenas de um pesadelo têm peso significativo nos intrincados processos mentais que determinam o surgimento de sintomas neuróticos ou psicóticos. Desta forma, mais uma vez, podemos estabelecer relação entre o evento de estar submetido às condições de vida de um numerário e a afetação da saúde psíquica do indivíduo.

Os ainda alpidados necessitam de apoio familiar e acompanhamento profissional. O ideal é que tenham a oportunidade de atravessar um bom processo psicanalítico, além de, na maioria dos casos, ser também necessário o tratamento farmacológico para alívio sintomático, pelo menos durante os períodos mais críticos.

Tipo 3 – Os pesquisadores obsessivos

Sentindo-se já um pouco menos culpado por ter abandonado a prelazia, e tendo adquirido talvez um pouco mais de experiência de vida, é de se esperar que haja uma natural curiosidade do ex-membro com relação à instituição a que pertenceu.

A quase totalidade dos numerários ingressou no Opus Dei ainda muito jovem (desde os 14 anos de idade até o tempo de universidade), condição esta que impossibilita a formação de um quadro intelectual mais satisfatório sobre a sociedade em que vivemos, as instituições, as relações de dominação, as inclinações humanas mais mesquinhas etc. Mas, com o passar dos anos (na maioria dos casos depois que a pessoa chegou aos 30 anos de vida), com instrumentos teóricos adquiridos como fruto de

experiências e reflexões mais significativas, é natural que o ex-membro tenha questionamentos mais profundos sobre a instituição à qual pertenceu.

Até aproximadamente a virada do milênio (ano 2001), não havia na Internet fontes contendo depoimentos e estudos mais profundos sobre o Opus Dei. Fora da Internet, havia algum material impresso, como o livro de Carmen Tapia, por exemplo, porém este material não era de acesso muito fácil, sobretudo fora da Espanha.

Contudo, a partir do surgimento do site espanhol *opuslibros.org*, em dezembro de 2002, qualquer ex-membro, em qualquer lugar do mundo (lembremos que, no Opus Dei, incentiva-se o aprendizado da língua espanhola), passou a ter acesso a uma enorme quantidade de depoimentos e análises sobre a prelazia. Tratou-se, sem dúvida, de uma revolução na vida de muitos ex-membros, e, sem dúvida, de um marco na própria história da prelazia⁴³, que durante décadas de desenvolvimento, nunca imaginou – dada a inexistência da rede mundial de computadores e da facilidade da difusão de informações que ela propicia – que tamanha exposição dos seus bastidores fosse possível.

O natural impulso de compreender melhor a instituição à qual pertenceu, somado à facilidade de acesso a uma enorme quantidade de informações, traz como consequência um radical mergulho do ex-membro na leitura desses depoimentos e análises sobre o Opus Dei.

São muitos os ex-membros que atravessaram várias madrugadas absorvidos pela leitura de textos escritos por gente que passou pelas mesmas situações pelas quais passaram. Chega a tornar-se um vício. É a pesquisa obsessiva sobre o Opus Dei. Mas na realidade não se trata de um vício, e sim de uma necessidade, de um saudável processo de digestão, tanto intelectual quanto emocional.

As peças do quebra-cabeças vão se encaixando. O quadro intelectual do fenômeno Opus Dei vai ficando mais e mais nítido para o ex-membro.

⁴³ Um dos pilares sustentadores da práxis opusiana sempre foi o segredo. Portas fechadas em todos os níveis. Desde a sede em Roma, passando pelas comissões regionais, pelos conselhos locais e até chegar à conversa fraterna do diretor com o numerário da senzala, a máquina opera a portas fechadas e fazendo pouco ruído.

O site espanhol *opuslibros.org* (e também outros similares) quebrou a facilidade propiciada pelo segredo. Deste ponto em diante, como se diz popularmente no Brasil, acabou a época das “vacas gordas”, quando a instituição podia aplicar, inadvertidamente, para cada novo indivíduo do qual se aproximasse, a mesma estratégia de envolvimento, cativação, imersão no processo do “plano inclinado” e propositura orquestrada da “vocação divina”. Naturalmente, estarão “vacinados” os indivíduos de maior predisposição intelectual, e lembremos que, como orientação inicial, são estes os indivíduos que mais interessam à instituição.

Neste processo, é também natural surgir uma vontade de falar ou de escrever. Assim como quem comeu alimento estragado pode ter vontade de vomitar, também quem tentou alimentar a sua alma com a “formação” do Opus Dei e com as instruções dos seus diretores pode querer “vomitar”, pôr para fora, comunicar ao mundo o que se passou e assim promover uma limpeza de sua mente e ao mesmo tempo avisar a quem quiser ouvir que o “alimento” opusiano, notadamente o oferecido aos numerários, não é nutritivo nem traz vida, mas é alimento que faz sofrer a alma, porque sufoca a liberdade.

A Internet, além de facilitar tremendamente o acesso a informações, também facilita o encontro de pessoas. Sendo assim, dada a tendência humana ao espontâneo compartilhamento de experiências, muitos ex-membros acabaram por se encontrar e estabelecer diálogo. Esta troca de experiências é mais uma das formas de pesquisa sobre o Opus Dei, e também um salutar meio terapêutico de relembrar o passado e dar um melhor tratamento intelectual e emocional ao ocorrido.

O tempo de pesquisa obsessiva sobre o Opus Dei vai aos poucos acabando. Quando – dependendo do grau de exigência pessoal com relação à melhor ou pior nitidez do quadro intelectual sobre a instituição – as idéias estão já mais claras, quando muitos porquê já estão respondidos, o ex-membro fica satisfeito com a sua pesquisa e pode então encerrá-la e voltar a dormir não tão tarde.

Tipo 4 – Os esquecidos

Ensina a teoria psicanalítica predominante que a psique, quando exposta a uma situação causadora de extremo sofrimento ou desprazer, pode valer-se de um mecanismo de auto-proteção chamado recalque ou repressão. Trata-se de um automático mecanismo de “esquecimento”, com a finalidade da minoração do sofrimento. Ao tratar deste tema, muitos apresentam o exemplo do sofrimento da mãe na hora de seu parto. Alegam que, se a mãe tivesse uma recordação muito realista e viva das dores que sentiu durante o parto, dificilmente engravidaria mais de uma vez, de maneira proposital.

As condições de vida de um numerário, conforme já apresentamos, são fonte propiciadora de inúmeras situações de sofrimento, sobretudo moral. Sendo assim, uma vez tendo o numerário abandonado a instituição, estando naturalmente disposto a – como se diz popularmente – “virar a página” e começar uma nova vida, pode ocorrer o

mecanismo de recalque ou repressão com relação às violências morais e respectivas emoções decorrentes, que o indivíduo sofreu quando estava submetido à condição de numerário.

Este quadro teórico traz uma explicação satisfatória para o fato de termos encontrado, em algumas de nossas entrevistas, quantidade significativa de ex-numerários que afirmavam terem esquecido de acontecimentos que protagonizaram durante a sua estada na prelazia, bem como de algumas circunstâncias importantes destes acontecimentos.

Somente após algum período de conversa é que chegavam a dar-se conta, com assombro, que a situação x ou y de fato ocorrera.

Tipo 5 – Os fundamentalistas empedernidos

É fundamentalista empedernido o ex-membro que, mesmo tendo atravessado a situação de numerário e resolvido abandoná-la, é ainda partidário da visão de que “a sociedade anda muito perdida”, e que é bem-vinda uma iniciativa como a do Opus Dei, que propõe regras claras de comportamento e dá um rumo para a vida de tanta gente.

O fundamentalista empedernido pode acreditar também que, em havendo uma ferrenha disputa pelo poder no mundo, dela participando inúmeros grupos com diferentes visões, é legítimo o “vale-tudo” do Opus Dei, que, pelo menos, é um grupo constituído por gente católica e “com a melhor das intenções”.

Pode haver também um certo pragmatismo que favorece a postura fundamentalista e o apoio do ex-membro a uma instituição como o Opus Dei. Um dos pragmatismos possíveis é de ordem político-econômica. O sonho dos que ocupam uma posição de poder e destaque sempre foi o de que esta posição esteja bem consolidada e que não seja ameaçada por outros que potencialmente também a almejam. Nada melhor para a elite do poder do que uma estrutura social estática, com mobilidade difícil e onde os súditos estejam bastante conformados com o seu destino. Diz Escrivá no ponto 624 de *Caminho*: “*Hierarquia. - Cada peça no seu lugar. - Que ficaria de um quadro de Velázquez se cada cor saísse do seu lugar, se cada fio da tela se soltasse, se cada pedaço de madeira do bastidor se separasse dos outros?*” Ocupando o ex-membro uma posição no mundo político ou no mundo dos negócios que lhe seja bastante vantajosa,

interessa-lhe o discurso opusiano de ordem social, interessa-lhe que os outros queiram ficar onde estão e não o ameacem.

Um outro tipo de pragmatismo possível provém da necessidade do indivíduo encontrar um sistema de pensamento (ou visão de mundo, ou quadro intelectual da realidade, ou filosofia...) que o satisfaça e que dê resposta às suas necessidades e inquietações de qualquer ordem: relação com o Absoluto, sofrimento, morte, relação com familiares, amizade, namoro, casamento, trabalho, dinheiro, afetividade, sexualidade etc. Ora, havia já respostas prontas, na ideosfera opusiana, para todas as principais questões da existência, e estas respostas determinavam, vamos dizer, o “sistema operacional” do indivíduo. Ao deixar o Opus Dei, o indivíduo vê-se diante da tarefa de encontrar as suas próprias respostas. Tarefa sem dúvida bastante trabalhosa. Diante da dificuldade intrínseca a esta tarefa e das vicissitudes, dificuldades e conflitos atravessados pelo indivíduo em sua vida, este pode optar pela facilidade de continuar adotando o “sistema operacional” já conhecido e continuar sendo partidário da visão de mundo opusiana.

O tipo dos fundamentalistas empedernidos está, em boa medida, associado ao tipo dos esquecidos. O esquecimento favorece a existência do fundamentalista empedernido. Tendo esquecido muito dos dramas que atravessou, fica mais fácil ao ex-membro continuar sendo simpático ao Opus Dei e condescendente com o seu *modus operandi*.

A questão é que o fundamentalista empedernido não teve uma compreensão adequada do que consiste a visão de mundo cristã. Não entende o fundamentalista que, por mais louvável que seja a finalidade, não pode um ser humano servir de instrumento para que um objetivo visualizado por outro seja atingido. Em outras palavras, instrumentalizar o próximo é não amar o próximo, portanto não é cristão.

Tipo 6 – Os “toma lá, dá cá”

Escreveu Bertold Brecht: “Erst kommt das Fressen, dann kommt die Moral”⁴⁴. Brecht utilizou esta frase para descrever a situação dos alemães no período pós Segunda Guerra Mundial. Os alimentos eram escassos e controlados. Havia racionamento. Numa

⁴⁴ “Primeiro vêm as refeições, depois vem a moral”.

situação limite de luta pela sobrevivência, muita gente partia para o suborno, para a falsificação de vales, enfim, utilizavam todo tipo de estratagemas para obter mais alimento. Moral? Só com a barriga cheia!

Mesmo em países onde há décadas não ocorre uma situação de guerra ou de escassez de alimentos, há ex-membros do Opus Dei que, em sua relação com a prelazia, vivem também de acordo com a máxima “Erst kommt das Fressen, dann kommt die Moral”, entendendo-se “Fressen” em sentido amplo: poder, dinheiro, status etc. Mesmo cientes do que ocorre nos bastidores da instituição, e mesmo tendo eles sofrido na própria carne as agruras implícitas à situação de numerários, mantêm uma relação pragmática de troca com o grupo. Recebem da prelazia, por exemplo, algum cargo em alguma instituição por ela controlada. Ou então podem receber facilidades para seus negócios: indicações de clientes, acesso a crédito etc. Em troca, defendem a prelazia, quando necessário, apresentando-se como ex-membros satisfeitos com o grupo.

Tipo 7 – Os “franco atiradores”

Os “franco atiradores” estão ainda com o mesmo grau de envolvimento psicológico e emocional com o Opus Dei, porém no pólo oposto. Seria uma espécie de Opus Dei elevado a -1, ou seja, se antes tratava-se de “fazer o Opus Dei”, a idéia agora é “desfazer o Opus Dei”, seja internamente, seja numa atuação de revelação crítica das estratégias adotadas pela instituição.

Sendo o processo interior de desconstrução de uma estrutura mental complexa como a do Opus Dei trabalhoso e demorado, há uma inclinação à adoção de uma solução mais rápida: a implosão total da estrutura.⁴⁵ Então, para o “franco atirador”, tudo o que remete ao Opus Dei, e em alguns casos até à Igreja Católica, é coisa que não presta.

O “franco atirador” tem participação intensa em fóruns públicos de discussão sobre o Opus Dei, notadamente os *sites* da Internet. Está disposto a publicar a sua história de envolvimento com a instituição: como o grupo chegou até ele, como se deu a pressão para que pedisse admissão, as frustrações sofridas durante seu tempo como

⁴⁵ Poderíamos também pensar em explosão, num sentido obviamente simbólico: o ex-membro, farto com a cantilena ideológica e comportamental que recebeu na prelazia, condena tudo, “joga tudo aos ares”, sem preocupar-se em aproveitar algum material.

numerário, seu processo de saída e eventualmente o caminho percorrido para a reconstrução de sua vida.

Exteriorizando um pouco de sua história, ao mesmo tempo em que sente com isso um benefício próprio, o “franco atirador” ajuda outras pessoas a fazer o seu processo de digestão sobre a instituição, fornecendo mais elementos fáticos e de julgamento, para a formação de um quadro intelectual mais satisfatório sobre o grupo.

Alguns “franco atiradores” aceitam expor-se mais, participando de entrevistas ou debates em veículos das diversas formas de mídia de maior alcance: TV, rádio, revistas ou jornais. Desta forma, dão voz a milhares de outros ex-membros que têm uma história muito semelhante para contar, mas que optaram, por razões variadas, pelo anonimato.

Tipo 8 – Os “terapizados”

O simples fato de uma pessoa ter pertencido ao Opus Dei na condição de numerário é já suficiente para afirmarmos que necessita de uma reestruturação de seus esquemas mentais para melhor enfrentar a existência, enfrentar a realidade humana em seus diversos matizes. É que, conforme falávamos, a programação de mentes levada a cabo na instituição alcança níveis profundos no indivíduo. É preciso, portanto, um esforço de desprogramação e de simultânea construção de esquemas mentais próprios e mais saudáveis. Javier Roperó, em seu livro *Hijos en el Opus Dei*, conta em tom bem-humorado uma anedota, cuja mensagem é exatamente esta necessidade de reconstrução interior do ex-membro:

La homilía de aquel domingo, hace ya seis años, había suscitado en mí ciertos interrogantes. Así que fui a la sacristía a aclarar algunos puntos de la misma con el desconocido sacerdote. Cuando llegué, me lo encontré hablando con otro muchacho sobre un tema particularmente conocido para mí: el Opus Dei. Así que intenté incorporarme a la charla diciendo:

- Perdonad que os interrumpa, pero yo fui numerario del Opus Dei y hace dos años que lo dejé.

Los dos contertulios volvieron hacia mí la vista y el sacerdote me preguntó:

- Cuánto tiempo estuviste dentro del Opus Dei?

- Siete años.

El sacerdote me miró fijamente y, con voz atemperada y segura, me dijo:

- Entonces tardarás al menos cuatro años en volver a ser normal.

Na realidade, o ex-membro só consegue ter uma visão mais nítida e completa do fenômeno Opus Dei quando empreende um processo de profundo olhar ao interior de si mesmo. Entendendo melhor a si mesmo, o ex-membro entenderá melhor os outros e entenderá melhor que *mix* de forças levam ao surgimento de um grupo nos moldes do Opus Dei. É que o Opus Dei é mazela que decorre de uma tentativa de dar solução ao drama humano comum a todos nós. Tentativa fadada ao fracasso, basicamente devido ao sufocamento da liberdade.

O ser humano tem medo de sua frágil condição: sabe que, mais dia, menos dia, vai morrer. Está exposto ao sofrimento: à dor física e às dores morais e emocionais. Precisa dar atendimento a uma infinidade de necessidades, além das materiais (moradia, alimento, vestimenta etc.), também necessidades da alma: relacionamentos, afeto, reconhecimento etc. Precisa entender-se minimamente em termos sociais, pois do contrário sofrerá a dura sanção do isolamento. Precisa conviver com um grau de incerteza com relação à ocorrência de qualquer evento. Precisa encontrar algum sentido para, dia após dia, acordar, sair da cama e viver.

Pois bem, alguns, numa tentativa – equivocada – de amenizar este medo e estas dores decorrentes da nossa frágil condição, procuram segurança através do espancamento de dúvidas e incertezas. Se temos dúvidas, por que não adotar um código de “verdades” prontas e ponto final? Se temos incertezas, por que não tentar controlar tudo, ou melhor, controlar todos? É esta a força motriz que leva à obsessão pelo poder na terra. Aliás, ter poder não significa outra coisa senão controlar os demais. É o que tenta fazer o Opus Dei.

Falávamos em olhar para si mesmo. Constava na entrada do templo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. É o que procuram fazer os ex-membros deste tipo ideal. Os “terapizados” procuram tentar entender como e sobretudo por quê tornaram-se membros do Opus Dei. Procuram lembrar quais eram as circunstâncias de sua vida quando “apitaram”, levando em conta diversos fatores, tais como a situação dos pais, o seu tipo e qualidade de relacionamento com os pais, o ambiente familiar, o seu círculo social no momento, as suas lacunas emocionais etc.

Os “terapizados” conseguem separar o joio do trigo no discurso de fachada do Opus Dei. Pouco a pouco, vão identificando em si mesmos a existência de preconceitos ou de condutas que aprenderam no Opus Dei e, através de uma perspectiva mais arejada, examinam se fazem algum sentido e devem ser preservados (um preconceito tornaria-se, então, simplesmente um conceito), ou se, irracionais, devem ser descartados.

Este processo de reconstrução das verdades internas normalmente não se limita a questões de ordem religiosa, tendendo a ser amplificado para todas as esferas da vida de uma pessoa. O ex-membro procurará examinar e rever seus conceitos sobre os seus relacionamentos, sobretudo com pai e mãe; sobre o adequado equilíbrio entre amar o próximo e amar a si mesmo, decorrente da máxima “amar o próximo como a si mesmo”; sobre seu corpo, sexualidade, sua relação com o prazer; amizades; o sentido de sua existência; o conceito de felicidade; a questão do sofrimento e da morte; o saber lidar com incertezas; sua relação com o trabalho; sua visão da sociedade e de suas estruturas de poder etc.

A questão da moralidade em matéria sexual tende a ser revista. O conceito de pecado tende a ser revisto. Se antes “pecado” era a violação a algum item de um rígido manual de conduta decorrente de uma particular interpretação dos 10 mandamentos, a definição de “pecado” passa a ser simplesmente uma ação ou omissão que causa mal a alguém ou a si mesmo.

A propósito, no Opus Dei não se expõe com muita clareza o significado do 2º mandamento da Lei de Deus: “não tomar o Nome de Deus em vão”. É que, na realidade, trata-se do pecado da própria prelação: obter controle e submissão de pessoas (o que significa, obviamente, causar-lhes um mal objetivo, na medida em que estas pessoas estão sendo privadas de desenvolver sua personalidade com liberdade), usando argumentos de ordem sobrenatural. A julgar pela posição na ordem dos mandamentos, trata-se, naturalmente, de pecado grave.

Mas voltemos à reconstrução da visão do mundo, tarefa indispensável para o ex-membro que pretenda ter uma vida com menos conflitos internos, gozar de mais paz e melhor saúde psíquica. O fato de ter pertencido a uma seita traz como consequência direta um afastamento do indivíduo da sociedade e de suas relações usuais. O modo com que o indivíduo enxerga a sociedade é naturalmente determinado pelo modo como a seita qualifica a sociedade. Sendo assim, ao deixar a seita, o indivíduo terá a oportunidade de reavaliar sua visão da sociedade, com um atrativo sabor de novidade.

Seria algo mais ou menos parecido como visitar um país diferente pela primeira vez. Este ângulo privilegiado muitas vezes permite observações e convida a reflexões a respeito de premissas que passam despercebidas às pessoas que estão imersas na sociedade “desde sempre”.

O indivíduo que pertenceu a uma seita precisa reaprender a estabelecer relações que envolvam confiança. É natural que, por terem sido frustrados com relação à confiança depositada em algo relativo a esfera de tamanha importância (esfera de espiritualidade, relação com o Absoluto, com o imaterial e eterno etc.), passem a ter dificuldades para novamente depositar confiança em pessoas ou instituições relativas aos mais variados aspectos da vida humana. Wendy Ford, em seu livro *Recovery from Abusive Groups*, discorre sobre a necessidade de aprender a confiar novamente, bem como sobre a necessidade de rever os diversos ensinamentos recebidos na seita, como etapa importante no processo de reconstrução do indivíduo:

[...] It seems so incredible to many that because they wanted to serve God and their country, wanted to help people, and wanted to make the world a better place – for this idealism (or selflessness) they were cruelly used. [...]

One of the truly tough parts about working through the experience is the very fact that it's a very big job. The ex-cultist must learn how to trust life again, and learning to trust requires learning how to test reality. Because the cult phobias and teachings often touched on many aspects of life, such as family, government, education, religion, relationships and economics, the ex-cultist often finds it necessary to examine and reality test most, if not all, of the teachings received in the cult for subtle, residual ideas that continue to manipulate the ex-cultist.⁴⁶

Por terem consciência do desumano esquema de opressão à liberdade a que estavam expostos, os “terapizados” desenvolvem um tremendo apreço à mesma. É natural, portanto, que tenham ojeriza a qualquer outra estrutura com a qual se deparem, que de alguma forma imponha obstáculos descabidos ao exercício de sua liberdade.

Se forem pessoas razoavelmente corajosas e dotadas de alguma facilidade de comunicação, procurarão, de acordo com os meios a seu alcance, advertir à sociedade

⁴⁶ FORD, Wendy. **Recovery from Abusive Groups**. American Family Foundation, p. 6.

em geral, e aos próprios líderes do Opus Dei, de que tais e tais práticas são anticristãs, no mínimo, erros graves, antiéticas ou até, em alguns casos, chegando ao crime.⁴⁷ Não é demais acrescentar que qualquer preceito ético é decorrência imediata da visão de mundo proposta pelo cristianismo, sistema filosófico ao qual a instituição insiste em ser adepta.

⁴⁷ Crime é a prática de ato tipificado na lei de um país, com previsão de sanção. No caso do Brasil, podemos apontar como exemplo a violação de correspondência dos numerários praticada pelos diretores. Esta conduta está tipificada no artigo 151 do Código Penal.

CAPÍTULO 5 – O INDIVÍDUO E O GRUPO NUMA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA

Tarefa importante para quem pretende compreender o fenômeno Opus Dei e sua particular pedagogia é um olhar sobre a psicologia do indivíduo em relação ao que um grupo estruturado como a prelazia pode oferecer. Sim, porque, mesmo tendo em vista os poderosos mecanismos utilizados pela instituição, não se pode deixar de considerar a existência de um componente do próprio indivíduo que contribui para o sucesso das estratégias de captação e de programação do grupo. Assim como, com relação às patologias em geral da mente, existe o que os psicanalistas chamam de “ganho secundário” (por exemplo, o indivíduo que se faz frágil e incapaz, para delegar a outros a responsabilidade das decisões), pertencer a um grupo totalizante como o Opus Dei traz também ao indivíduo, sob certo enfoque, algum tipo de ganho, em termos psicológicos. Desnecessário dizer que, em ambos os casos, o preço a ser pago é muito alto, quando comparado ao ganho adquirido.

Para auxiliar-nos no propósito de investigar os ingredientes do próprio indivíduo que o levam a associar-se a um grupo como o Opus Dei, utilizaremos novamente o referencial teórico desenvolvido por Erich Fromm. Fromm, nascido na Alemanha e filho de judeus ortodoxos, foi um dos pensadores mais significativos do século XX no campo da psicanálise e da psico-sociologia. Partindo de uma análise da condição humana, Fromm defende a existência de necessidades do ser humano que vão muito além das necessidades fisiológicas de alimentação, sono e atividade sexual.

Uma dessas necessidades é a de separar-se e ter um sentido de identidade. Fromm entende que o nascimento do homem, em termos psicológicos, significa que este se eleve sobre seus laços de sangue. Nascer significa, então, elaborar adequadamente a tremenda força do vínculo com a mãe (que foi interpretado por Freud como resultado dos desejos sexuais da criança, mas que Fromm entende serem vínculos de natureza afetiva, incluindo a busca de proteção e segurança). O problema é que, ao superar o vínculo com a mãe, o indivíduo depara-se com uma terrível situação de isolamento e desamparo, em termos psicológicos. Então, numa tentativa de amenizar esta situação, num primeiro momento, desesperadora, uma das alternativas seria a busca de apoio em um grupo estruturado.

Escreve Erich Fromm:

Uma vez que sejam rompidos os vínculos primários que davam segurança ao indivíduo, uma vez que este enfrente o mundo exterior como uma entidade completamente independente, dois caminhos se lhe apresentam para superar o estado insuportável de impotência e solidão. Por um, ele pode progredir para a “liberdade positiva”, pode relacionar-se espontaneamente com o mundo pelo amor e pelo trabalho, na expressão legítima de suas capacidades emocionais, sensoriais e intelectuais; pode, assim, unir-se uma vez mais ao homem, à Natureza e a si mesmo, sem renunciar à independência e à integridade de seu ego individual. O outro caminho com que depara permite-lhe recuar, desistir de sua liberdade [...]⁴⁸

Pois bem, de acordo com Fromm, numa tentativa de superar um estado de impotência e solidão, o indivíduo abdica de sua liberdade, passando a integrar o grupo. Afirma também Fromm:

Esta identidade com a Natureza, o clã, a religião, dá segurança ao indivíduo. Ele pertence a algo, está radicado em um conjunto estruturado em que tem um lugar inquestionável. Pode sofrer fome ou opressão, mas não sofre a pior das dores – a solidão e a dúvida totais.⁴⁹

As idéias de Fromm com relação à busca de amparo no grupo são aplicáveis ao caso dos indivíduos que tornaram-se membros do Opus Dei. Pensemos no caso dos numerários. Em sua esmagadora maioria, pediram admissão na prelazia ainda na adolescência ou então muito no início da idade adulta (mais precisamente, na faixa dos 14 aos 25 anos). É fase de busca de independência de fato e psicológica dos pais, marcada por uma natural dose de incertezas e inseguranças. Neste contexto, é muito freqüente o desenvolvimento de ligações de peso emocional significativo, ainda que inconsciente, com grupos, sejam eles das mais variadas ordens possíveis, por exemplo:

⁴⁸ FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 122

⁴⁹ FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 39

o grupo de jovens da igreja, o clube para práticas esportivas, a torcida organizada de futebol, a turminha do condomínio ou do bairro etc.

O grupo oferece apoio emocional. Para fazer parte do grupo, é exigida a aceitação, por parte do indivíduo, do padrão mínimo de conduta daquele. Ao aquiescer aos ditames do grupo, o indivíduo abre mão, em maior ou menor grau, de sua liberdade. Se quiser sobressair e ter mais aceitação por parte do grupo, o indivíduo deverá demonstrar maior grau de conformidade com os valores do mesmo.

Na realidade, ser livre implica em aceitar um tremendo desafio. A liberdade e a independência trazem consigo um preço, que o indivíduo nem sempre está preparado ou disposto a pagar. Trata-se do ônus de ter que fazer escolhas, e, conseqüentemente, responsabilizar-se inteiramente pelas conseqüências destas escolhas. Livrar deste ônus é mais um atrativo – além do apoio emocional sobre o qual discorríamos – que o grupo oferece ao indivíduo. Um grupo estruturado como o Opus Dei oferece ao indivíduo uma receita de conduta precisa, uma forma de ver o mundo pronta, um “software” prontinho para a aplicação, poupando o indivíduo da necessidade de observar atentamente os fatos ou a realidade e, através de uma análise crítica, fazer julgamentos adequados, posicionar-se, em última análise, fazer escolhas por si só.

Há também um outro atrativo do grupo que não pode ser desprezado. Trata-se do simples elemento numérico, ou de força. “A união faz a força”, diz o ditado. Sendo o homem animal político, que vive em sociedade, o ditado faz algum sentido. Em conjunto, o ser humano é capaz de interferir no mundo material com maior eficiência. Caçar em bando rende mais do que caçar sozinho. Dividir tarefas e plantar de modo coordenado proporciona uma maior colheita do que plantar sozinho. A atividade industrial organizada é imbatível frente à produção artesanal. Desnecessário dizer que, em luta corporal, dois mais fracos, unidos, são capazes de derrotar um mais forte...

O indivíduo, então, face às tremendas forças da sociedade – que cobra, julga, rechaça, obriga – pode optar pela segurança (mesmo que imaginária) oferecida pelo grupo, ao invés de submeter-se ao desafio de “enfrentar o mundão” sozinho, com suas fragilidades, mas livre.

Na realidade, mais força do que a simples união de indivíduos tem a razão e a verdade. Somente quando a razão não impõe objeções é que a união de indivíduos pode ser sadia. Em sua teoria, Fromm afirma haver dois tipos de autoridade, a autoridade racional e a autoridade irracional. No estágio atual de amadurecimento da humanidade, encontramos ainda muitíssimas relações de autoridade irracional. É autoridade

irracional a que se impõe através de mecanismos coercitivos, seja o uso da força, o uso de sanções econômicas, o uso de argumentos de ordem religiosa ou a exploração de fraquezas emocionais dos comandados.

Já a autoridade racional é a que decorre do livre reconhecimento ou da livre convenção entre as partes de alguém como autoridade. Como exemplo, Fromm cita o caso de uma sadia relação professor-aluno, na qual o primeiro, demonstrando conhecer determinado assunto com muito mais completude e profundidade do que o segundo, torna-se o líder e é racionalmente aceito e querido como líder, naquela esfera da existência humana.

Pois bem, a autoridade exercida pelos diretores do Opus Dei é predominantemente do tipo irracional. Em sendo, teoricamente, o Opus Dei caminho e escola de santidade, deveriam ser líderes, obviamente, os indivíduos mais avançados em santidade (nos termos que já mencionamos, ou seja, na prática de virtudes). Porém o que ocorre é que são nomeados diretores simplesmente os indivíduos que demonstram maior eficiência na construção da máquina, aliada ao maior grau de confiabilidade que conseguem adquirir do escalão imediatamente superior. Nem se cogita, obviamente, submeter a nomeação de um diretor à aprovação dos membros que estarão a ele subordinados. Por esses motivos, e também considerando que a obediência é obrigação decorrente de “chamado divino”, não se pode considerar racional a relação de subordinação membro-diretor.

Uma possível explicação para a psique dos líderes

Aspecto complementar ao presente trabalho é a tentativa de compreender os possíveis esquemas mentais dos líderes do Opus Dei: quais são suas motivações e suas explicações para o *modus operandi* da instituição. Tarefa sem dúvida difícil, uma vez que os líderes convictos e irretiráveis continuam sendo detentores de poder, à frente dos negócios do Opus Dei, e por isso muito pouco se expõem.

Uma via de investigação para a questão que se coloca é a tentativa de compreensão das alterações psicológicas decorrentes da posse de poder. Neste sentido as conclusões de David Kipnis – que se debruçou exatamente sobre este assunto – são de grande valia:

A influência corruptora do poder está em tornar-se ele um fim em si mesmo e substituir os valores cristãos do amor, caridade, compaixão pelos fracos, e outros. A necessidade de ser "número um" torna-se a preocupação exclusiva do detentor do poder. Ao enfrentar a escolha entre abrir mão do poder ou mantê-lo por métodos não muito morais ou legais, os que dele dispõem preferem a segunda opção.⁵⁰

É inequívoco que a liderança da prelazia ocupa uma posição de muito poder na cúpula da Igreja Católica e no cenário corporativo mundial, sobretudo no contexto da península ibérica. O *modus operandi* do Opus Dei, que inclui as táticas camufladas de captação de membros, a aproximação de jovens e o aproveitamento do fato de terem tido ainda poucas experiências na vida, a confusão entre direção espiritual e atividade de governo e a desigualdade no acesso a informações grupo *versus* indivíduo são elementos que nos permitem concluir que de fato para o Opus Dei o crescimento e a manutenção deste poder tornaram-se um fim em si mesmo, tendo ficado num segundo plano a busca da santidade que, em termos puros, significa a prática de virtudes como a caridade, a justiça e a busca da verdade.

Neste ponto nos deparamos com um possível elemento chave para a compreensão do funcionamento mental dos líderes do Opus Dei. Trata-se do deslocamento gradativo que vai ocorrendo em suas mentes no tocante ao que significa na prática a busca da santidade. O deslocamento consiste na passagem da santidade entendida tradicionalmente como a prática consistente de virtudes para a santidade entendida como eficiência humana na construção da máquina Opus Dei. “Se a Obra é de Deus, e se os céus estão empenhados em que ela se realize na terra, tanto mais próximo dos desígnios divinos estarei quanto melhor instrumento eu for para a construção do Opus Dei, e portanto, tendo melhor levado a cabo a Vontade de Deus, mais santo serei.” É um possível esquema mental (ou racionalização) que substitui a prática de verdadeiras virtudes pelo uso de métodos não muito éticos para a construção do Opus Dei.

Um elemento imprescindível para o desempenho eficiente da função de líder na máquina Opus Dei é o que a ciência psicológica denomina de sadismo. Quando o indivíduo é incapaz, em maior ou menor grau, de estabelecer uma conexão harmoniosa com seus semelhantes através do amor – aqui entendido como a relação entre humanos na qual não há prejuízo da integridade e há total respeito à liberdade entre os

⁵⁰ KIPNIS, David. **Senhores do Poder**. Rio de Janeiro: Agents Editora, 1977, p. 156

participantes – pode surgir, como relação substituta, a relação do tipo sado-masoquista. Nesta relação, o pólo sádico, incapaz de lidar com o livre arbítrio do outro, coloca-se numa posição de posse e domínio. O pólo masoquista, devido a diversos fatores já apresentados neste trabalho, aceita participar da relação submetendo-se ao comando do pólo sádico.

Escreve Erich Fromm:

Por motivos óbvios, as tendências sádicas são geralmente menos conscientes e mais racionalizadas do que as mais aceitas socialmente de natureza masoquista. Amiúde elas se acham inteiramente encobertas por formações reativas de bondade exagerada ou de excesso de zelo pelos outros. Algumas das mais frequentes racionalizações são as seguintes: ‘Eu mando em você porque sei o que é o melhor para si, e em seu próprio interesse você deve obedecer-me sem oposição.’ Ou então: ‘Eu sou tão formidável e ímpar que tenho o direito de esperar que as outras pessoas dependam de mim.’ Outra racionalização que geralmente mascara tendências exploradoras é: ‘Fiz tanto por você que agora tenho direito a tirar de você o que quero.’⁵¹

O comando ou posse do sádico pode, naturalmente, redundar em eventuais aplicações de castigos ao pólo masoquista. A racionalização dos líderes, neste caso, vai na linha do castigo pedagógico ou “castigo como remédio”. Está também implícita, neste caso, a idéia de que o sádico *sabe o que é melhor* para o castigado. Nesta linha está o ponto 424 do livro *Caminho*:

Castigar por Amor: este é o segredo para elevar a um plano sobrenatural a pena imposta aos que a merecem. Por amor a Deus, a quem se ofende, sirva a pena de expiação; por amor ao próximo por Deus, nunca sirva a pena de vingança, mas de remédio salutar.

Uma ex-numerária que passou 33 anos no Opus Dei, e que foi também uma das líderes da instituição, publicou em *opuslibros.org* um breve artigo com observações a respeito da mentalidade das diretoras. Recolhemos aqui alguns trechos:

⁵¹ FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 125-126

Las directoras tienen casas muy ricas, espectaculares, de las que están muy orgullosas pero también son un búnker.

Muestran una superioridad que disfrazan con los recuerdos del fundador, con anécdotas, detalles históricos, reliquias, dedicatorias... No pierden su autoridad ni un segundo. Tienen una legión de ayudantes que hacen el trabajo y otras muchas personas que las sirven con todos los detalles como un hotel de cinco estrellas. Las mejores cocineras, resposteras, telefonistas... buena ropa, buenos coches, estupendos viajes que aprovechan muy bien, gente siempre a su disposición para agasajarlas, hacer turismo, degustar lo típico... etc, en fin pobreza. Son los directores de un "camino de entrega". ¿Qué entregan? No pierden nunca la compostura altanera y distante, hacen de forma artificial el paripé de rebajarse a la persona normal, despliegan una simpatía y cercanía que se palpa falsa y ridícula. Siempre guardando la compostura ellas y las demás. La visita a los directores está planeada, sabida, está previamente preparada, aparentando desconocimiento del caso de que se va a tratar. Están "informadas" por las directoras de un escalafón más bajo. Te atragantas porque no hay nada que transmita naturalidad, sencillez y verdad. Ves detrás de las que vas a ver el bloque entero de directores. Las directoras tienen, dan la imagen de tener muchísimo trabajo. Que estudian seriamente los asuntos, orden, obediencia, perfectas cumplidoras de todo, de unidad. La apariencia de perfección imposible de conseguir es fruto del diablo, una careta de virtud. Notas muy bien la información y desinformación amañada a sus intereses no a la realidad, verdad o a la necesidad de la persona.

En mi largísimo tiempo que fui del Opus Dei – 33 años – jamás he oído o enterado de que los directores pidieran disculpas, un nos equivocamos, nos precipitamos o nos olvidamos, algo que mostrara la verdad de que los directores aunque no se lo creen son tan normales como los demás, no dan muestras de humildad.

En su presencia hay que tenerles veneración, adoración, temor, reverencia, deferencia.

Uma outra possibilidade de racionalização para a atuação dos líderes da prelazia é a simples crença na vantagem ou beleza do estágio final de mudança do mundo que

seria proporcionado pela ação do Opus Dei. Trata-se da clássica crença dos bem-intencionados em geral, mas que “erram a mão” em seus métodos: a crença de que os fins justificam os meios empregados. Poderia um ou outro diretor pensar então que, em havendo no mundo uma ferrenha e diuturna disputa por poder, e acreditando ser ela intrínseca à natureza do homem, então, dentre as alternativas de render-se e submeter-se aos opositores ou então de participar arduamente desta disputa, melhor é participar da disputa, pois, pelo menos, apesar de tantos mortos e feridos que serão deixados pelo caminho, será um grupo bem intencionado que ocupará uma posição de poder, em caso de vitória.

Não, na realidade, os fins não justificam os meios. O método cristão não é o de conquista pela “santa coação”, pelo *compelle intrare* ou pela “pesca submarina” (canção interna que fala de ir à caça e arpoar os “peixes”), onde o indivíduo é atraído e incorporado ao grupo através do uso de estratagemas humanos que funcionam com base sobretudo em fragilidades emocionais ou psicológicas. O verdadeiro método cristão é o de simples apresentação da verdade, deixando ao livre arbítrio de cada um tomá-la como verdade para si ou não. Verdade associada à liberdade. Não à toa a frase imortal: “a Verdade vos libertará!” (Jo 8, 23).

CONCLUSÃO

Todo este trabalho procurou mostrar diversos aspectos ou facetas de uma pedagogia da submissão, nem sempre facilmente agrupáveis em conceitos mais amplos. Seja como for, é chegado o momento de resumir os principais resultados obtidos e avaliá-los. Considerando:

a) que o discurso interno do Opus Dei é um discurso imunizado, que possibilita, para os líderes do grupo, a tomada de decisões tanto em determinado sentido quanto em sentido contrário;

b) que a única máxima comportamental para os numerários é obedecer prontamente às instruções do diretor em cada momento, e que este tolhimento da liberdade e da capacidade de auto-determinação significa a supressão da possibilidade do desenvolvimento da virtude da *prudencia* e, conseqüentemente, do desenvolvimento de qualquer outra virtude;

c) que a prática da *conversa fraterna* mistura e confunde a idéia a princípio saudável de direcionamento e aconselhamento espiritual com a pragmática necessidade de governo do grupo;

d) que a prática da *conversa fraterna* é marcada pela total assimetria no fluxo de informações nos sentidos grupo-indivíduo e indivíduo-grupo, sendo que o grupo, valendo-se de informações sobre o indivíduo obtidas através da mandatória “sinceridade selvagem”, está munido de farto substrato para modular suas emoções, percepções da realidade e juízos, determinando, assim, sua forma de agir;

e) que a exposição dos indivíduos ao processo de doutrinação do Opus Dei produz, em primeiro lugar, como resultado final para mais de 80% dos casos dos membros numerários, o abandono da instituição, e, para os que ficam, uma necessária adaptação dos indivíduos, transformando-se estes, ou em pessoas com uma vida paralela, à margem dos impeditivos teóricos da instituição (os “intocáveis” e os “moitas”), ou em líderes com certa dose da patologia psíquica do sadismo (os “chefões”

e os “sargentos”), ou em indivíduos desacreditados e frustrados com relação ao real modo de proceder do grupo, enxergando nele hipocrisia (os “emudecidos” e os “desiludidos úteis”), ou em doentes mentais (os “alpistados”) ou em indivíduos infantilizados e submissos, incapazes de elaborar um quadro crítico a respeito da realidade que se apresenta sob seus olhos (os “escravos na senzala”),

Nesse quadro, não parece exagerado que nossas conclusões apontem para o fato de que a “pedagogia” do Opus Dei tem como finalidade a formação de indivíduos submissos em grau universal e irrestrito.

REFERÊNCIAS

1. Textos publicados pela prelazia ou com seu apoio:

ALLEN JR., John L. **Opus Dei – Os mitos e a realidade**. São Paulo: Campus, 2006.

BERGLAR, Peter. **Opus Dei – Vida y obra del fundador Josemaría Escrivá de Balaguer**. Madrid: Rialp, 1987.

BERNAL, Salvador. **Apuntes sobre el fundador del Opus Dei**. Madrid, 1977.

ESCRIVÁ, Josemaría. **Conversaciones con monseñor Escrivá de Balaguer**. Madrid: Rialp, 1968.

_____. **Es Cristo que pasa**. Madrid: Rialp, 1973.

_____. **Amigos de Dios**. Madrid: Rialp, 1977.

_____. **Camino**. Madrid: Rialp, 2001.

_____. **Surco**. Madrid: Rialp, 1986.

_____. **Forja**. Madrid: Rialp, 1987.

_____. **Santo Rosario**. Madrid: Rialp, 1975.

_____. **Via Crucis**. 2ª. Ed., Madrid: Rialp, 1981.

FUENMAYOR, A. de; GÓMEZ IGLESIAS, V.; ILLANES, J. L. **El itinerario jurídico del Opus Dei**. EUNSA, 1989.

GONDRAND, François. **Au pas de Dieu**. Paris, 1982.

ILLANES, J. L. **La santificación del trabajo**. Madrid, 1978.

LE TOURNEAU, Dominique. **L'Opus Dei**. Paris, 1986.

URBANO, Pilar. **El Hombre de Villa Tevere**. Barcelona: Planeta, 1995.

VÁSQUEZ DE PRADA, Andrés. **El fundador del Opus Dei**. Madrid: Rialp, 1983.

Documentos internos da prelazia, disponibilizados no *site opuslibros.org*.

Documentos recolhidos no *site opusalegria.com.br*.

2. Textos críticos:

BROLEZZI, Antonio Carlos. **Memórias sexuais no Opus Dei**. São Paulo: Panda Books, 2006.

CARANDELL, Luís. **Vida y milagros de monseñor Escrivá de Balaguer, fundador del Opus Dei**. Barcelona: Laja, 1975.

DES MAZERY, Bénédicte e Patrice. **L'Opus Dei, enquête sur une Église au coeur de l'Église**. Éditions Flammarion, 2005.

FERNANDES, David. **Opus Dei - a santa intransigência, a santa coação e a santa desvergonha**. Alley, 2006.

FERREIRA, Dario; LAUAND, Jean; FERNANDES DA SILVA, Marcio. **Opus Dei – Os Bastidores**. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, Viviane Lovatti. **O Opus Dei e as mulheres**. São Paulo: Panda Books, 2006.

MONCADA, Alberto. **Historia Oral del Opus Dei**. Plaza & Janés, 1987.

MORENO, Maria Angustias. **El Opus Dei – Anexo a una historia**. Barcelona: Planeta, 1976.

_____. **La otra cara del Opus Dei**. Barcelona: Planeta, 1978.

_____. **Entresijos de un Proceso**. Madrid: Foca, 2004.

SILBERSTEIN, Elisabeth Castejón Lattaro. **Opus Dei – A falsa Obra de Deus**. São Paulo: Betty Silberstein, 2005.

_____. **Sob o Jugo do Opus Dei**. São Paulo: Betty Silberstein, 2007.

TAPIA, Maria del Carmen. **Tras el umbral – Una vida en el Opus Dei**. Ediciones B, 1992.

Documentos de membros e ex-membros da prelazia, recolhidos nos sites *opuslibros.org* e *opuslivre.org*.

3. Demais publicações:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

AQUINO, Tomás de. **A Prudência - tradução, introdução e notas de Jean Lauand**, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Abril Cultural – coleção Os Pensadores, 1973.

- Catecismo da Igreja Católica.** Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- DEBRAY, Régis. **Deus – um itinerário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FORD, Wendy. **Recovery from Abusive Groups.** American Family Foundation.
- FRANKL, Viktor E. **Man's search for meaning.** New York: Washington Square Press, 1985.
- FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- _____. **Die Kunst des Lebens.** München: Ullstein, 2006.
- _____. **Authentisch leben.** Freiburg im Breisgau: Herder, 2006.
- GIANNETTI, Eduardo. **Auto-engano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KIPNIS, David. **Senhores do Poder.** Rio de Janeiro: Agents Editora, 1977.
- LAUAND, Jean. **Saber decidir: a Virtude da Prudentia.** Disponível em www.hottopos.com.
- _____. **Uma experiência de Pensamento na Internet: EVUCC do PUR – Chat sobre a Virtude Cardeal da Prudentia.** Disponível em www.hottopos.com.
- _____. **A Arte de Decidir: a Virtude da Prudentia em Tomás de Aquino.** Disponível em www.hottopos.com.
- _____. **Prudentia, Religiões e Sociedade.** Disponível em www.hottopos.com.
- ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Nacional, 1984.
- PIÑERO VALVERDE (org). **Recordando no Brasil a Espanha de Ontem.** São Paulo: Ed. CEMOrOc-FEUSP, 2004.
- PLATÃO. **A República.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Defesa de Sócrates.** São Paulo: Abril Cultural – coleção Os Pensadores, 1972.
- POPPER, Karl. **Realismo y el Objetivo de la Ciencia; post-scriptum a la lógica de la investigación científica.** Madrid: Tecnos, 1985.
- ROSSET, Clément. **O princípio da crueldade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

APÊNDICE A – Trechos de *Opus Dei - os Bastidores*

Como se fabrica um numerário

Tudo começa num belo dia em que o governo nacional da Obra, pressionado por Roma (o Prelado atual, D. Javier Echevarría, tem insistido recentemente que quer em cada país 500 vocações), decide pressionar os diretores dos centros em busca de números (tudo no Opus Dei se traduz em números: pessoas que vão ao meios de formação, quotas de venda de livros, quotas de doações em dinheiro, as jaculatórias que uma pessoa se propõe a dizer durante um dia... e até “vocações”).

O diretor repassa a lista de rapazes de São Rafael de seu centro (são os rapazes que freqüentam o centro, mas ainda não pertencem à Obra) para a Comissão Regional, que é o órgão de governo da Obra, geralmente coincidente com os limites de um país. A “vocação” vai ser definida de maneira fria e pragmática: “Muito bom... a quem poderíamos falar para ‘apitar’ este semestre?”. O critério é pura e simplesmente operacional. Ora, vamos falar com aqueles que temos! Esta é a razão, diga-se de passagem, pela qual vários rapazes de São Rafael que vão ao centro regularmente durante anos a fio, e sempre foram desprezados, de repente, devido à escassez de “matéria-prima”, tornam-se, de repente, candidatos para a “vocação”.

A pressão continua. O diretor de um centro vai conversar com o numerário Miguel, que “trata” Rafael (Miguel e Rafael serão, respectivamente, o numerário e o rapaz “vocacionado”), e diz a Miguel que fale para Rafael apitar. Por ordem do diretor, também Pe. Pedro (nome fictício para o sacerdote numerário que atende a meia hora de direção espiritual semanal do Rafael) entra no jogo: Miguel e Pe. Pedro começam simultaneamente a fazer indiretas para Rafael (“Deus está chamando você”, “Deus está precisando de apóstolos”, “Todo mundo tem uma vocação, um chamado para servir a Deus, você já pensou nisso...?” etc.). Miguel começa a fazer de 10 a 15 minutos de oração mental junto com o Rafael, lendo em voz alta, para que ele medite em silêncio, textos extremamente “sutis”, como os do capítulo “Chamamento” do livro *Caminho*:

902. Por que não te entregas a Deus de uma vez..., de verdade..., agora!?

903. Se vês claramente o teu caminho, segue-o. — Por que não repeles a covardia que te detém?

904. “Ide, pregai o Evangelho... Eu estarei convosco...” — Isto disse Jesus... e disse-o a ti.

905. O fervor patriótico — louvável — leva muitos homens a fazer da sua vida um... “serviço”, uma “milícia”. — Não esqueças que Cristo tem também “milícias” e gente escolhida a seu “serviço”.

906. *Et regni ejus non erit finis.* — O seu Reino não terá fim! Não te dá alegria trabalhar por um reinado assim?

Para que Rafael chegasse a esse ponto, foram necessários alguns meses de “trato”. A história típica do Rafael é a do rapaz de 15 anos que foi “conhecer o Centro”, levado por um amigo ou colega, para fazer um curso ou uma atividade qualquer, que servem como “isca” inicial: por exemplo, os famosos PICs (Programas de Iniciação Científica) ou POCs (Programa de Orientação Científica), Cursos de Técnicas de Estudo etc., nos quais numerários formados ou pós-graduandos “orientam” jovens do Ensino Médio ou da última série do Ensino Fundamental, e os introduzem no mundo da pesquisa científica...

Até aí, nada de Opus Dei.

No centro, o Rafael encontra um ambiente sério (não se pode, por exemplo, entrar de bermuda e, para os que assim chegam, com o “pelame à mostra”, como dizia um certo sacerdote numerário português, há um estoque variado de calças compridas para emprestar, a fim de que, devidamente vestido, o rapaz adentre a Casa do Opus Dei). O possível novo freqüentador encontra um ambiente com gente simpática (simpatia um tanto afetada), que sorri para ele e se interessa intensamente por saber quem é Rafael (“Rafael, você estuda onde? Onde você mora?”), quais são seus *hobbies* etc.

Se o *hobby* do Rafael for Astronomia, dentro de poucos dias ele encontrará diversos numerários (ele ainda nem suspeita o que é ser um numerário) interessadíssimos em Astronomia, talvez até fundem um “Grupo de Astronomia” no centro, ou organizem um passeio ao planetário ou uma excursão para observar estrelas e cometas, enfim: a “imersão de amor”, tal como praticada na Seita Moon... Mais tarde, quando Rafael for numerário, ou usará a mesma Astronomia para atrair outros “Rafaéis”, ou lhe dirão que abandone a Astronomia, porque é um *hobby* que só faz numerário perder tempo...

Mas na fase em que começa a freqüentar o centro, a Astronomia de Rafael é a coisa mais importante deste planeta e de outros! Rafael está felicíssimo! Finalmente encontrou gente que o compreende mesmo. Esses “caras tão legais” lhe dão um ibope que ele jamais teve em casa ou no colégio (até o convidaram para falar numa tertúlia especial sobre “As Últimas Descobertas da Astronomia”, e o melhor é que todos o ouviram muito atentos, inclusive gente que está concluindo mestrado e doutorado na USP...).

Como na Obra tudo se calcula na base do custo/benefício, o numerário Miguel, que foi escolhido pelo diretor para tratar Rafael, vai pedir que Rafael corresponda, e o convida para assistir a uma palestra. Só que não é uma palestra sobre Astronomia. É uma palestra do Pe. Pedro (“Sabe, Rafael, o centro aqui, além de toda essa atividade científica e cultural, também tem uma parte de atendimento espiritual, de doutrina cristã: sei lá, para você crescer como pessoa, e o Pe. Pedro — eu vou te apresentar, ele é gente fina, ah, é palmeirense também —, ele dá uma palestra semanal — meia horinha — para todo mundo aqui, é muito legal, você vai gostar”).

Já estamos começando o famoso “plano inclinado”... Rafael irá subindo (ou “sendo subido”...) por ele: meditação, conversa com o sacerdote, visita aos pobres de uma favela (para que ele se sinta um egoísta), retiro num final de semana, recolhimento mensal, convívio num feriado prolongado, romaria no mês de maio etc. etc. Em algum ponto dessa subida, Rafael se confessou com o Pe. Pedro e sua alma se encheu de alegria com o perdão de Deus; no retiro, viu a coerência e a beleza do catolicismo, mas não o catolicismo da paróquia, a coerência do catolicismo do Opus Dei (aliás, pensando

bem, o catolicismo de verdade é o do Opus Dei, este é o recado subliminar que lhe passam no centro).

Rafael está em lua-de-mel com o Opus Dei quando o diretor do numerário Miguel manda que Miguel diga a Rafael que chegou o chamado “da parte de Deus” para entrar para a Obra. O sacerdote, o mesmo que o resgatou da lama, lhe diz da parte de Deus que ele, Rafael, só será realmente feliz na terra e no Céu se “corresponder” à chamada de Deus para ser numerário, vivendo o celibato apostólico, numa entrega total a Cristo. O numerário que o trata continua bombardeando: “estou rezando por você”, “Cristo vai te dar o cento por um e a vida eterna”, “o Papa ofereceu a sua vida por Cristo e pela Igreja e você fica aí hesitando”...

Rafael, querendo corresponder com generosidade (embora não saiba o conteúdo concreto dessa entrega total que lhe pedem), vê uma lógica interna nisso tudo e para ele a vocação é de gente “normal” como os numerários que ele vê no centro. Afinal, por que não? Da Astronomia ao Céu, tudo faz sentido. O próximo passo será conversar com o diretor do centro, que talvez faça um certo “jogo duro”, a fim de que Rafael pense que vai ter de bater à porta muitas vezes até que a Obra o aceite. O restante da história encontra-se em vários depoimentos, alguns dos quais recolhidos neste livro.

O cheque em branco

Um dos maiores problemas com relação ao ingresso de um membro no Opus Dei, em particular o numerário, reside em que ele vai descobrindo aos poucos, de surpresa em surpresa, ou de susto em susto, o conteúdo concreto de sua “entrega total” a Deus. Trata-se, como se costuma dizer dentro da instituição, de um “plano inclinado”. Mas o grande problema é saber o grau dessa inclinação!

Uma analogia com a vida de um suposto homem casado, para entendermos os “sacrifícios da entrega” do numerário, pode ser útil. Digamos que um homem, ao se

casar, sabendo que terá uma vida de entrega e abnegação, depara com o seguinte comportamento de sua amada esposa...

No 1º mês do casamento, ela revela que não quer mais que ele beije, sequer no rosto, outras mulheres. No 2º mês, determina que ele deixe todo seu dinheiro com ela e ela lhe dará o que considerar necessário para seu almoço, roupas etc. No 3º mês, proíbe que o marido saia à noite, a menos que a consulte e dê fortes razões. No 4º mês, ela estabelece que ele só visitará os pais uma vez por mês. No 5º mês, decide que ele não poderá ouvir música à tarde, e nunca mais jogar xadrez. No 6º mês, manda que ele só compre livros que ela autorizar. No 7º mês, o dócil esposo descobre que ela intercepta sua correspondência e lê tudo antes... E o marido tudo aceitando, por amor a Deus. Até quando não terá problemas com essa fiel esposa, que lava e passa suas roupas, lhe dá filhos lindos etc.? E o sacerdote que celebrou o casamento, o que ele lhe dirá? Que divórcio é pecado, e mais nada?

Mutatis mutandis, assim ocorre com o membro da Obra. Depois que assina o cheque em branco da entrega, vai vendo a mão dos diretores preencherem com um número astronômico o espaço reservado ao valor. E o problema é que esse valor pode ser alto demais.

Daí que se possa raciocinar que o contrato estabelecido entre um membro da Obra e a instituição carece de valor. Tal hipótese se baseia num aforismo jurídico — *quod nullum est nullum producit efectum*, o que é nulo não produz efeitos —, aplicável aos que foram enganados e coagidos pela Obra para aceitarem o seu contrato, cujos termos não eram plenamente conhecidos.

Pois é um fato que qualquer contrato requer, para sua validade, um elemento essencial: o consentimento das partes. Sem esse consentimento livre, não existe contrato. Poderá haver uma aparência de contrato, um simulacro de contrato, mas, na realidade, trata-se de um contrato nulo. Em concreto, e cada um deverá analisar o seu caso, muitíssimas vezes o consentimento dado não foi livre.

Milhares de pessoas que ingressaram na Obra fomos intencionalmente enganados para aceitar os termos do contrato que era um genérico “entregar-se a Deus”. Sabíamos

muito pouco ou nada do que vinha pela frente. Se eu, por exemplo, *antes* de aderir à Obra, soubesse que estava sendo vítima de uma propaganda enganosa, e que, ao aderir, poderia, um tempo depois, receber a ordem de abrir mão da minha profissão, ou ter de vender livros da Quadrante, ou ter de riscar certos amigos da minha vida, ou não poder ser padrinho no batismo de um parente, ou não poder sair à noite, ou não poder freqüentar espetáculos públicos, ou ter de consultar com o diretor do centro para visitar meus pais, ou não poder doar sangue para um parente ou amigo doentes, ou ter minha correspondência violada, ou ter de ler o jornal censurado pelo diretor, ou ter de consultar cada passo da minha vida, ou ter, enfim, que engolir, calado, tantas outras proibições que se descobrem mais tarde, e sofrer tantas outras manipulações de consciência... certamente não teria dito sim tão facilmente...

Nesta perspectiva, tanto faz se o numerário (sempre nos referimos ao numerário, por representar ele o caso mais “puro” de entrega dentro do Opus Dei) escreveu a carta ontem, ou se fez a Admissão, ou a Oblação ou a Fidelidade (após um período de cerca de 6 anos e meio, os numerários são incorporados definitivamente à instituição por meio da Fidelidade, passando a usar um anel na mão esquerda). Tudo isso é nulo. E os contratos radicalmente nulos, no Direito, são inexistentes, no sentido de que não produzem nenhum efeito. A única coisa que se tem é uma aparência de contrato, que não obriga ninguém, nem juridicamente, nem em consciência. E talvez por isso... a Obra não cumpra a sua parte! Ela, como “família sobrenatural”, como “ente jurídico”, deveria cuidar das pessoas que a ela aderem... e não cuida. Antes, suga-os, e os joga fora quando não se adaptam (ainda voltaremos a essa questão gravíssima). No fundo, é a Obra que primeiramente, na figura e na prática dos seus diretores, engana e trai a confiança do numerário.

Na prática, o numerário que cumpre as mil e uma obrigações que parecem derivar desse “contrato”, o faz porque é nobre, porque acha que cumpre a “vontade de Deus”, ou porque sua ignorância jurídica — induzida pela Prelazia — o leva a imaginar que está obrigado a aceitar tudo o que venha pela frente, seja dormir na rua porque não vendeu uma assinatura do Círculo de Leitura da Editora Quadrante, seja fazer restrições mentais para salvaguardar a “honra” do Opus Dei, seja mentir para os pais, seja o que for.

Por outro lado, quem decide deixar de cumprir as tais obrigações não está deixando de cumprir nenhum contrato... E é por isso que alguns membros da Obra (a que chamamos “Intocáveis”, segundo uma tipologia que esboçamos no final deste livro) ignoram certas obrigações que a Obra impõe, e mesmo assim na Obra permanecem, porque, no fundo, eles e a Obra sabem que não há contrato algum.

Esse tema é extremamente delicado, bem sabemos. Haveria ainda, se quiséssemos enveredar por uma discussão jurídica em termos técnicos, distinguir contratos nulos e anuláveis... O essencial, porém, está dito acima. Alguns numerários chegaram a sair da Obra sem escrever carta alguma para o Prelado (esta carta é considerada obrigatória, de acordo com o “contrato”, como pedido de dispensa dos compromissos assumidos) e a Obra (com seu zelo hipócrita) simplesmente se encarregou de declarar para si mesma que o membro abandonou a instituição, e, assim, rompido estava o “contrato”...

A Obra, propositadamente, se encarregou de tornar essa situação jurídico-espiritual confusa e complicada. Apesar de o contrato não gerar nenhuma obrigação, devido ao já mencionado vício de consentimento, pode, ainda, ser conveniente, para alguém que assim o deseje, em nome de uma tranqüilidade maior de sua consciência, escrever a tal carta de despedida (com uma linha simples que seja), para destruir até mesmo a aparência de contrato.

Quase ao final deste tópico, cabe recolher um trecho de uma discussão travada em maio de 2005 em <http://www.opuslivre.org/oldweb/Correspondencia.htm> . Em resposta a uma carta em defesa da Obra, que afirmava que o Opus Dei tem seus regulamentos como qualquer congregação religiosa e quem os aceita não pode se queixar etc., João Peixoto argumenta:

O sofisma fundamental é equiparar a entrega do numerário à da carmelita ou à do beneditino etc. Um candidato a carmelita ou a beneditino não só sabe exatamente o que lhe espera (ao contrário do membro da Obra), como também sua vocação é perfeitamente compatível com as exigências de pobreza, obediência etc. A vida de um beneditino (cumprir suas horas litúrgicas, seus encargos, penitências etc.) não pode ser inviabilizada pela estrutura de sua

Ordem. Já a vida de um numerário, que deve santificar-se, santificando seu trabalho no meio do mundo, pode perfeitamente ser inviabilizada pela própria estrutura do Opus Dei.

Uma metáfora para ajudar a compreender. Se eu me dedico a jogar xadrez por correspondência - cada dia eu envio/recebo um mail com o lance do dia -, essa minha atividade pode comportar consultas a meu técnico, a bibliografia etc. E o meu técnico está legitimado em exigir que eu converse com ele sobre o lance que eu penso dar amanhã, por exemplo forçar uma troca de torres. Agora, se o meu esporte é tênis de mesa, o treinador não pode exigir que, durante a partida eu o consulte sobre se devo ou não arriscar uma cortada...: a própria dinâmica desse meu esporte exige autonomia total no momento da partida.

O Opus Dei impõe a seus numerários uma brutal dependência em relação a horários, gastos etc., a mais mínima picuinha deve ser consultada [...] ao mesmo tempo que exige deles uma desenvoltura para essa santificação/apostolado no meio do mundo.

O Opus Dei recai na síndrome de De Gaulle. O Gal. De Gaulle, ao final da segunda guerra, nas discussões sobre o futuro da Alemanha derrotada, expressou que a França queria uma Alemanha com exército suficientemente forte para conter a Rússia (De Gaulle nunca usou a expressão "União Soviética") e AO MESMO TEMPO que não representasse uma ameaça para a França... (obviamente qualquer exército capaz de conter a Rússia é uma ameaça mortal para a França...).

Do numerário se exige, por exemplo, prestígio profissional e que trate pessoas de alto nível. No dia-a-dia, porém, suponhamos que ele é professor, para coisas tão simples como comprar um livro de 30 reais, assistir a um dia de congresso científico, receber dignamente um professor convidado, oferecendo-lhe um jantar num restaurante, etc. são, na prática, inviabilizadas por uma burocracia infernal: ele tem que prever as coisas com dias de antecedência, consultar o diretor (que por sua vez repassa a consulta para a Comissão), tirar o dinheiro com o

secretário (o diretor estipula - sempre puxando para a miséria - o valor do jantar: se o convidado pedir um vinho, o numerário dançou...).

[...]

O resultado disso tudo é que o numerário é visto pelos colegas como um cara esquisito, conventual. Exige-se dele uma espontaneidade, um estar à vontade no mundo, ao mesmo tempo que se lhe impõe uma estrutura mais que conventual... Esse gaullismo do Opus Dei funciona bem para os poucos intocáveis, que fazem polpudas caixas 2; funciona muito bem para os diretores, que vivem enclausurados nos centros...; para os demais, resulta em tantos casos de desestruturação psíquica e espiritual.

Nessa mesma linha, está o depoimento de um dos autores deste livro:

Uma das maiores torturas no Opus Dei é a burocracia para comprar, digamos, um simples livro, que custe, por exemplo, R\$ 40,00. Um livro é considerado (mesmo que seja para um professor universitário) gasto extraordinário e, portanto, não pode ser realizado sem a permissão expressa do diretor em cada caso (e as consultas ao diretor podem ter, no dia-a-dia do centro, uma fila de espera de 20 minutos em média; isto quando se consegue consultá-lo no mesmo dia). Feita a consulta ao diretor, é necessário entrar na fila de espera do secretário (o que guarda o dinheiro da casa), preencher um vale com o valor da compra etc. (ah, é necessário também consultar - e isto pode levar dias - se o livro é proibido pela censura interna da Obra ou não etc.), e tudo isto num clima de suspeita de que comprar um livro contraria a "pobreza" da Obra...

Felizmente, o Pe. Xavier (o grande chefe anterior ao Vicente) me havia concedido uma dispensa (super-extraordinária) para que eu lesse o que quisesse, e eu comprava livros com o caixa da editora universitária em que colaborava. Quando achei que era injusto onerar a editora com meus gastos profissionais, propus ao diretor do Centro - um engenheiro tacanho, para dizer o mínimo - que me autorizasse usar uma quantia mínima mensal - em torno de 5% de meu salário da

universidade - para comprar livros, sem passar pela burocracia infernal e tola (afinal, quem sabe o que tenho que ler em meu trabalho de professor de filosofia sou eu e não ele). Após dois meses "pensando" e esperando a resposta da consulta ao governo nacional da Obra, ele autorizou, mas outros dois meses depois voltou atrás (não ele, mas o governo nacional), afirmando que isto contrariava frontalmente o espírito da Obra.

Este é um dos tantos exemplos de como o Opus Dei se constitui em estrutura de pecado (fato a que antes me referia): como professor universitário, eu tenho a OBRIGAÇÃO DE JUSTIÇA de preparar-me para dar as aulas dignamente, meus alunos têm direito a isto e é para isto que a USP me paga. Na prática, numa cidade como São Paulo, acaba sendo impossível eu num dia ver um livro, digamos, na Livraria Francesa, dois dias depois consigo consultar o diretor e obter os R\$ 40,00 com o secretário, em um outro dia voltar à Livraria Francesa com o dinheiro para talvez constatar que o livro já foi vendido... Bem, para mim era claro que entre o dever de justiça para com meus alunos e uma burocracia tola (o pior é que não se trata de burrice ou tacanhice do diretor de plantão, mas de algo FUNDACIONAL, estrutural do Opus Dei), eu passei a desobedecer e não consultar coisa nenhuma: tirava do banco meu dinheiro e comprava os livros que achasse necessário para não pecar (literalmente: não cometer pecados) por incompetência profissional. Naturalmente, uma provocação diabólica como esta, eles não deixariam impune...

Sobre a Conversa Fraternal

Finalmente, recolhemos aqui, uma interessante matéria do Orkut (comunidade Opus Dei Brasil, que discute criticamente a Obra <http://www.orkut.com/CommTopics.aspx?cmm=1757055>) sobre o mais importante meio de formatação ("depois dos sacramentos, o meio de formação mais soberano do Opus Dei", segundo seu fundador): a "conversa fraterna", também chamada de "conversa semanal" (para os supernumerários, quinzenal), chamada ainda de

"confidência". Não há numerário que não se angustie já nas vésperas do dia da semana em que deve ocorrer a (terrível) conversa: trata-se de um escancaramento da alma durante cerca de 45 minutos, com a obrigação de contar "com sinceridade selvagem" tudo que se passa em sua intimidade para o diretor. Esta prática é uma das primeiras surpresas do "plano inclinado" que se tem quando se apita: até então, o rapaz falava espontaneamente com o sacerdote na direção espiritual; poucas semanas depois de apitar, nunca mais terá direção espiritual com o Pe. Fulano, mas só com o diretor leigo e de acordo com um rígido sistema de controle. Augusto T. P. tipificou as lembranças desse costume na seguinte cena "teatral", nada exagerada e altamente reveladora:

Já que a Flávia indicou abstratamente o tema, vamos visualizar como seria:

Uma típica conversa fraterna de Zé (Z) com o Diretor (D)

D: E aí, como estão as coisas?

Z: Bem, mas esta semana voltei a ter tentações contra a pureza...

[deve-se começar soltando o "sapo gordo" e, por isso, é muito freqüente começar com o tema castidade, mesmo que seja para falar que naquela semana não ocorreu nada digno de registro. Na conversa, é preciso contar tudo e São Josemaría prescrevia contar "todas as coisas que mais te envergonham", "as coisas que você não gostaria que outra pessoa soubesse", "começando pelas pedras mais pesadas", "o sapo gordo que está dentro da alma" e que "se não se conta cria-se um segredo com Satanás" etc.]

Z: ... mais coisa de imaginação, pensamentos que iam e voltavam e...

[na conversa o relato sobre a intimidade que envergonha deve ser concreto e não se deve nunca apresentar atenuantes ou usar formas impessoais, nem sequer "a gente", mas EU, daí que Zé vai ter que concretizar]

Z: ... a verdade é que eu andei meio que sendo muito gentil com uma colega...

D: Como é o nome dela?

Z: ...não foi nada de mais grave... foi só imaginação e ela estava com um sorriso bonito... e eu fiquei olhando... ela se chama Giselda.

D: E não dá para você sentar num lugar onde a Giselda esteja fora do seu campo visual?

Z: Sim, farei isso... (diz o Zé, enquanto anota na agenda o conselho recebido). Eu fiquei olhando e no intervalo, como ela foi para o xerox, eu fingi que precisava de xerox também só para ficar na fila do lado dela. E aí, puxei conversa sobre coisas da Faculdade, nada de mais, mas a imagem dela ficou na minha cabeça e à noite vieram tentações, mas no dia seguinte antes da missa eu já me confessei.

(...)

Z: Quanto à vocação, eu estou muito convencido de que ela é um presente de Deus, mas às vezes, sei lá, eu acho que eu não estou correspondendo a Deus: eu acho que estou nos meios de formação com muita rotina... as normas andam meio que sem graça. Durante o terço eu fiquei pensando na prova que eu ia ter no dia seguinte...

D.: Então não reze o terço sentado, reze andando

[nos centros, quando se reúnem para rezar o terço, cerca de metade dos numerários rezam sentados, enquanto a outra metade reza andando em círculos]

(...) [Zé, agora, vai falar de seu apostolado]

Anteontem, o Rubens [aquele rapaz que Zé "trata" e que começou fazendo orientação científica no começo do ano e agora começou a direção espiritual com o Padre Alberto] me perguntou o que eu achava dos livros de um tal Pe. Cantalamessa...

D: Acho que é bom, ele é o pregador do Papa, mas diz para ele que é melhor ler os livros do Nosso Padre primeiro e depois ele lê outros autores espirituais. Ah, aquilo que você me consultou na semana passada, eu vi lá na delegação [sede do governo estadual] o livro do tal do Augusto Cury, sobre a inteligência de Jesus [que Zé tinha consultado para saber se era bom, pois o Rubens está lendo], não é bom não: é baboseira, auto-ajuda, água com açúcar, coisa pra carismático, mas não diz desse jeito para o Rubens,

que ele pode estranhar. O melhor é você falar para ele te emprestar esse livro, para você ver como é que é e você empresta para ele o "Jesus Cristo" da Quadrante do Perez de Urbel (se ele comprar, melhor) e diz para ele que quando os dois acabarem vocês destrocam... Como ele não vai acabar as 500 páginas do Urbel nunca, o problema fica resolvido sem criar caso, esse rapaz tem que ir pelo plano inclinado.

Z: Mas, eu fui procurar sobre esse livro na Internet e comecei a navegar e...

D: Zé, de novo? Você sabe o critério: internet só o mínimo essencial e só para buscas pré-estabelecidas: é como o critério que o Pe. Fausto dá até na direção espiritual para cooperadores mais encaixados: "De cada 10 que navegam na Internet, 9 acabam se chafurdando na lama"...

Z: Não, não foi coisa contra a pureza não, aliás nem dá para entrar porque eu só acesso na sala dos alunos na Faculdade. É que minha mãe me falou de um tal site opuslivre e também da comunidade Opus Dei Brasil no orkut...

D: Você sabe que esses sites são de gente rancorosa, traidores! Você não lembra que o Padre [o Prelado, Javier Echevarría] falou numa tertúlia em San Sebastián: o perigo da internet não é só a pornografia e...

Z: Eu já confessei de ter entrado nesses sites...

D: Olha, Zé, você quer saber qual é o problema? Me diz uma coisa: como anda a tua mortificação?

Z: Normal, quer dizer, nesses dois dias mais frios eu não tomei o banho frio. Não usei o cilício uma vez nesta semana...

D: E a mortificação interior? da curiosidade? da soberba? Claro, você dorme na oração da manhã [a meia hora de oração que se faz nos centros das 6:00h às 6:30h], você deve lembrar que temos que dar bom exemplo para nossos irmãos. E como você acaba não fazendo oração, depois, não tem forças na alma para resistir...

[ao longo de toda a conversa, o Zé vai anotando humildemente na agenda e, claro, nunca pode contra-argumentar nada: seria mau espírito. Os conselhos da conversa devem ser recebidos com "espírito sobrenatural" porque vêm de Deus].

...Mas não se preocupe, se você tiver que entrar na Internet, mesmo que seja para procurar Mecânica dos Fluídos, antes você reza uma Salve Rainha e pensa naquela parte que diz "Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei"

[e assim vão se passando os 40 minutos da conversa. Depois de soltar todos os sapos, Zé aproveita para fazer umas consultas]

Z: Eu estava pensando em ir almoçar domingo com meus pais

D: Quando foi a última vez que você esteve com eles?

Z: Exatamente há um mês.

D: Não convém criar hábitos nessas visitas à família de sangue, dá umas 2 semanas e aí você volta a me consultar.

Z: Tudo bem, mas é aniversário da minha irmã...

D: Não convém ["não convém" é a fórmula codificada para dizer "nem pensar"] criar expectativas principalmente nos aniversários e datas da família de sangue. Dá umas duas semanas: diz qualquer coisa, que você vai para uma atividade fora, que tem que estudar pra prova na Faculdade e telefona na ante-véspera cumprimentando...

Z: Ah, acabei de fazer aquela correção fraterna no João. Que ele acende as velas do oratório na ordem errada.

D: Ah, boa! Aproveita e faz uma outra (eu não quero fazer eu mesmo, é melhor alguém que não seja do Conselho Local [o diretor, o subdiretor e o secretário: os três encarregados do governo do centro]): que ele perguntou na sala de jantar que remédios o Roberto e o Maurício e o Carlos estavam tomando. Diz para ele que por um lado não é

para perguntar dessas coisas: deixa cada um tomar os remédios que precisa, tanto mais que ele devia ter reparado que era tarja preta: e que Nosso Padre sempre nos ensinou a "estarmos nas coisas de nossos irmãos" e que ele deve reparar que esses irmãos nossos estão precisando de orações, pois estão sendo atendidos pelo Dr. Alec [o numerário psiquiatra que vem do Uruguai atender os numerários doentes do Brasil].

Z: OK, *Pax!*

D: *In aeternum!* [*Pax - In aeternum* – A paz - Para sempre, é o cumprimento interno de membros da Obra]

APÊNDICE B – Opus Dei e Herbalife: traços comuns

Surgiu no Brasil, por volta do ano 2000, uma organização empresarial de origem norte-americana, dedicada à comercialização de produtos dietéticos – a Herbalife. Esta organização, através da promessa de enriquecimento, conseguia a adesão de milhares de pessoas que, num momento posterior acabavam constatando tratar-se de uma promessa praticamente irrealizável, a não ser para um ou outro no meio da multidão.

Um dos adeptos da Herbalife, ao deparar-se com a realidade do engano, deixou de fazer parte dos negócios da empresa e resolveu publicar um artigo expondo a realidade de seu *modus operandi*.⁵² Recolhemos aqui alguns trechos de seu depoimento, e em seguida, procurando abordar o mesmo tópico e manter uma estrutura semelhante de frases, construímos na coluna ao lado parágrafos contendo o que seria o equivalente à Herbalife, no caso do Opus Dei, com base em depoimentos de ex-membros desta instituição. Impressiona a coincidência dos métodos empregados para captar, programar e reter adeptos entre as duas instituições. Vejamos o paralelo:

| Tópico | Herbalife | Opus Dei |
|----------------------------|---|--|
| <i>Proposta de fachada</i> | A princípio o negócio da Herbalife é alardeado como sendo a maior oportunidade do mundo, onde qualquer pessoa, de qualquer idade e formação, pode ficar rico com a comercialização de produtos nutricionais de alta qualidade, bastando ser ensinável e seguir um sistema ao mesmo tempo simples e infalível, tudo isso sem interferir em seu trabalho atual. | A princípio a finalidade do Opus Dei é proporcionar a oportunidade de qualquer pessoa, de qualquer idade e formação, poder atingir o estado de santidade, bastando ser dócil e seguir um sistema ao mesmo tempo simples e infalível, tudo isso mantendo o seu trabalho atual. O fundador dizia que “garantia o Céu” para quem praticasse um rol de atividades espirituais diariamente. |
| <i>Apelo ou “isca”</i> | Sinceramente falando, quem não quer ganhar mais e trabalhar menos? | Sinceramente falando, quem não quer ser uma pessoa melhor? |
| <i>Disfarces</i> | A maioria das pessoas são atraídas para a Herbalife pela internet, através | A maioria das pessoas é atraída para o Opus Dei através de atividades |

⁵² Em <http://www.scribd.com/doc/14209/herbalife-a-verdade?page=2> acessado em 05/02/2008.

| | | |
|------------------------|---|---|
| | de sites camuflados. Eles não dizem o nome da empresa e nem do que se trata o negócio, normalmente se intitulam com nomes pomposos como WorkVip, STC, Gold Life, Sistema Trabalhe em Casa, SMD, e muitos outros disfarces. | camufladas. Elas não dizem o nome da instituição que está por trás e nem do que se trata, em última análise. Normalmente se intitulam com nomes pomposos, como “Centro Cultural do Pacaembu”, “Clube Náutilus”, “ELCA” e muitos outros disfarces. |
| <i>Auto-engano</i> | ...esse é um negócio exploratório, mas por incrível que pareça você continua a se enganar e achar que os meios justificam os fins (sic). A maioria dos distribuidores que não fazem parte da liderança realmente acredita que estão oferecendo algo de bom para o mundo. | Esse é um negócio exploratório, mas por incrível que pareça você continua a se enganar e achar que os fins justificam os meios. A maioria dos numerários que não fazem parte da liderança realmente acredita que está oferecendo algo de bom para o mundo. |
| <i>Controle mental</i> | O principal método utilizado pela Herbalife é um eficiente sistema de lavagem cerebral. Quando menciono essa lavagem cerebral para as pessoas elas acham estranho. Imaginam as pessoas sendo hipnotizadas por algum guru poderoso e perdendo a própria vontade. É claro que isso não é feito dessa forma estereotipada, mas o impacto é tão devastador quanto. Isso é feito através de uma série de eventos e palestras que eles chamam de "sistema". | O principal método utilizado pelo Opus Dei é um eficiente sistema de lavagem cerebral. Quando menciono essa lavagem cerebral para as pessoas elas acham estranho. Imaginam as pessoas sendo hipnotizadas por algum guru poderoso e perdendo a própria vontade. É claro que isso não é feito dessa forma estereotipada, mas o impacto é tão devastador quanto. Isso é feito através de uma série de eventos e palestras que eles chamam de "formação". |
| <i>Doutrinação</i> | O sistema é usado para alienar as pessoas do mundo real e torná-los ávidos defensores da Herbalife, sendo formado por uma série de eventos, cursos e palestras, os mais comuns são: HOM (Herbalife Opportunity Meeting), Quick Start e STS (Sistema | A “formação” é usada para alienar as pessoas do mundo real e torná-las ávidas defensoras do Opus Dei, sendo composta por uma série de eventos, cursos e palestras, os mais comuns são: Palestra do Sacerdote, Recolhimento Mensal e Retiro |

| | | |
|--|---|--|
| | de Treinamento para o Sucesso). | Espiritual. |
| <i>Mudança de ambiente</i> | O STS é um evento mensal de grandes proporções, pago, dois ou três dias consecutivos, normalmente em um hotel fora da cidade, para que a pessoa fique realmente imersa unicamente em assuntos relacionados à Herbalife. | O Retiro Espiritual é um evento anual de grandes proporções, pago, dois ou três dias consecutivos, normalmente em uma casa de campo, para que a pessoa fique realmente imersa unicamente em assuntos relacionados à “formação”. |
| <i>Normas escritas em contraste com a prática</i> | A grande verdade é que a Herbalife sabe tudo o que ocorre no mundo sujo do recrutamento. Ela se faz de cega e surda, e não tem interesse em interromper a bandalheira, pois senão os seus lucros cessariam. A empresa divulga regras que supostamente condenam os atos praticados por todos seus distribuidores, presidentes, GETs, etc. mas só no papel. Pois sabe muito bem a forma com que os negócios são conduzidos. | A grande verdade é que o Opus Dei sabe o que ocorre nas práticas de captação e retenção de seus membros. Ele se faz de cego e surdo, e não tem interesse em interromper estas práticas, pois do contrário o afluxo de pessoas diminuiria. A instituição divulga normas e estatutos devidamente aprovados pelas autoridades eclesiásticas, regras que supostamente condenam os atos praticados, mas só no papel. Pois sabe muito bem a forma com que as ações são conduzidas. |
| <i>Alegação de “sistemas legítimos, aprovados”</i> | Todos que eventualmente tentam reaver seus prejuízos e entram com um processo contra a empresa, esbarram no fato dela se colocar como vítima, alegando que foram os distribuidores que utilizaram com má fé o seu sistema, que é legítimo e legalizado. Sim. O marketing de rede é um sistema legítimo, sem dúvida. | Todos que eventualmente decidem denunciar os abusos da instituição esbarram no fato de ela colocar-se como vítima, alegando que foram os próprios denunciadores que “não entenderam o que é o Opus Dei” ou que “não foram fiéis à sua vocação”, e que o Opus Dei é aprovado pela Igreja Católica. O catolicismo é uma religião legítima, sem dúvida. |
| <i>Destino dos adeptos – uma possível</i> | A Herbalife não é uma oportunidade para as pessoas melhorarem de vida e ganharem dinheiro, e sim para as pessoas que tem algum dinheiro, | Quando um numerário se dá conta de que os métodos utilizados pelo Opus Dei para captar e manter seus membros ferem noções básicas de |

| | | |
|-------------------------|--|--|
| <p><i>tipologia</i></p> | <p>mesmo que de suas economias, injetarem tudo na Herbalife. Quando isso é revelado a uma pessoa que chega a GET, o que ela fará daí por diante depende do tipo de pessoa que ela é, e pode perceber que nesse sentido existem três tipos de pessoas:</p> <p>1. Pessoas que tem um mínimo de moral suficiente para perceber que tudo isso não passa de um golpe sujo e que se ela quiser continuar com isso terá que se envolver com essa sujeira toda. Normalmente essas pessoas entram em depressão, conflitos morais, indignação e finalmente acabam abandonando a Herbalife;</p> <p>2. Pessoas que, como a do tipo 1, também têm um mínimo de honestidade, não querem fazer nada ilícito, mas se enganam, fazem vista grossa, procuram justificar-se perante aos outros e a si mesmas dizendo que essas coisas acontecem apenas raramente, que não é bem assim, e dessa forma continuam seus negócios na Herbalife de uma forma morna;</p> <p>3. Pessoas gananciosas e imorais, que não se importam se o sucesso claramente depende da desgraça de muitos outros, inclusive amigos, parentes, colegas, pessoas honestas, tanto faz. Nada mais importa,</p> | <p>ética e de que ele mesmo foi uma vítima deste sistema, o que ele fará daí por diante depende do tipo de pessoa que ele é. Neste sentido existem, simplificarmente, três tipos de pessoas:</p> <p>1. Pessoas que têm um mínimo de moral suficiente para perceber que tudo isso não passa de um golpe e que se ela quiser continuar com isso terá que se envolver. Normalmente essas pessoas entram em depressão, conflitos morais, indignação e finalmente acabam abandonando o Opus Dei;</p> <p>2. Pessoas que, como as do tipo 1, também têm um mínimo de honestidade, não querem fazer nada ilícito, mas se enganam, fazem vista grossa, procuram justificar-se perante os outros e a si mesmas dizendo que essas coisas acontecem apenas raramente, que não é bem assim, e dessa forma continuam suas atividades no Opus Dei de uma forma morna;</p> <p>3. Pessoas com tendência ao sadismo, que não se importam se a concretização de seus propósitos depende da desgraça de muitos outros, inclusive amigos, parentes, colegas, pessoas honestas, tanto faz.</p> |
|-------------------------|--|--|

| | | |
|--|---|---|
| | <p>contanto que possam botar as mãos em sua fatia do bolo. Alguns desses ratos são os que eventualmente se tornam presidentes na Herbalife, pois agora sabem que o negócio é mesmo enganar e trapacear, e farão isso com muito mais eficiência.</p> | <p>Nada mais importa, contanto que possam botar as mãos em sua fatia do bolo de poder. Alguns desses são os que eventualmente se tornam detentores de altos cargos na hierarquia opusiana, pois agora sabem que o negócio é mesmo enganar e subjugar, e farão isso com muito mais eficiência.</p> |
|--|---|---|

Em suma, o que há de comum entre a Herbalife e o Opus Dei é o fato de serem estruturas piramidais cujas verdadeiras finalidades não correspondem ao que estas instituições apresentam em seu discurso de fachada.

É como a história do “Clube do Bolinha”. Tratava-se de um clube composto apenas por garotos – as meninas não podiam participar. A condição para que um garoto passasse a fazer parte do grupo era que, quando fosse participar pela primeira vez, levasse bolachas e doces na reunião. As reuniões aconteciam quando houvesse um novo garoto interessado em fazer parte do grupo. Movidos pela curiosidade em saber o que se passava naquelas reuniões, alguns garotos pediam que fossem admitidos no grupo. Conforme ia decorrendo a primeira reunião, o neófito ia, pouco a pouco, descobrindo a verdadeira finalidade do “Clube do Bolinha”: não havia nenhuma finalidade, senão a de propiciar oportunidades para que os sócios mais antigos saboreassem bolachas e doces de graça!

Em linhas gerais, é o que ocorre na Herbalife e no Opus Dei. Aqueles participantes mais antigos, os que tiveram mais tempo de acesso aos bastidores e alcançaram postos mais altos na hierarquia da instituição, passam a “alimentar-se” com o dinheiro e o trabalho dos iniciantes. A questão é que, ao apresentarem um discurso poderoso e ao obterem o envolvimento não só racional dos membros, mas sobretudo emocional, usualmente a descoberta da realidade só ocorre – e quando esta ocorre – após o decurso de anos.

Cabe aqui uma distinção importante entre a Herbalife e o Opus Dei. Trata-se das diferentes esferas da vida humana que são exploradas por estas instituições. No caso da Herbalife, o grande apelo (a isca) é de ordem financeiro-material. Em resumo, no caso da Herbalife a questão é o dinheiro e o que ele pode proporcionar. Não há dúvidas de

que se trata de apelo poderoso, tendo em vista o bombardeio massivo e constante que recebemos da mídia, que difunde a cultura do sucesso material e estético, e relaciona este sucesso ao sucesso na satisfação de nosso poderoso instinto sexual.

Por sua vez, no Opus Dei o apelo é de ordem metafísico-religiosa. Em última análise, trata-se da vertente da relação do ser humano com Deus. Ocorre que Deus, por definição, é o Absoluto, enquanto quaisquer outras realidades acessíveis aos nossos sentidos são relativas. Como disse Agostinho no começo de suas *Confissões*: “fizeste-nos, Senhor, para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti”⁵³. O que são milhões de reais se, alguns mais cedo, outros mais tarde, seremos todos atingidos pela morte? Por estes motivos, muitos pesquisadores da psique humana souberam admitir a importância da relação do ser humano com o Absoluto, com o Eterno.

Sendo o apelo de ordem metafísico-religioso superior ao apelo de ordem financeiro-material, numa valoração de peso psicológico, conclui-se que o abuso no trato de questões metafísico-religiosas é mais deletério ao ser humano do que o abuso no trato de questões financeiro-materiais. Em outras palavras, os indivíduos que sofreram o assédio e a programação mental do Opus Dei, e doaram-se para a instituição, sofreram danos psicológicos numa esfera de maior importância e profundidade do que os indivíduos atingidos pela práxis da Herbalife.

Sendo esfera mais abstrata e complexa a abordada pelo Opus Dei, mais difícil é a tomada de consciência do que se passa na realidade. Não é por outro motivo que o tempo médio de permanência dos membros nas duas instituições é diferente, sendo maior no Opus Dei. Apenas o nome “Opus Dei” já atrapalha. Se a Obra é realmente de Deus, e se a pessoa procura, em seu íntimo, ter uma boa relação com o Absoluto, não seria prudente aquiescer aos líderes da instituição, que afirmam sem titubear que a pessoa tem “vocação divina para fazer o Opus Dei”?

⁵³ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ANEXO A – Como o Opus Dei argumenta cientificamente – Dario Ferreira [1]

Em 12-11-03, D. Rafael Llano Cifuentes, bispo e numerário do Opus Dei então presidente da Comissão Família e Vida da CNBB, publicou: “Carta às famílias do Brasil: a educação afetiva e sexual dos filhos e o uso do preservativo como inibidor da Aids”. O objetivo é claro: ele, como intelectual entre os bispos, defenderá “cientificamente” aquilo que seus colegas pregam de modo meramente pastoral...:

Ultimamente tem aparecido, nos jornais, revistas e televisão – inclusive num programa de grande audiência – ataques a nossa grande família que é a Igreja, chamando-a de “retrógrada” e “medieval”, e tratando ao Cardeal Alfonso López Trujillo, que trabalha no Vaticano como Presidente do Pontifício Conselho para a Família, de uma maneira afrontosa. Culpam-no, erradamente, de não ter apresentado nenhuma pesquisa sobre a ineficácia dos preservativos. Também por esta razão nos vimos obrigados a citar bastantes pesquisas sobre esta matéria.

Ao ler esta abertura, o católico pensante, que adora apoiar-se em pesquisas científicas para justificar sua fé, já fica antegozando o resultado: as pesquisas científicas. E D. Rafael aguça esse apetite:

Estes argumentos [a favor do preservativo] parecem tão contundentes que não poucos católicos ficam perplexos. Talvez não chegam a contradizer abertamente a posição da Igreja, mas ficam com dúvidas ou acuados ou pelo menos fragilizados.

Pouco depois D. Rafael começa citando autoridades científicas:

O eminente descobridor do HIV, Luc Montagnier, não se recusou a comprometer-se a fundo ao indicar como deveriam ser as campanhas contra a AIDS: “são necessárias campanhas contra práticas sexuais contrárias à natureza biológica do homem. E, sobretudo, há que educar a juventude contra o risco da promiscuidade e o vagabundeio

sexual” . Note-se que não é o Padre que fala no confessional, mas o cientista-descobridor do HIV.

O que D. Rafael não cita é o pensamento completo de Luc Montagnier, como quando ele diz:

Eu penso que a campanha de disponibilizar preservativos para os jovens a 0.16 euros é muito importante e isso deveria ser generalizado. De fato o perigo está presente e há poucas campanhas nacionais voltadas para os jovens. Muitas farmácias vendem preservativos a preços proibitivos para os jovens. O efeito dessa campanha de preços acessíveis é notável. Certamente, o preservativo não é a única atitude de prevenção: gosto de lembrar que a limitação do número de parceiros e a fidelidade recíproca são também atitudes responsáveis.

Em seu estilo subreptício, Dom Rafael prossegue:

Uma fonte da Internet subscreve: “Em maio de 2003, um estudo realizado na França pelo “Instituto da Saúde e da Pesquisa Médica”, põe os cabelos em pé, ao indicar que a metade dos preservativos usados se rompem ou se utilizam mal: há, portanto, segundo esse estudo, somente uns 50% de eficácia prática dos preservativos. A eficácia teórica, realizada no laboratório em condições ideais, é bem diferente da eficácia alcançada no uso prático dos preservativos.

O leitor fica se perguntando: que “fonte” será essa? Por que ele a indica, assim veladamente, se os dados que ela traz são tão importantes?

Esta mesma fonte acrescenta: “Toda sociedade se fundamenta na confiança que os cidadãos têm nos responsáveis políticos, escolhidos democraticamente nas urnas, por isso mesmo não há nada mais decepcionante que a queda dessa confiança. Confiamos em que os responsáveis políticos haverão tomado nota destes importantes estudos que se acabam de citar, para agir em consequência, já que não se pode brincar com a saúde dos cidadãos.

A verdade é que não se trata de fonte alguma, nem de citação alguma. O site que Dom Rafael indica não é de fonte, mas de um obscuro senhor José Javier Ávila Martínez e de seu site, que de fonte não tem nada. Esse senhor Ávila Martínez só aparece no Google como membro do Opus Dei e secretário do Colégio Tajamar (também do Opus Dei) em Madrid. Esse seu não fundamentado “dado” (o de que o Instituto francês teria anunciado que 50% dos preservativos não funcionam!!) já foi retirado de seu site e só consta (sempre sem a indicação da suposta fonte) em meia dúzia de “fontes” reprodutoras do Opus Dei ou similares...

Só uma pessoa que jamais usou um preservativo é capaz de acreditar em uma besteira desse porte!

Isto não impede de Dom Rafael concluir:

O descobridor do HIV, o Centro de Controle de Doenças de Atlanta (que, segundo o autor, teria afirmado acacianamente que a única prevenção absolutamente segura é a abstenção), o Instituto da Saúde e da Pesquisa Médica da França, não falam fundamentando-se numa norma religiosa mas, pelo contrário, baseando-se nos resultados orientados por um estudo científico sério e consciencioso. Então, como é possível dizer que a “Igreja nega o óbvio”?

Mas o descobridor do HIV é a favor da ampla distribuição de preservativos e o “Instituto da França” é uma quimera do site piensaunpoco, satélite do Opus Dei...

Mas o melhor ainda está por vir: a candura com que D. Rafael contempla rapidamente o milagre de Uganda! Nenhuma discussão ideológica, nem uma palavra sobre as pressões de Bush, nenhuma voz contrária: para ele, o fato é simples: todos os ugandenses vivem a castidade, não usam preservativo e a Aids foi erradicada.

Menciona-se o caso de Uganda que em 1991 contava com uma taxa de infecção de 20%, enquanto que no ano de 2002 tinha descido aos 6%, em virtude de uma política sanitária centrada na fidelidade e na abstinência, não no preservativo.

A fonte indicada? O boletim Aceprensa, feito pelo Opus Dei e que se encontra em todos os seus centros. E o jornal *La Gaceta de Negocios*:

O jornal espanhol La Gaceta de los Negócijs, (16/12/02) comenta nesse sentido: “os patrocinadores do preservativo, como principal instrumento de prevenção da AIDS, em lugar de aceitar esta evidência – o grande sucesso da Uganda – se obstinam nas políticas de extensão do uso do preservativo, que leva inevitavelmente consigo o implícito convite à promiscuidade sexual sob a mentirosa promessa do ‘sexo seguro’. O resultado é o que temos diante dos olhos. Há loucos dispostos a tudo antes de propor o domínio sobre as paixões”. A afirmação está feita por um jornal comercial, não por um boletim paroquial.

Dom Rafael omite o fato de que a Gaceta de Negocios é sim um boletim das sacristias do Opus Dei: é o carro-chefe “en la creación de un grupo multimedia de orientación católica y conservadora (los principales accionistas de Negocios son destacados miembros del Opus Dei)”.

Assim, esgrimindo habilmente suas “fontes”, algumas ligadas ao próprio Opus, Dom Rafael vai posando de cientista, esquecendo de que a Igreja precisa preservar, antes de mais nada, a verdade e a correção.

O estudo de Dom Rafael, que se originou nessas fontes ligadas ao Opus Dei, fecha seu ciclo e acaba reproduzido em sites ligados ao Opus Dei (ou afins): como o Portal da Família, o Veritatis Splendor, etc. E la nave va...

[1] Em <http://blogdodario.blogspot.com/2007/07/camisinha-como-o-opus-dei-argumenta.html>, acessado em 19/01/2009.

ANEXO B – Os supernumerários e a “direção espiritual” no Opus Dei – um exercício de ficção

[Este estudo figurava no extinto grupo de discussão Opus Dei Brasil no Orkut e – independentemente de sua autoria – é, por si só, um valioso e revelador *sketch*.]

O Opus Dei, quando lhe convém, quer se fazer passar por uma instituição católica a mais e proclama que seu *modus operandi* é o do comum católico. Em muitos casos, porém, as práticas do Opus são bizarras e não encontram nenhum similar na história, embora, para efeitos de propaganda, eles se apresentem como se fossem normais e correntes.

O livro *Opus Dei os Bastidores* alerta para diversos malabarismos semânticos do Opus Dei, que se apresenta camuflado, sob as bênçãos da Igreja Católica e com a aprovação e o louvor de seus estatutos pelos papas. Na realidade, como já dito anteriormente, os estatutos são genéricos, e quando a Igreja aprova princípios abstratos: “os membros do Opus Dei procuram viver a obediência cristã”, “a direção espiritual” etc. talvez nem desconfie sobre o modo concreto de como as coisas se realizam de fato no Opus.

Tomemos o caso da direção espiritual, no Opus Dei, chamada internamente de “conversa fraterna” ou “confidência”. Em recente reportagem da revista “Época” - Opus Dei: o sofrimento das "domésticas" da organização -, com sua habitual agudeza e objetividade, a jornalista Eliane Brum escreveu: “Uma vez por semana, as auxiliares [membros solteiras] são submetidas à ‘conversa fraterna’. No ritual contam à ‘diretora espiritual’ tudo o que pensaram e sentiram, usando o que o fundador chamava de ‘sinceridade selvagem’. São aconselhadas, como os demais numerários, a começar sempre pelos ‘sapos mais gordos’.”

Rapidamente, o site OpusAlegria, que recolhe somente artigos em defesa e louvor do Opus Dei, escritos por membros e simpatizantes, publicou a seguinte crítica, de autoria da responsável pelo site: Danielle Marangon Jung: “Na Obra ninguém é ‘submetido’ a nenhum ‘ritual’. As pessoas vão livremente à direção espiritual em busca de um

conselho amigo, fraterno, que lhes faça crescer em sua vida de oração, de trato com Deus. A direção espiritual, que nada mais é que uma conversa com um padre ou outro leigo, não é algo inventado pelo Opus Dei, é algo que sempre existiu na Igreja. Santo Ambrósio, por exemplo, foi diretor espiritual de Santo Agostinho.”

Por se tratar de um caso emblemático da camuflagem e manipulação semântica a que nos referíamos, vamos analisar com algum detalhe como se dá a “direção espiritual” no Opus Dei.

O freqüentador dos centros do Opus Dei, enquanto ainda não ingressou na Obra, tem a direção espiritual, uma conversa periódica com um sacerdote do Opus Dei e, nesse caso, trata-se de uma direção espiritual mais próxima da normal da Igreja.

Quando, porém, a pessoa ingressa na Obra, uma das primeiras surpresas (dentre as inúmeras) que encontra é a de que não irá mais “falar” com o padre que atendia sua direção espiritual antes de ela ser da Obra; a direção espiritual, agora, será feita semanalmente (no caso dos numerários / quinzenalmente, no caso dos supernumerários) com o diretor (/a diretora) leigo: a “conversa fraterna”.

Essa “direção espiritual” é algo inventado pelo Opus Dei e NÃO coincide de modo algum com a direção espiritual “que sempre existiu na Igreja”. Senão, vejamos: trata-se de uma conversa com uma pessoa que eu não escolhi; na qual talvez eu não confie e com uma obrigação de sinceridade muitíssimo maior do que a que se exige a qualquer católico que faça uma boa confissão.

Lembrando que os textos do Fundador, São Josemaría Escrivá, exigem do membro do Opus a adesão incondicional que se deve à própria palavra de Deus e que não se admite em relação a eles o mais mínimo questionamento (nem sequer interior: o pecado do “espírito crítico”), vejamos alguns clássicos de Escrivá, recordados freqüentemente aos membros:

1. A Confidência é o principal meio de santificação na Obra.[1]

2. Como a vocação abrange a totalidade da vida, nada fica à margem da direção espiritual: “la vida familiar, profesional y social, plena de pequeñas realidades terrenas”[2]. Diz também Escrivá: “Deveis ser muito claros na direção espiritual e expor as circunstâncias concretas do trabalho, da família e das obrigações sociais”. Qualquer “conselho” (ou mesmo uma insinuação) do diretor deve ser obedecido como se fosse ordem vinda do próprio Jesus Cristo. Se até num livro “externo” como Sulco, Escrivá preceitua: “Obedece-se com os lábios, com o coração e com a mente. - Obedece-se não a um homem, mas a Deus”. (No. 374), pode-se facilmente imaginar como a obediência é total para os membros.

3. Nessa “conversa” o dirigido deve ter uma atitude de sinceridade selvagem: não falar – mesmo um detalhe pequeno – é contrair um segredo com Satanás: “No dia em que tiverdes num cantinho de vossa alma uma coisa que o diretor que atende vossa Confidência não saiba, teríeis um segredo com o diabo”[3]. É a sinceridade selvagem, da qual o Fundador fala até em outro livro “externo”, Forja: “Se o demônio mudo - de que nos fala o Evangelho - se mete na tua alma, põe tudo a perder. Mas se é expulso imediatamente, tudo corre bem, caminha-se feliz, tudo anda. - Propósito firme: "sinceridade selvagem" na direção espiritual, unida a uma delicada educação... E que essa sinceridade seja imediata.” (No. 127)

4. Quem vai a essa direção espiritual deve começar contando o que lhe é mais íntimo, o que mais lhe dá vergonha (o famoso “sapo gordo” de que mil vezes falou Escrivá) e necessariamente reportar eventuais problemas e dificuldades sobre fé, pureza e a vocação à Obra[4], que Escrivá destaca no livro “externo” Sulco: “A tua felicidade na terra identifica-se com a tua fidelidade à fé, à pureza e ao caminho que o Senhor te traçou” (No. 84).

5. Como “quem dá a direção espiritual é o Opus Dei” (e não o diretor Fulano ou Sicrano, que o representam ao receber a Confidência de um membro), o diretor está obrigado a não guardar segredo do que lhe foi contado e reportar todos os dados relevantes a seus superiores...

A sessão de “direção espiritual” costuma durar de 45 a 60 minutos e os conselhos recebidos devem ser seguidos com total docilidade e sem nenhum espírito crítico.

Assim, ao cabo de dez anos, um membro terá gastado uma média de 300 horas, violentando-se para expor com detalhe cada milímetro quadrado de sua intimidade (evidentemente as confidências da Confidência são unilaterais: o diretor nunca conta nada de sua vida para o dirigido...) para um diretor com o qual talvez ele não tem empatia, que talvez lhe aconselhe disparates (mas mesmo assim ele está obrigado a obedecer...) e com a obrigação (isto não fica claro para os dirigidos, mas é realíssimo) de contar a quem “de direito” as confidências do membro... A senhora Danielle Marangon Jung me perdoe mas isto não tem nada a ver com a direção espiritual da Igreja. E quando a senhora Danielle Marangon Jung diz que as pessoas do Opus Dei fazem livremente a direção espiritual, é naquele sentido de que quando aceitam entrar para a Obra (livremente?), assinam uma espécie de cheque em branco aceitando tudo o que vier depois, a maior parte das exigências sendo ignoradas no momento em que aceitaram.

Não há maneira melhor de avaliar o potencial explosivo dessa prática bizarra, que é o ritual da conversa de “direção espiritual” do Opus Dei, do que passando do abstrato ao concreto. Trata-se de dinamite pura quando se trata de pessoas casadas, com outro supernumerário ou não...

A conversa fraterna de supernumerários – um exercício de ficção

Tomemos o caso do casal de supernumerários Sílvio e Sílvia, tipificados naturalmente.

Sílvio e Sílvia estão casados há 18 anos, freqüentaram o Opus Dei desde a juventude, atualmente têm seis filhos: o mais velho (17 anos) é numerário e mora no centro; os outros têm 15, 13, 12, 8 e 3 anos. Sílvio é médico e chefe de Departamento de um Hospital no Rio; Sílvia também tem curso superior, mas praticamente não exerce, pois tem de cuidar do lar.

Com tantas despesas, o Dr. Sílvio voltou a dar plantões para conseguir um extra. Num domingo, no fim da tarde, Sílvia vai - com os filhos na van - buscá-lo no fim do plantão. Ele entra na van, beija a esposa que lhe diz baixinho “Pax” e ele responde murmurando: “In aeternum” (a saudação usada só por membros da Obra, discretamente).

Ele liga o rádio para ouvir os minutos finais do Flamengo X Vasco, pois nas últimas horas do plantão não teve um minuto livre.

Ela abaixa o volume do rádio com delicadeza e pergunta:

- Amore, você já rezou o terço?

As crianças, quietas atrás, rezam para que o pai diga que sim... Ele vacila... e aumenta o rádio:

- Deixa só eu ver quanto está o jogo, a gente reza já, já.

Sílvia desliga o rádio e sentencia (recriminando a Sílvio pelo mau exemplo que acaba de dar aos filhos):

- Crianças, papai e mamãe vão rezar o terço, vocês querem rezar conosco?

Às crianças, ante a pergunta retórica, só resta o protesto do emudecimento.

Chegam em casa justo no fim do terço, que Sílvio rezou distraído, pela nhaca do plantão e por ficar tentando adivinhar se os rojões que ia ouvindo na rua eram do Mengo...

Jantar, tertúlia em família (os gols da rodada, por “conselho” da diretora, são gravados para serem vistos no dia seguinte, para que as crianças não assistam ao Fantástico com o pretexto de esperar os gols) eles vão jogar Banco Imobiliário e, depois, crianças para a cama.

Quando estão sós, Sílvia diz:

“- O terço deu justinho, se você tivesse ouvido o jogo nós não teríamos cumprido essa norma do Plano de Vida”. E embora a diretora já lhe tivesse avisado de não cobrar a vida espiritual do marido, ela, enquanto lava a louça, não lhe poupa a ironia:

“- Plantão agitado esse seu, hein? 24 horas e não sobra 15 minutos para rezar o terço...”

Sílvio, sem forças para discussões inúteis, desaba na banquetta da cozinha e deixa que entre por um ouvido e saia por outro. Mas Sílvia não pára: “- Até o Serginho de 3 anos percebeu que você não queria rezar o terço... que belo exemplo para as crianças! E eu tenho de fazer o papel da megera! Não é de estranhar que o Luís [o de 15 anos] já não esteja freqüentando o centro da Obra!” Sílvio reúne suas últimas forças e recorre à estratégia infalível: levanta-se e começa a beijar a orelha da esposa e sussurrar: “- Eu não ia te falar, mas o plantão de hoje foi tão duro, não parou e além de tantos casos dramáticos, houve uma monte de problemas burocráticos com os convênios... mas mesmo nos momentos mais duros eu oferecia tudo pelas intenções do meu amor. E eu dizia: ‘Jesus, eu te ofereço este plantão pela Silvinha, e eu te agradeço tanto pelo amor da minha vida’”.

Feitas as pazes, vão se deitar, não sem antes cumprirem as últimas normas do “Plano de Vida” prescrito por Escrivá: rezam as 3 Ave Marias da pureza de joelhos com os braços abertos em cruz e pingam água benta na cama.

A mulher deita-se de costas para o marido, sinalizando que não está a fim e que quer dormir. Sílvio transforma o stress do plantão e a frustração de não saber o resultado do jogo em desejo sexual e deita-se amoldando-se ao corpo da esposa: “- Sílvio, não começa, hoje não é dia!”. Ele a acaricia nos pontos sensíveis e ela suspira, acusando o golpe. Ele intensifica as carícias e começa a procurar penetrá-la: “Amore, não!” “-Só um pouquinho, vamos fazer de modo não perigoso”.

Nesse momento, Sílvia lembra-se do conselho de Escrivá (não dialogar nem um segundo com tentações contra a pureza ou a vocação: afastá-las como se fossem uma cobra), invoca a ajuda do santo Fundador, levanta-se da cama e diz em tom irrefutável: “Não ‘perigoso’?!?!?! Você vai de novo dormir no sofá! Por favor! Se você não for, vou eu! Eu não estou disposta a ter agora um sétimo filho nem a expor minha fé e vocação! Já-pa-ra-o-sofá!”.

E assim acaba o domingo. Na terça-feira, Sílvia vai ao centro para assistir ao círculo das supernumerárias e para ter a direção espiritual, a Confidência. Ela chega uma hora antes e quem lhe abre a porta é a diretora, Helô. Como todas as numerárias, Helô ingressou na Obra sendo virgem e assumiu o compromisso de manter-se celibatária e o de seguir os

preceitos da Obra para as numerárias: evitar todo e qualquer trato pessoal com homens: nunca aceitar caronas, almoços, conversas etc.

- Pax.

- In aeternum.

- Como você está abatida, Sílvia, aconteceu alguma coisa?

- Não, nada!

- Bom, hoje é dia de termos a conversa [de direção espiritual], você prefere que falemos agora ou depois do círculo?

- Vamos falar já, é melhor.

Sílvia passa no oratório e faz uma genuflexão para cumprimentar Jesus no sacrário e, em seguida, vão ao escritório da diretora. Como de costume, sentam-se em poltronas em ângulo de noventa graus e, como de costume, a dirigida puxa a agenda, na qual anotou os pontos a tratar na direção espiritual.

- Anteontem aconteceu de novo... Você sabe que eu, pessoalmente, com a graça de Deus, não tenho tido problemas de vocação, mas entendo que Nosso Padre tenha indicado que começássemos a confidência falando de vocação e da santa pureza porque eu estou muito preocupada. Eu lembro que Don Álvaro [o primeiro sucessor de Escrivá, muito venerado no Opus Dei] sempre falava aos casais que a porta do céu tinha o nome do cônjuge e, quando estivemos em Roma, ele me falou que a porta do céu para mim se chamava Sílvia e que nós íamos nos salvar juntos ou... [Sílvia fica com os olhos marejados de lágrimas e a voz embargada e não consegue concluir: "... ou nos condenar juntos"].

- Calma, Sílvia, tudo tem jeito. Você esqueceu que a jaculatória que mais repetimos na Obra é: "Omnia in bonum", todas as coisas são para o bem?

- Pois é, no domingo aconteceu de novo e pior do que nunca. Eu segui o seu conselho e fui com as crianças pegar o Sílvio no final do plantão. Eu estou muito preocupada com ele porque acho que ele não está cumprindo as normas de piedade do plano de vida da Obra: acho que ele não está fazendo as duas meias horas de oração, nem a leitura espiritual, nem sei se ele está mentindo quando diz que assiste à Santa Missa todos os dias na capela do hospital...

- Por que você acha isso?

- O jeitão dele. No domingo, eu já tinha rezado meu terço mas por puro amor eu me ofereci para rezar o terço com ele no carro e ele não quis; ele queria ouvir o jogo no rádio do carro... Até as crianças notaram... Que será que ele fica fazendo naquelas horas de plantão que não sobra 15 minutos para rezar o terço...? E, depois, na hora da tertúlia em família – e, você sabe, é a maior dificuldade manter as crianças longe da TV – ele ficou mandando indiretas sobre os gols da rodada, que era Flamengo e Vasco... e para as crianças eu sou a megera, que não deixa ligar a TV, que põe todo mundo para rezar... Eu continuo preocupada com o estado espiritual do Sílvio.

- Hã, hã...

- Bom, depois disso tudo, fomos para o quarto e eu senti que ele queria sexo.

- Como é que você sentiu isso?

- Ele começou a se aproximar, a me acariciar, a se encostar; eu senti que ele estava excitado e eu também comecei... Mas, aí eu fui forte e falei para ele que não era dia...

- Sílvia, é bom que vocês examinem a consciência: se não está sendo uma falta de generosidade para com Deus vocês só terem sexo em dias estéreis... Nosso Padre deixou um critério muito claro: cada filho traz consigo seu sustento, *viene al mundo con un pan debajo del brazo*... É bom que você repita muitas vezes aquela jaculatória: *Adauge nobis fidem*..., Senhor, aumenta minha fé. E aquela outra de *Caminho* ponto 153: “Senhor, que me vais dar quando me exigis ‘isso’”?

Sílvia anota os conselhos e prossegue...,

- Como eu dizia, de pureza eu não tive problemas, a não ser nesse domingo à noite: o Sílvio veio com aquelas carícias que estavam mexendo comigo...

- Quais carícias?

- Bom... carícias... na orelha e aqui (apontando para os seios)... Eu estava quase perdendo o controle...

- Como assim, não dá para controlar?

- É difícil... é como um choque elétrico e umas ondas de calor... eu só consegui me segurar quando ele falou que a gente podia fazer de um jeito “não perigoso”. Aí, Deus me deu forças e eu pulei da cama e fiz aquilo que você me aconselhou: sofá.

- Ele queria sexo “alternativo”? [oral ou anal]

- Não sei, mas o que que era “jeito não perigoso”?

A conversa continua, Sílvia falando de como foi o cumprimento das normas de piedade na semana, dos problemas na educação dos filhos (Helô lembra o critério de que TV só se liga para assistir a programas previamente estabelecidos) etc.

Acabado o círculo, Helô dedica sua meia hora de oração da tarde a falar com Deus dos problemas das supernumerárias que atendeu na direção espiritual. Em seguida, redige um informe discreto para enviar para a delegação (governo estadual) expondo as dificuldades conjugais da Sílvia. Junto com a nota escrita, Helô telefona e explica meio em código para a diretora estadual responsável pelas supernumerárias o caso:

- Estou te mandando uma nota informando sobre os problemas da Sílvia, aqueles problemas... é, estão se repetindo e dessa vez ele forçou a barra e queria comunicação por canais indevidos...

A diretora estadual, ante a gravidade do caso, informa a diretora correspondente da assessoria [governo feminino nacional], que encaminha o informe ao sacerdote secretário (o responsável pela interface das duas seções) que informa o Vigário (o chefe geral do Opus Dei no país), que, após discutir com outros membros da Comissão [governo masculino nacional], informa a delegação masculina, que informa o diretor do Sílvio para que, prudentemente, tome providências.

O vigário e o sacerdote secretário bem que tentam evitar esses (e outros) problemas de interface, mas é difícil: a solução - teoricamente simples - é a de que para os supernumerários não devem ser levadas a sério algumas prescrições do Escrivá; é mais do que suficiente que eles cumpram seu papel de tropa: ter muitos filhos e encaminhá-los desde cedo aos clubinhos, centros e colégios da Obra; trazer gente às atividades apostólicas; colaborar com dinheiro e pedir dinheiro para as diversas campanhas apostólicas da Obra; defender a Obra dizendo que são pessoas normais, que vão ao cinema, que nunca viram um cilício, etc... Não devem ser enfatizadas para supernumerários algumas exigências - teoricamente para todos - impostas aos numerários, como a de ser selvagemmente sinceros... precisamente para evitar problemas como esse, mas Sílvio e Sílvia conhecem bem as exigências de Escrivá - são mesmo um casal emblemático de supernumerários, dirigentes das Associações de Família ligadas à Obra - e aí fica difícil, sobretudo com uma numerária diretora que também não se toca. Ah, essas mulheres...

Alguns dias depois, Sílvio vai ao centro para o círculo de supernumerários. Carlos, o diretor, abre-lhe a porta: - Pax, Sílvio, preciso falar com você.

- Sílvio, eu não vou poder atender tua conversa hoje, depois a gente fala com calma e você me conta, mas tem um negócio urgente que eu quero que você ouça o que eu vou te falar, como diretor e como amigo. E faz de conta que eu não te falei nada, ou então que só te falei genericamente. E principalmente com a Sílvia você não comente nada, disfarça. Deu um problema lá com a seção feminina - sabe como é, elas levam tudo ao pé da letra, fazem cavalo de batalha por qualquer coisa, ainda mais na idade da Sílvia, o stress dela, coitada, não nos compete julgar. Da tua parte, depois nós vamos ter uma conversinha; mas, para já, para evitar problemas, pelo menos nessa fase, você, por favor, toda vez que ela convidar para rezar, você, por favor aceita na hora, mesmo que

você esteja acabado por um plantão. E depois no relacionamento conjugal não faça nada que possa dar a aparência de concupiscência, de ferir a moral matrimonial: se você sentir que não tem forças, sei lá vai dormir no sofá... Depois a gente conversa.

Triste e abatido, Sílvio nem consegue mais ter desejos em relação à esposa, mesmo em “dia que é dia” ele não consegue, não quer, desanimou.

No domingo seguinte, Sílvio tem novo plantão: no tédio em que está imerso, não consegue cumprir as normas e nas horas em que não é solicitado zapeia a TV, esboça umas palavras cruzadas, conversa com o colega, José Carlos:

- Sílvio, você que é católico e participa dessas associações de família, bem que podia dar um toque no Alexandre da Ortopedia: outro dia no *happy hour* ele bebeu umas a mais e veio com um papo meio esquisito que ele vai “traçar” a Soraia, a residente, que ela não vai resistir às promessas de compromisso dele, mas que o que ele quer é “faturar” ela, que ele tem um tesão por meninas ingênuas, que já pegou várias e vai pegar mais essa...

Faltam somente seis das vinte e quatro horas de plantão, Sílvio está só na sala, quando entra a jovem Dra. Soraia:

- Dr. Sílvio, acabou o meu plantão, eu fui fazer um lanche e trouxe esse beirute para o senhor e um suco de uva light. Eu reparei que o senhor nem jantou...

- Puxa, Soraia, muito obrigado.

- Depois o senhor devolve os talheres para o seu Barbosa da lanchonete? Ou deixa, eu mesma levo. Na verdade, Dr. Sílvio, eu queria dizer uma coisa para o senhor: o senhor pode ir para casa, porque eu prefiro fazer mais seis horas de plantão, eu cubro seu horário...

- ????

- Sabe o que é, Dr. Sílvio, é que se eu voltar para casa, não vai me fazer bem: ficar sozinha com essa tristeza...

- Não chora, Soraia, que foi que aconteceu?

- Nada, Dr. Sílvio, é que para mim hoje é melhor ficar aqui, pelo menos eu me distraio, o trabalho sempre é um bom remédio, quando a gente está assim...

- Mas, o que foi que aconteceu, Soraia?

- É que... é que o Alexandre e eu acabamos...

- O Alexandre, aquele cafajeste...!

- Dr. Sílvio..., por mais que eu esteja sofrendo... eu não quero que ninguém fale mal do Alexandre. Eu acho que com a intimidade de um casal ninguém tem nada que ver... Eu nem sei porque que eu estou falando isso com o senhor..., deve ser porque o senhor, Dr. Sílvio, é a pessoa que eu mais admiro... Mas eu não devia estar falando de problemas com o senhor, que anda tão triste... Perdoe, me perdoe, Dr. Sílvio.

Depois de preservar totalmente a figura do crápula (de fazer inveja a “O último desejo” de Noel Rosa: “...diga sempre que eu é que não presto...”) e manter um silêncio absoluto sobre o extinto relacionamento, Soraia fica conversando com Sílvio e eles nem reparam que já se passaram as seis horas do plantão do Sílvio, que se oferece para levar a jovem e desconsolada colega para casa...

O resto, como se diz, é história: após a separação do casal de supernumerários, na Obra correm para apagar todos os registros do Sílvio em associações e colégios “ligados” à Prelazia; para avisar pessoalmente a cada supernumerário ou numerário ligado ao Sílvio que “rezem por ele” (eufemismo para dizer que ele é um traidor, condenado) e, para os que insistirem em saber o que aconteceu, insinuar que a infidelidade começa por pequenas coisas: “ele começou a atrasar a contribuição [financeira] mensal para a Obra, começou a pôr dificuldades para fazer o retiro espiritual e o convívio anuais [cerca de

10 dias por ano em que o supernumerário passa confinado com outros supernumerários em sítios da Prelazia]”, e que devemos rezar por ele e abafar o caso...

Notas

[1] “La Confidencia -esa charla sincera, llena de sentido sobrenatural- es el medio de santificación más soberano que, aparte de los sacramentos, tenemos en el Opus Dei”. Escrivá citado no documento interno “Experiencias sobre el modo de llevar charlas fraternas Roma, 19-III-2001”,

http://www.opuslibros.org/libros/Expchfr/I_Consideraciones.htm.

[2] Escrivá citado em Ibid.

[3] «El día que tuvierais un rincón de vuestra alma, una cosa que no sabe el que lleva vuestra Confidencia, tendríais un secreto con el diablo. Sería triste que, para servir a Dios, tuvierais una vergüenza que no tienen los demás para ofenderle» (Escrivá, Meditaciones IV, pág. 595).

[4] Qualquer falta de sinceridade é ainda mais indesculpável nesses três campos, como se lê em um panegírico oficial da Obra: Coverdale, John F. La fundación del Opus Dei, p. 201 <http://iniciativas-opus-dei.evangelizando.org/libros/fundacion-opus-dei.pdf>

ANEXO C – Valoração crítica de *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire

[Resenha crítica elaborada por membro do Opus Dei, para substituir a leitura do texto original.]

El ensayo de Freire no es un estudio serio y científico. No parte de datos evidentes o demostrados, sino de impresiones subjetivamente recibidas en el sistema escolar y en la situación social de algunas regiones del nordeste del Brasil y de Chile.

Utiliza, aunque sin emplear la terminología, los conceptos y principios pedagógicos de la «escuela activa». Esto en cuanto a la metodología propuesta. La finalidad es político-social, de inspiración claramente marxista, aunque entreverada de psicologismo. Un tono enfáticamente hegeliano no logra ocultar la extrema carencia intelectual del pensamiento de Freire, que tiene más de agitador (en un ambiente de enseñanza primaria para adultos) que de filósofo.

Freire propone el método activo para «concientizar» a los educandos dentro de una ideología que él utiliza como *a priori* indiscutido: la dialéctica opresor-oprimido. Ese es el telón de fondo, el punto de partida y la meta de llegada. Dentro de ese molde opresor-oprimido que él generaliza también apriorísticamente, va introduciendo astutamente contenidos pedagógicos, sociales, políticos, religiosos, antropológicos, filosóficos, y los va introduciendo en una terminología a la vez de corte demagógico y con apariencia científica, para ganar adeptos en quienes va paulatinamente creando un convencimiento de estar recibiendo un certero diagnóstico de la realidad y una terapia apropiada y liberadora.

Hace una crítica de lo que él llama pedagogía bancaria. ¿Es objetivamente la pedagogía empleada en todos los sistemas escolares latinoamericanos? Es posible que en algunas regiones esto ocurra. Pero ¿se puede hacer la inducción generalizadora partiendo de unos datos particulares no esencialmente representativos del todo? Tiene - en parte- validez la crítica allí donde se compruebe la existencia de esa «educación bancaria».

Para crear en el lector la impresión de verdad utiliza la técnica de la repetición: a lo largo del libro, como *ritornello*, se va oyendo: la situación real es de opresor-oprimido, sólo puede venir la liberación de la crítica consciente de los oprimidos. El

lector termina aprendiéndose el *ritornello*, y es posible que no sólo memorice el estribillo, sino que llegue a convencerse de que la situación es universal, y la solución, la única posible.

El autor simplifica la relación hombre-mundo a una estructura opresor-oprimido. Sobre este punto de partida elabora todo el andamiaje teórico explicativo de la realidad, y puede entonces concluir que así como el opresor necesita, para mantener la situación de opresión, de una teoría y una práctica educativa que es la educación bancaria antidialógica, así también el oprimido para liberarse debe elaborar una teoría-praxis que es precisamente la pedagogía para la liberación, llamada por el autor acción dialógica o pedagogía del oprimido. Estamos frente a una supersimplificación de la historia y de la educación.

El método Freire parece que fue inicialmente utilizado por su autor para la alfabetización y técnicamente se conoce como el método psicosocial. Pero no busca sólo la alfabetización, sino que pretende «concientizar», que en definitiva termina con la formación de una conciencia de clase. De allí se pasará a la acción revolucionaria, que si es necesaria, debe ser violenta; pero, según el autor, aunque sea violenta, es amorosa porque no es una violencia originaria, sino una respuesta a la violencia del opresor, y en esa respuesta precisamente se libera al oprimido violentado y al opresor violento; por tanto (?), se hace por amor.

Al existir una violencia institucionalizada, la situación real es de opresores y oprimidos. Pero esta situación niega al hombre, opresor u oprimido, su misma esencia. Es necesario liberar al hombre, y esto sólo lo puede hacer la clase oprimida luchando violentamente, pero por amor, contra los opresores. Los oprimidos son como el «pueblo escogido» de donde debe venir la liberación por la lucha de clases, que viene justificada como medio indispensable para conseguir un fin bueno: la liberación. Además es buena la lucha porque se hace con amor, con mucho amor. Estas tesis van dirigidas a quitar cualquier escrúpulo o temor de hacer algo malo al emplear la violencia.

Cualquier persona que lea con espíritu prevenido advierte la manipulación de los conceptos. Se llama amor y ley del amor a lo que en realidad es la ley del odio dialéctico, o sea, la lucha de clases de los marxistas. Se sostiene, de hecho, la licitud de la violencia, en contraposición abierta con la doctrina de Cristo.

Estos planteamientos logran acogida entre los marxistas porque les proporcionan un instrumento más para su estrategia; sin embargo, Marx rechazaría sin duda el burdo y superficial conglomerado de elementos heterogéneos que Freire ofrece a los

cristianos. Sí alcanza simpatía entre ciertos cristianos, porque está escrito con alguna terminología cristiana. Y si su cristianismo es sólo de palabras, creen encontrar allí una manifestación de la vida cristiana, sin percatarse que esa terminología no es sino una densa cortina de humo, ennegrecida también por las alusiones a la injusticia, que realmente existe en muchos sectores del mundo actual. Pero detrás de esa cortina de humo hay toda una concepción antropocéntrica del mundo muy cercana al «humanismo» ateo y materialista del marxismo clásico.

Indudablemente, el autor pretende ganar para sus formulaciones al cristiano, y por esto emplea una terminología simpática para él, sobre todo si está influido ya por los planteamientos de algunas de las llamadas «teologías de la liberación», en las que hay unos rasgos semejantes y quizá una común genealogía y una misma tácita finalidad: el reino de los cielos intramundano.

Para una crítica de conjunto a las ideas de Freire puede verse también la recensión a *El mensaje de Paulo Freire*.

R.H.T.T.